



A SALVAÇÃO DA TERRA...
MICROBACIAS
A SALVAÇÃO DO HOMEM.
SOMOS TODOS PARCEIROS

A MARCA DA REGIÃO



Participação confirma momento de parceria

Cotrijuí, prefeituras e Emater aprovam campanha publicitária para as microbacias hidrográficas. A campanha confirma um grande momento de parceria e a definição do trabalho de conservação e recuperação do solo como prioridade da região.

4 e 5

AVEIA

Três novas variedades

CTC-3, UPF-16 e UFRGS-14 são os lançamentos da 13ª Reunião Sulbrasileira de Pesquisa da Aveia, realizada em Ijuí, nos dias seis, sete e oito de abril.

8 e 9

Em defesa do trigo

Excluído da cesta básica e sem uma política definida, o trigo passa por um momento delicado.

Fecotrigo e lideranças do setor prometem a formação de uma Frente Nacional de Defesa do Trigo

6

PARCERIA

Um negócio que está dando certo

Barra do Guarita está dando um exemplo de como uma parceria formada com agricultores pode resultar na compra de um trator para ser usado no trabalho de microbacias hidrográficas

10

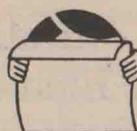


Campanha para o solo

ais uma etapa decisiva para a ampliação do programa de conservação e recuperação do solo - Programa para a Próxima Década. Confirmando uma parceria que vem sendo aprimorada nos últimos anos, as prefeituras da região e Emater, puxadas pela Cotrijuí, aprovaram agora em maio, uma grande campanha publicitária para as microbacias hidrográficas, um trabalho estimulado pela Cotrijuí desde 1982 e que resultou até hoje em cerca de 20 projetos espalhados pela região. Com um custo de 372 milhões de cruzeiros rateados entre todas as entidades promotoras, a campanha de microbacias vai trazer dentro de um breve um novo visual na paisagem da região. Uma série de instrumentos visuais, como out dors, folders, cartazes,

selos e anúncios, de áudio, e vídeo, vão mostrar de maneira objetiva e a todo momento, a importância desse trabalho de solos organizado e os benefícios proporcionados principalmente aos municípios essencialmente agrícolas. Na verdade, a campanha de microbacias está simbolizando um grande momento de parceria vivido pela região onde os municípios que tem suas receitas formadas por uma média de aproximadamente 80 por cento das atividades agropecuárias estão buscando junto com a Cotrijuí e a Emater, soluções conjuntas para sair da estagnação econômica e promover o seu desenvolvimento social. Páginas

4 e 5.



Profissionalizar para competir

Rui Polidoro Pinto

Quando se pretende analisar o atual e difícil estágio da assistência técnica no país, e, mais ainda, projetar seu futuro, é elemento indissociável nesta reflexão a percepção do processo produtivo como um todo, integrado nas partes que o compõem e inserido no contexto político econômico a que está submetido.

A velocidade das mudanças que se processam na era dos blocos econômicos - Mercosul entre eles - imprime uma nova dinâmica e força rápidas adaptações de pessoas e organizações.

A busca de competitividade, superando até mesmo o conceito de produtividade, é a palavra da moda a comandar esta nova postura de todos quantos dependem direta ou indiretamente da agricultura em sentido lato. A conquista de objetivo tão difícil e ambicioso não se resume, obviamente, a mero esforço individual como se isso bastasse para atingi-lo. Constitui, sem dúvida, exigência imperiosa de todos os segmentos que partilham ações e resultados desta atividade econômica.

E embora muito se diga a respeito, é preciso reconhecer que ainda falta uma compreensão e uma articulação mais decisiva para que esta parceria aconteça. Ocorre que o necessário virou urgência - o jogo dos mercados está sendo duramente disputado, e

quem não correr fatalmente será alijado.

Para que esta parceria funcione e se traduza em resultados positivos para todos, é imprescindível somar forças para, em primeiro lugar, arrancar do governo central uma política agrícola que realmente beneficie a produção de alimentos, resgatando de vez a grande vocação deste país.

Em segundo lugar, mas não menos importante, o setor primário precisa construir o seu novo projeto, sob a compreensão de que o todo é maior que a soma das partes e que os benefícios somente poderão ser distribuídos se forem alcançados pelo conjunto. Pontifica neste sentido a necessidade de, a par de lutar pela manutenção da assistência técnica, ampliar e aprofundar significativamente o esforço pela profissionalização da agricultura.

O estabelecimento de um adequado processo produtivo só ocorrerá com a convivência harmônica e integrada dos agentes envolvidos, a começar pelo produtor. Nele repousa a função mais importante do processo. Se ele crescer, se for bem sucedido na sua profissão, todos que estiverem a seu lado, antes e depois da porteira da fazenda, também crescerão.

A pergunta que se impõe é exatamente esta: o nível de profissionalização de nossos produtores é satisfatório? Ou, o que se vê hoje induz a uma inevitável análise crítica?



"A busca de competitividade, superando até mesmo o conceito de produtividade é a palavra da moda a comandar esta nova postura"

O fato é que de um lado temos tecnologia disponível e uma agricultura bastante organizada, pujante e moderna; de outro devemos reconhecer que a maioria absoluta de nossos agri-

cultores, principalmente os de menor porte, estão empobrecidos, endividados, com poucas perspectivas de sair desta situação. De modo que é oportuno indagar se não será possível que mais produtores venham a tornar-se empresários bem sucedidos no seu negócio, e de como isso pode ser alcançado.

Acreditamos que o primeiríssimo passo está na formação tecnológica e administrativa, na educação para a profissionalização, na capacitação profissional e no adequado gerenciamento da atividade. Seguramente aí está a nossa maior deficiência e, em decorrência, o nosso maior desafio. Nosso - de dirigentes, técnicos, empresários, governantes e agricultores. Enfrentá-lo não é mais uma opção e sim uma necessidade.

A meta que propomos é a de identificarmos claramente os papéis de cada um - Estado e iniciativa privada - através do debate democrático e da ação integrada, numa parceria produtiva, em proveito de todos os envolvidos, racionalizando custos, porquanto os recursos são escassos, definindo os "planos estratégicos regionais" através dos Conselhos Municipais de Política Agrícola previstos na Lei Agrícola aprovada pelo Congresso Nacional em 1990.

*** Rui Polidoro Pinto é diretor-presidente da Fecotrijo**

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90.480-000 - Fone (051) 337-26-44, Fax (051) 341-4466 - Telex 511102 CTXT

Rio Grande - Terminal Granelheiro - 4ª Secção da Barra - Distrito Industrial - CEP 96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex 531120 - Fax (0532) 34.1500

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450-000 - Fone (0532) 43-10-02 - Telex 532362 CRTS - Fax (0532) 43-14-85

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional
Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90480-000 - Fone (051) 3372644 - Fax (051) 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Ijuí - Rua das Chácaras, 1513 - Cx. Postal 111 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3765 - Fax (055) 332-5161

Cotridata - Processamento de Dados Ltda.
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí/RS - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS
- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.
Avenida Porto Alegre, 668 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO - Fax (055) 332-3949

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente
Ruben Ilgenfriz da Silva
Vice-presidente
Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Dom Pedrito
Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)
João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano Breitenbach, Valdir Domingos Zardin, Erno Schneider, Juarez Padilha, Florício Barreto e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:
Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon, Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas, José Moacir da Conceição e Ari Göergen.

Conselho Fiscal (Efetivos)
Rudy Arno Bönmann, Amaury Antônio Scheer e Nelson Mário Bandeira

Suplentes
Ari Maffi, Milton Luiz Calgare e João Cesar Picolli

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM
Regional Pioneira..... 585.800 t
Rio Grande..... 220.000 t
Dom Pedrito..... 91.000 t
Total..... 896.800 t

COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre
REVISOR
Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.



ENERGIA

Subestação será ampliada

Em audiência mantida com o presidente da companhia Estadual de Energia Elétrica, Vieira da Cunha e com o secretário de Minas e Energia, Airton Dipp, o prefeito Wanderley Burmann e o presidente da Cotrijuí Ruben Ilgenfritz da Silva, obtiveram a promessa de instalação de um novo transformador na subestação de Ijuí. "A promessa, informa o secretário municipal de Energia e Comunicações, Luiz Tadeu Ceccato, é para queo transformador seja instalado no prazo máximo de 90 dias. Com a instalação do novo transformador, de 25 megawatts, a subestação ficará com uma capacidade total de 35 megawatts, "e essa potência será suficiente para, pelo menos uns 10 anos", acredita Ceccato projetado a construção de uma nova subestação em Ijuí. Aliás, o projeto já foi entregue pelo prefeito Wanderley Burmann ao governador Collares. A ampliação da capacidade gera-



Euclides Casagrande, Luiz Tadeu Ceccato e Rubens Barcellos
Visita às obras da agroindústria da Cotrijuí

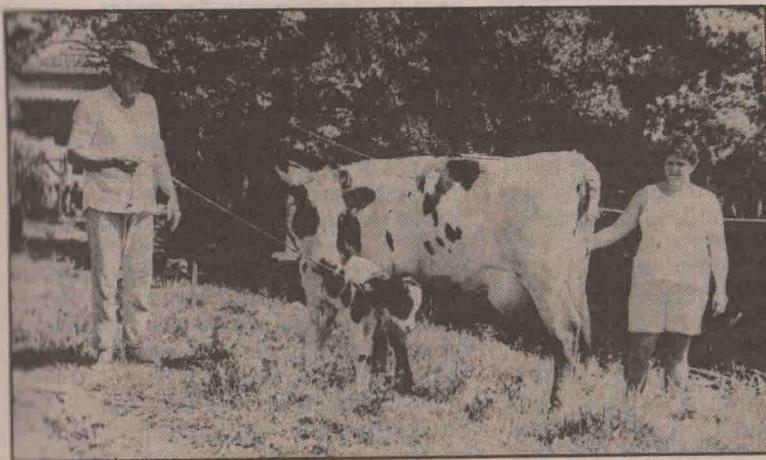
dora da subestação se faz necessário em razão da entrada em funcionamen-

to da primeira unidade da agroindústria de cereais da Cotrijuí, já a partir

do segundo semestre. Apenas o funcionamento desta primeira unidade, vai exigir uma potência instalada de 1,6 megawatts. "Sem a instalação deste novo transformador, estamos com a nossa capacidade esgotada", observa o engenheiro electricista da Smecom, Ruben Silva Barcellos. No final do ano, quando a agroindústria estiver funcionando com sua capacidade total, a potência instalada, no caso da Cerealista da Cotrijuí, se eleva para 3 megawatts.

Em fins de abril, o secretário Luiz Tadeu Ceccato, acompanhado pelo engenheiro electricista Ruben da Silva Barcellos visitou as obras da agroindústria da Cotrijuí, onde juntamente com o vice-presidente Euclides Casagrande avaliou a possibilidade de instalação de uma rede específica direta da subestação até a Cerealista, "o que deverá ocorrer", sinalizou.

Tati, uma vaca precoce



Seu Dari e a dona Lucilélia Schumann, os proprietários da Tati

No dia 6 de junho, a novilha holandesa que atende pelo nome de Tati, estará completando dois anos de idade. Até aí tudo bem, não fosse a precocidade da Tati, uma novilha de propriedade do seu Dari e da dona Lucilélia Schumann, associados da Cotrijuí na unidade de Chiapetta e que no dia 24 de março passado teve a sua primeira cria. "É uma novilha que foi bem criada", segreda o seu Dari, referindo-se ao fato da Tati ter sido criada dentro da orientação técnica, recebendo, nos seus primeiros 30 dias de

vida leite materno e, após este período, ter sido alimentada com Terneleite, feno, silagem e concentrado. No dia 19 de junho do ano passado, com pouco mais de um ano de idade, a Tati já tinha atingido o peso ideal para ser inseminada. Produzindo em torno de 25 litros de leite/dia, a Tati vem recebendo de alimentação apenas concentrado, em função da falta de pastagens nesta época. "A Tati é uma prova de que uma vaca não precisa atingir três anos de idade para começar a reproduzir", destaca seu Dari.

EMBRAPA

20 anos de pesquisa

Com o slogan "O Brasil colhe os Frutos da Pesquisa", a Embrapa comemorou no dia 26 de abril, 20 anos de existência. Seus 79 mil metros quadrados de laboratórios e áreas experimentais distribuídos em 41 Unidades de pesquisa espalhadas pelas mais diferentes regiões do País, já produziram, neste período, mais de oito mil tecnologias com resultados de grande impacto na produtividade da agropecuária nacional. Formada por um corpo técnico de 2.082 pesquisadores - 54 por cento possui curso de mestrado e 31 por cento curso de doutorado -, a

Embrapa, uma das mais importantes empresas de pesquisa do mundo, possui mais de 3.700 projetos de pesquisa em andamento e mantém intercâmbio com 103 países.

Melhorar a eficiência produtiva do setor agropecuária, reduzir custos de produção e ajudar o País a aumentar a oferta de alimentos, conservando recursos naturais e o meio-ambiente e reduzindo a dependência externa de tecnologia e produtos agropecuários, são resultados do trabalho da Embrapa durante seus 20 anos de existência.

Fórum do produtor

Entidades representativas dos pequenos produtores rurais instalaram em Porto Alegre o Fórum Permanente do Pequeno Produtor no Mercosul, em reunião com representantes do Ministério da Agricultura e da Comissão Nacional do Pequeno Produtor - Sub-Grupo 8 do Mercosul.

Fazem parte representantes da Fetag/RS, Emater, Ocergs, Embrapa, Contag, UFRGS, Secretaria da Agricultura, Fecotriço, Departamento rural da CUT, Cientec, Unisinos e Conab.

Na mesma reunião foi criado o Fórum Permanente e a Comissão Executiva do Trabalho, formada por representantes da Emater, Embrapa, Ocergs, Fetag e Secretaria da Agricultura.

A comissão executiva reúne-se no próximo dia 12 de maio, para elaborar um diagnóstico dos produtos mais sensíveis e definir medidas visando a reestruturação e reconversão desses produtos. E no dia 24 de maio o Fórum volta a reunir-se para conceituar esses grupos e criar comissões temáticas a fim de agilizar a viabilização dos trabalhos e do Sub-Grupo 8, do Mercosul.

Fetag promove seminário

A Fetag promove nos dias 22 e 23 de junho próximo, em Porto Alegre, no Seminário Maior de Viamão, o Seminário Estadual de Viabilização Econômica das Pequenas Propriedades Rurais.

A programação do evento está assim organizada: Atividades desenvolvidas pelo movimento sindical de trabalhadores rurais no setor de política agrícola, a conjuntura agropecuária mundial - tendências e perspectivas, numa abordagem do analista internacional, Argemiro Luís Brum, da Unijuí.

À tarde do mesmo dia, Mercosul - aspectos conjunturais e históricos e transações comerciais pelo modelo prático, sistema cooperativo tradicional frente ao modelo econômico com a Fecotriço, e Programas especiais da Secretaria da Agricultura no Estado, voltados para a pequena propriedade.

No segundo dia (23) - Organização interna das pequenas propriedades e formas associativas, pelo professor da Unicruz, Jurandir Zamberlan, seguindo-se trabalho em grupo. À tarde, sessão plenária e conclusões, com análise da importância do sindicato no meio rural.

curtas

AGRIBUSINESS - Tomou posse, como vice-presidente da Associação Brasileira de Agribusiness, o presidente da Fecotriço, Rui Polidoro Pinto. A solenidade de instalação da Abag, que tem como presidente Ney Bittencourt de Araújo, ocorreu no auditório Nereu Ramos, no Congresso Nacional, em Brasília.

TROCA-TROCA - Ao falar durante o 4º Fórum Nacional da Soja sobre os "Novos Mecanismos de Comercialização da Soja", o diretor do DEAP/Banco do Brasil, Roberto Ricardo Machado falou sobre a possibilidade de venda antecipada dentro do sistema troca-troca, a ser operacionalizada através de um título para também ser negociado diretamente na Bolsa de Valores. A proposta já se encontra tramitando no Congresso Nacional, em forma de Projeto de Lei e a idéia fundamental é criar uma cédula contratual, "transferível por endosso, com vinculação de garantias", a ser preenchido pelo produtor. Através deste tipo de contrato, o produtor pode comprometer parte de sua produção, recebendo o dinheiro correspondente.

MICROBACIAS HIDROGRÁFICAS

Campanha conjunta pelo solo

Em breve a paisagem da região deve ganhar um novo visual proporcionado pela inclusão de uma campanha de conscientização sobre conservação e recuperação do solo. A campanha é promovida em parceria pela Cotrijul, prefeituras da região e Emater

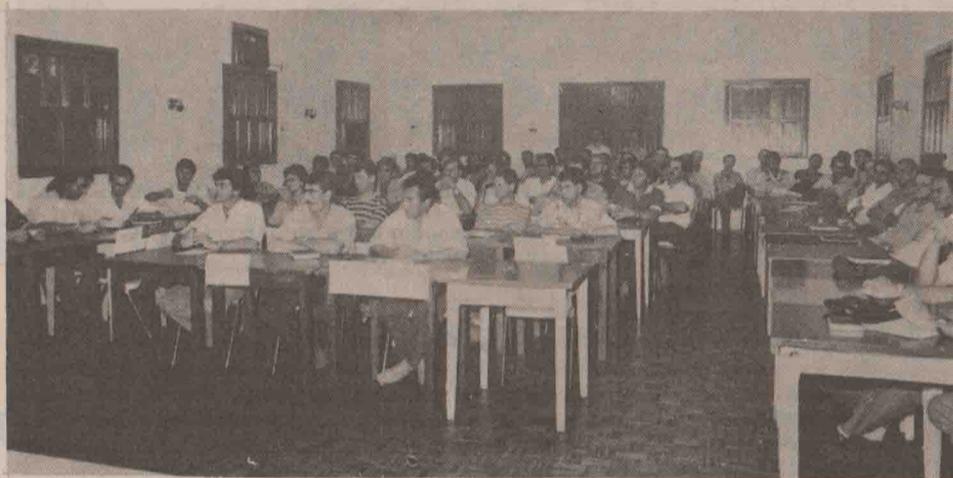


Parceria reafirmada
Campanha aprimora
trabalho integrado

Tão necessário quanto a concretização dos trabalhos de microbacias hidrográficas é a própria conscientização da sua importância para a recuperação da economia essencialmente agrícolas. Dependente de recursos financeiros, as microbacias são antes de mais nada, como tem dito administradores mais experientes, um trabalho construído a partir de uma nova mentalidade e fundamentalmente por decisão política dos municípios.

Desde 82, a Cotrijul vem alicerçando esta idéia organizada mais tarde pelo lançamento de um programa de recuperação e exploração conservacionista de solo projetado para dez anos, envolvendo cerca de 20 municípios e orçado em mais de 130 milhões de dólares. Este volume de recursos abrange todos os investimentos de maquinário, correção do solo e práticas conservacionistas que possibilitem a readequação completa do sistema produtivo e o ingresso de novos patamares de produtividade nas atividades agropecuárias.

CAMPANHA - No dia 4 de maio, o programa de solos ganhou mais um reforço com a aprovação de uma campanha publicitária para as microbacias, apoiada pela Cotrijul, municípios da região e a Emater. A reunião contou com a presença da direção da Cotrijul, do diretor da Emater para cooperativas, Lino Hamann, do prefeito de Ijuí Wanderley Burmann, prefeito de Santo Augusto, Alvorindo Polo, prefeito de São Valério do Sul, Antonio Soares de Oliveira e do vice-prefeito de Eraldo Seco, Arlindo Radons, mais representantes de Jóia, Augusto Pestana, Coronel Barros, Ajuricaba, Inhacorá, Chiapetta, Coronel Bicaco, Redentora, Dois Irmãos das Missões, Braga,



Participação
Representantes das prefeituras lotaram a Afucotri

Miraguai, Tenente Porteira, Derrubadas, Vista Gaúcha, Barra do Guarita e São Luiz Gonzaga.

Patrocinada pelas prefeituras, Cotrijul e Emater a campanha publicitária elaborada pela Agência Z Comunicação, de Ijuí, inclui uma série de instrumentos com outdoors, adesivos, selos, cartazes, folders e anúncios em jornais e televisão. Todos estes instrumentos estão trazendo uma espécie de marca registrada do trabalho de recuperação e conservação do solo e de que a relação de parceria entre poder público, cooperativas, produtor e extensão rural está sendo cada vez mais priorizada pela comunidade regional.

RECONHECIMENTO - "A região está empenhada em demonstrar que as microbacias hidrográficas são importantes não só para o agricultor, mas para todo o município e inclusive para os que moram na cidade", afirmou o presidente da Cotrijul, Ruben

Ilgensfritz da Silva, durante a reunião realizada na Afucotri, reconhecendo a decisão das prefeituras e da Emater em buscar as formas mais adequadas e sem paternalismo, para conter o crescente processo migratório desordenado. Lembrou também que para essa decisão contribuiu muito um primeiro passo firmado no ano anterior com a distribuição mais equilibrada nos orçamentos municipais.

Segundo o presidente da Cotrijul, esse procedimento é antes de tudo uma resposta proporcionada pela capacidade da região em priorizar seus problemas e definir soluções objetivas de bem-estar social. Com exceção do Conselho Metropolitano de Desenvolvimento de Porto Alegre, exemplificou todos os outros elegeram a conservação do solo como seu assunto fundamental.

O trabalho de microbacias nada mais é do que a sistematização da nos-

sa realidade, considerou por fim o presidente, lembrando que o desafio imposto aos administradores públicos, econômicos e políticos não poderia ser diferente. De Jóia a Barra do Guarita são 20 municípios que contam com uma receita formada em mais de 70 por cento pela produção agropecuária, enfrentando os mesmos problemas de êxodo rural e as suas consequências e com potencialidades semelhantes para expandir o processo tecnológico produtivo e mudar o perfil econômico da região.

PARCERIA - O diretor da Emater, Lino Hamann, também destacou o momento de parceria vivido pela região, dizendo que ele é fundamental para o cumprimento das metas estabelecidas pelo Estado na área de conservação do solo em microbacias. Segundo o diretor, o Estado tem hoje 155 municípios trabalhando em projetos de microbacias hidrográficas, mas espera fechar o ano em pelo menos 200 municípios. Pelos números atuais, significa que apenas cinco por cento da área cultivada do Estado, ou seja, pouco mais de 300 mil hectares pertencem a uma área de microbacias envolvendo 315 projetos. "A meta, disse Lino, é chegar ao fim de ano com 400 projetos de microbacias".

Entusiasmado com a aprovação da campanha e com o desenvolvimento de ações coordenadas, o representante da Emater salientou ainda como um fato marcante o convênio estabelecido entre Cotrijul e Emater para a realização de um calendário técnico conjunto. "É um trabalho pioneiro na região", assinalou, apontando mais uma vez a responsabilidade dos participantes da reunião para estancar os problemas da miséria agrícola.

Troca de informações

Antecedendo a reunião de lançamento da campanha de microbacias hidrográficas na região, os representantes dos 19 municípios presentes a Afucotri assistiram a uma explanação a respeito dos detalhes de distribuição do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços e também do Funrural. A exposição sobre ICMS foi feita pelo técnico em tributação da Cotrijul, Sergio Luis Tolotti e pelos fiscais de tributos estaduais, Valmor Alievi e Dari Soares, enquanto a parte do Funrural foi apresentada pelo diretor da Divisão Administrativa da Cotrijul, Gustavo Drews.

"A nossa intenção foi demonstrar que não há nenhuma disposição pré-determinada em beneficiar algum município quanto ao retorno de ICMS", dis-

se Tolotti. Segundo o técnico, este procedimento é realizado com base nos registros contábeis e fiscais, apresentado no somatório anual das operações e informado através do documento guia-informativo modelo B, no qual constam o valor das saídas e das entradas e da produção primária.

O maior problema sentido pelos municípios essencialmente agrícolas, ressaltou o técnico, é quanto a formação do índice do Valor Adicionado, a base de cálculo que estabelece a participação dos diversos municípios no retorno de ICMS. Este índice é resultante da diferença entre entradas e saídas de produtos, efetuadas pelas empresas ao longo do ano, mas tem o valor computado apenas quando os valores das segundas ultrapassam o das primeiras.



Reunião paralela
Maiores detalhes
sobre ICMS

Além disso, explicou Tolotti, há um certo desequilíbrio na distribuição do Valor Adicionado. Enquanto 75 por cento do seu valor é fixo para toda a União, os 25 por cento restantes são distribuídos pelo Estado da seguinte for-

ma: 7 por cento - área do município, 7 por cento - população do município, 5 por cento - número de propriedades rurais do município, 3,5 por cento - produtividade primária do município e 2,5 por cento - fixo para todos os municípios.

O futuro da terra e do homem

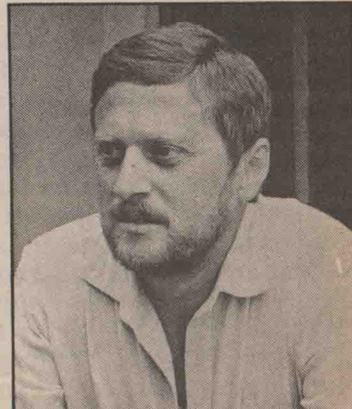
A campanha de microbacias hidrográficas é um marco decisivo para ampliação de um trabalho fundamental e prioritário nos municípios da região

Microbacias - a salvação da terra... a salvação do homem. Com este apelo forte, a campanha de conscientização sobre recuperação e conservação do solo patrocinada em conjunto pela Cotrijuí, prefeituras e Emater, pretende chegar a todos os recantos da região e até fora dela, para mostrar o que são as microbacias e os benefícios trazidos por elas. Uma série de instrumentos visuais, de áudio e vídeo projetados pela agência Z Comunicação deverão estar em vias públicas, estradas, correspondências e anúncios, oficializando de certa forma, uma prioridade de trabalho tomada em parceria pela comunidade regional.

Consenso entre técnicos, administradores experientes e produtores determinados, as microbacias são na verdade um ponto-chave para o desenvolvimento de municípios que possuem a maior parte do bolo de suas receitas formadas pela agropecuária. E o que comprova isso é a própria estagnação econômica regional, representada por médias de produtividade incompatíveis com a concorrência de mercado, os índices de arrecadação dos municípios e em última instância o inchaço urbano e o desemprego nas cidades.

Por outro lado, a sua importância também é evidente pelos resultados obtidos em municípios gaúchos e regiões do Paraná, que já fizeram do trabalho organizado de conservação do solo uma obrigação, e por isso já sustentam médias de produtividade que viabilizam as mais diferentes atividades agropecuárias.

ORGANIZAÇÃO - Unidade de planejamento agrícola conservacionista coletivo, que abrange o espaço físico compreendido pelo rio e toda a área de terra que conduz



Rivaldo Dhein
Microbacia exige investimentos e boa vontade

Esforço conjunto
Integração política deve impulsionar a conservação de solo

as águas pluviométricas até ele. Esta é a definição técnica das microbacias que são hoje, junto com outras questões mais específicas de incremento tecnológico, um dos assuntos de maior preocupação dos técnicos, diante de uma necessidade que inclui no mínimo a readequação de oito mil quilômetros de estradas, o terracamento de mais 270 mil hectares, a correção de aproximadamente 260 mil hectares e a ampliação de práticas de manejo como a rotação de culturas, cobertura do solo e especialmente o plantio direto, entre tantas outras.

Atualmente estes aspectos todos são trabalhados em uma série de projetos de microbacias espalhadas pela região que contabilizam apenas 40 mil hectares. "Temos 20 projetos, mas provavelmente devemos fechar os próximos dois anos com uns 40 proje-

tos", assinala o pesquisador e supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein, enfatizando, entretanto, que a preocupação do setor é aperfeiçoar e concluir primeiramente os projetos já iniciados.

TRIPÉ FUNDAMENTAL - A expectativa do pesquisador se explica ainda por um dos componentes mais definidores do trabalho de microbacias, que é o processo de parceria envolvendo um tripé formado pelo produtor, poder público e assistência técnica. "A microbacia exige investimentos financeiros, e, mais do que isso, vontade política e determinação", costuma dizer o pesquisador, considerando as dificuldades para formação de patrulhas mecanizadas em todos os municípios que fazem parte da área de atuação da Cotrijuí e até mesmo a falta de recursos por parte do produtor para complementar as práticas me-

cânicas na propriedade. Ainda assim são muitos os resultados obtidos pela própria parceria regional, através do empenho demonstrado junto ao Conselho Regional de Desenvolvimento do Noroeste Colonial e da criatividade do associativismo estimulado em vários municípios, proporcionando inclusive a aquisição de maquinário indispensável. Além disso, é de destacar, segundo Rivaldo, o esforço do produtor em investir na correção da fertilidade do solo por meio do programa específico de financiamento da Cotrijuí, responsável pela correção, somente no ano passado, de 30 mil hectares. Esta mesma aglutinação deve servir ainda como ressonância para projetos financeiros de grande porte e pela sua representação nas esferas estaduais e federais.

Fora isso, é preciso lembrar que muitas ações realiza-

das em microbacias são feitas com pouco ou nenhum dinheiro, acentua mais uma vez Rivaldo, salientando que muitos resultados dependem exclusivamente da mudança de mentalidade e não de dinheiro. A própria distribuição da área agricultável conforme sua capacidade de uso é um exemplo da determinação do produtor para usar melhor a terra.

As microbacias, portanto, finaliza o pesquisador, dizem respeito a um trabalho definido basicamente pela integração, tanto no seu lado mais político, como na sua parte mais técnica, onde as práticas mecânicas estão aliadas às práticas de manejo cultural e às de proteção ambiental, e onde as divisas de propriedade deixam de existir e com elas também as vossorocas, dando lugar a uma eficiente organização agrícola conservacionista.

Produtividade começa com "B."



A base da produtividade.

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

TRIGO

É preciso plantar

A exclusão do trigo da cesta básica gerou protestos entre as lideranças do setor que começam a se articular para promover um movimento em defesa da triticultura nacional

Uma Frente Nacional em Defesa do Trigo. Esta a proposta da Fecotriço que tem por objetivo evitar que a triticultura nacional seja enterrada de uma vez por todas, especialmente depois que o governo em sua política agrícola lançada recentemente retirou o trigo da pauta de produtos agrícolas básicos para a alimentação. A decisão de sair em defesa do trigo foi tomada nas reuniões regionais realizadas em Santo Ângelo, Carazinho e São Sepé e promovidas pela Fecotriço, onde, entre outros assuntos, foi analisada a situação da triticultura nacional dentro da nova política do governo Itamar. "É preciso haver uma mobilização muito forte não apenas com vistas a esta safra que já começa a ser plantada, mas também para garantir a perenidade da triticultura nacional", afirma o presidente da Fecotriço, Rui Polidoro Pinto.

Essa ameaça das lideranças do setor tritícola gaúcho de partir para medidas mais duras para combater o descaso que vem sendo dado ao cereal, não deverá passar pela condição vexatória de mendigar soluções pelos gabinetes de Brasília, "com documentos reivindicatórios em mãos como já fizemos tantas vezes, mas com poucos

resultados práticos", avisa Polidoro Pinto. A proposta alinhavada nas reuniões com os dirigentes das cooperativas filiadas, é de mudar a forma de mobilização, atraindo a atenção das lideranças de outros estados produtores, dos governadores, deputados federais e lideranças empresariais vinculadas a cadeia de Agribusiness, "onde pretendemos mostrar a importância do trigo para o conjunto da economia nacional", explica o presidente da Fecotriço concordando com a proposta dos demais dirigentes das cooperativas filiadas de que é preciso "modernizar o tipo de manifestação".

MAIS IMPORTANTE - Apesar dos muitos recuos registrados nestes 50 anos de triticultura no Brasil, o trigo não pode deixar de comemorar alguns avanços. Um destes diz respeito aos ganhos de produtividade que conseguiu incorporar, "especialmente depois que o Grupo do Trigo, criado em 1985, passou a brigar por uma política de incentivo e assistência técnica", observa o assessor de Economia da Fecotriço, Tarcísio José Minetto. Essa política resultou em melhores ganhos de produtividade através da incorporação de tecnologia. Os 1.032 quilos por hectare, produzidos em

1985, pularam para 1.800 em 1989 e 1.850 quilos por hectare em 1992, "isso a nível de Rio Grande do Sul". Afóra a questão da produtividade, Minetto diz que é preciso considerar que ainda hoje, o trigo é a única alternativa de inverno capaz de diluir os custos fixos da lavoura de verão, em especial o da soja, "tornando-se mais competitiva".

Plantar é preciso, segundo Minetto, porque o trigo cumpre ainda uma outra função: é um dos mais importantes produtos da cadeia alimentar, "embora não venha recebendo o mesmo reconhecimento por parte do governo que prefere importar o produto". Afinando sua posição com a de Tarcísio Minetto, Rui Polidoro Pinto reage a esta situação e diz que não se pode permitir que a triticultura tenha seu fim decretado por manobras governamentais ou por setores descontentes com a possibilidade de auto-suficiência deste alimento tão estratégico para o país. "Não podemos permitir que façam com o trigo o que fizeram com o café e com o cacau", desafia o presidente da Fecotriço.

Nas reuniões realizadas com os dirigentes de cooperativas para análise da política agrícola do governo, fi-

cou registrada a indignação pela retirada do trigo da cesta básica, especialmente considerando os seus efeitos multiplicadores sobre a economia como um todo. Como pode um produto que representa tanto para a sociedade, ter decretada a sua extinção desta forma?, indagaram os dirigentes dispostos a promover uma mudança nesta situação.



Uma das reuniões promovidas pela Fecotriço aconteceu em Santo Ângelo. A ameaça dos triticultores de tomar medidas duras contra a decisão do governo

Lavoura encolhida, dinheiro perdido

A política de redução da triticultura nacional tem um custo bem mais alto do que apresentam cálculos mais simplistas. Cada hectare de trigo que deixa de ser plantado a cada ano, representa em média uma perda de impostos para União, Estados e municípios de aproximadamente 200 dólares, praticamente o mesmo valor do custo de implantação de um hectare. O cálculo é do economista rural da Divisão Agrotécnica da Cotrijuí, Luis Juliani, ao fazer uma comparação dos níveis de arrecadação de impostos sobre o trigo, incluindo o valor agregado, entre as safras de 1989 e 1992 - anos em que a área da cultura atingiu respectivamente 177 mil e 50 mil hectares na região da Cotrijuí. Índices levantados pelo setor de tributação da Cooperativa.

Neste parâmetro de comparação estão incluídos o Funrural, o ICMS, o Confins, o PIS, a Contribuição Social e o Imposto de Renda, e além disso, o ICMS sobre o combustível e o frete, assinala Juliani, explicando que o cálculo está baseado na produtividade média colhida pela região da Cotrijuí em 1992 - mil 872 quilos por hectare - e considerando o preço médio do trigo naquele ano - 8,27 dólares por saco.

A mesma produtividade tomada pelo Juliani, evidencia portanto, que somente na região da Cotrijuí o governo deixou de arrecadar nada menos do que 26 milhões de dólares. Em relação ao produtor, o encolhimento da lavoura fez com que deixassem de circular 32 milhões de dólares, uma soma considerável do ponto de vista financeiro, salienta o economista, lembrando que a área de trigo de 1988 não faz parte da recomendação técnica de ocupação do solo no inverno, em função da rotação de culturas. De qualquer forma, se a comparação fosse feita com a área de lavoura recomendada, de 90 a 100 mil hectares, os números ainda seriam alarmantes.

Importância estratégica

O Empréstimo do Governo Federal - EGF - para o trigo, vencido em 30 de abril, está sendo prorrogado para até o dia 31 de julho. Isso significa que o produtor tem mais 90 dias pela frente para tentar comercializar a sua produção. Segundo informações da Fecotriço, existem ainda em torno de 1 milhão de toneladas de trigo egefeadas, no Brasil, sem comercialização. O mercado interno, no entanto, continua sendo abastecido com as importações provenientes da Argentina, taxadas em 5 por cento, quando na verdade, este imposto pela entrada do produto de fora deveria estar em 15 por cento.

O Rio Grande do Sul, de acordo com dados levantados pelo IBGE e divulgados pela Fecotriço, colheu, de uma área de 489.315 hectares plantadas em 1992, 905.332 toneladas de trigo. A lavoura colhida, a nível de Brasil, foi de 1.995.449 hectares, de onde foram colhidas 2.838.790 toneladas de produto. O rendimento médio neste último caso, foi de 1.424 quilos por hectare. Na lavoura gaúcha, o rendimento médio foi de 1.850 quilos por hectare - conferir tabela ao lado. Mesmo reconhecendo as dificuldades da triticultura nacional, fruto do descaso do governo em relação ao cereal, a Fecotriço vem apostando numa lavoura semelhante em termos de área, à cultivada na safra passada.

As cooperativas gaúchas receberam 632.688 toneladas de trigo, o equivalente a 70 por cento do total produzido em 1992. Deste, 410.753 toneladas foram transformadas em EGF - o que corresponde a 65 por cento da produ-

ção. Até o momento, no entanto, foram comercializados apenas 50 por cento da produção colhida. O trigo gaúcho que vem sendo comercializado, está sendo vendido a 150 dólares a tonelada, produto posto em Porto Alegre.

Na região de atuação da Cotrijuí, a área plantada em 1992 chegou a 50 mil hectares, com um rendimento médio de 1.872 quilos por hectare - o equivalente a 31,20 sacos por hectare. As primeiras intenções de plantio apontam para um incremento na área ao redor de 15 por cento. Na verdade, e isso o produtor não pode esquecer na hora de programar sua lavoura, o trigo é ainda hoje, a alternativa econômica, em termos de produção de grãos, mais importante a ser cultivada no inverno. Soma-se a esse argumento, a sua im-

portância estratégica como alimento e ainda o fato de viabilizar a lavoura de soja, na medida em que contribui para reduzir seus custos fixos.

Problemas existem e fica difícil de ignorá-los. Mas continuar plantando é preciso. A incorporação de tecnologia tem mostrado que é possível se tirar bons rendimentos. Quem colheu mais de 30 sacos por hectare na lavoura passada, sabe muito bem disso. Os próprios custos de implantação de um hectare de trigo, publicados na página ao lado, mostram que, com 27 sacos por hectare - evidentemente que aqui não estão sendo consideradas as despesas financeiras - o produtor pode pagar suas despesas. Pior é deixar de ganhar com uma lavoura que é viável, que tem VBC e cobertura do Proagro.

ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DO TRIGO NO RIO GRANDE DO SUL PERÍODO DE 1980 a 1992						
Safra	Área colhida ha	Crescimento anual %	Produção em (t)	Crescimento anual %	Rendimento Kg/ha	Crescimento anual %
80	1.358.522	100,00	1.016.243	100,00	749	100,00
81	903.501	66,51	1.072.456	105,53	1.187	152,69
82	1.308.052	96,28	516.790	50,85	395	52,81
83	690.566	50,83	797.422	78,47	1.155	154,41
84	634.297	46,69	601.795	59,22	949	126,87
85	970.804	71,48	1.001.958	98,59	1.032	137,97
86	1.197.724	88,16	1.739.340	171,15	1.452	194,12
87	998.324	73,49	1.783.449	175,49	1.786	238,77
88	1.051.188	77,38	1.605.043	157,94	1.527	204,14
89	808.649	59,52	1.461.720	143,84	1.808	241,71
90	988.158	72,74	1.168.688	115,09	1.183	158,16
91	617.413	45,45	682.684	67,18	1.106	147,86
92	489.317	36,01	905.332	89,08	1.850	247,32
Média	924.347	68,04	1.104.071	108,64	1.244	166,37

TRIGO

O custo da lavoura

Para implantar um hectare de trigo, o produtor vai gastar 196,09 dólares, mais 22,87 dólares de Proagro e 3,91 referentes a assistência técnica. Essas despesas serão cobertas com a colheita de no mínimo 27 sacos de trigo por hectare



Trigo

Na região, a área pode crescer um pouco em relação a cultivada em 1992

atividade agrícola. Com o trigo não é diferente. Hoje mais do que nunca o produtor precisa programar sua lavoura, usar tecnologia e traçar metas de produção. Esta é a única forma de poder fazer parte desse mercado que não está deixando espaço para a triticultura nacional.

CUSTOS DE IMPLANTAÇÃO - Mas em quanto deverá andar uma lavoura de trigo, implantada dentro das recomendações técnicas? devem querer saber alguns produtores. Um estudo elaborado pelo Luís Juliani, do Departamento de Economia Rural/Divisão Agrotécnica da Cotrijuí, poderá ajudar o produtor na sua decisão de plantar trigo neste inverno. O fundamental é que a lavoura seja bem feita, capaz de superar as ridículas médias alcançadas nestes últimos anos, resultado da própria política de desestímulo do governo.

Na elaboração do estudo - conferir quadro ao lado - o Luís Juliani levou em consideração o uso de uma tecnologia recomendada e que envolve duas aplicações de fungicidas, tratamento de sementes, 250 quilos de adubo da fórmula 5-20-20 e mais 100 quilos de uréia para uso em cobertura. A soma destes itens, mais o uso de 130 quilos de semente e o inseticida, fizeram o Juliani chegar a um custo de 176,57 dólares por hectare. "Isso significa que, para cobrir estas despesas, o produtor terá de colher 21,4 sacos de trigo por hectare", explica.

As despesas se elevam em mais 2,3 sacos por hectare,

RECURSOS NECESSÁRIOS PARA IMPLANTAÇÃO DE 01 HECTARE DE TRIGO				
Item	Quantidade Kg/ha	Cr\$ por ha (1)	US\$ por ha (2)	Sacos Necessários (3)
1. Insumos				
1.1. Semente	130	815.061,00	30,01	3,6
1.2. Fertilizantes				
- Manutenção	250	1.137.593,00	41,89	5,1
- Cobertura	100	527.183,00	19,41	2,4
1.3. Defensivos				
- Inseticida	0,15	51.406,00	1,89	0,2
- Parte aérea (2 aplic.)	0,50	1.215.780,00	44,78	5,4
- Tratam. semente	0,24	355.220,00	13,08	1,6
1.4. Combustíveis	82,00	692.900,00	25,51	3,1
Subtotal	-	4.795.143,00	176,57	21,4
2. Outros	-	529.963,00	19,51	2,3
Total recursos	-	5.325.106,00	196,09	23,7
3. Proagro - 11,7%	-	621.060,00	22,87	2,8
4. Projeto técnico	-	106.164,00	3,91	0,5
Subtotal	-	727.224,00	26,78	3,3
Total geral	-	6.052.330,00	222,87	27,0

(1) Preço dos insumos no dia 13.04.1993

(2) Dólar do dia 13.04.93 - US\$ 27.156,80

(3) Consideramos o preço médio comercializado em 1992 - US\$ 8,27 saca de 60 kg

re, totalizando 23,7 sacos, quando são acrescentados os custos de conservação e reparos - item Outros. Ou seja, em vez de 176,57 dólares por hectare, o produtor vai precisar de 196,09 dólares para implantar um hectare de trigo.

O Juliani considerou ainda no estudo o custo do Pro-

agro - de 11,7 por cento - e do projeto técnico, resultando no acréscimo de mais 3,3 sacos de produção para cobrir as despesas finais. Ou seja, o custo final de implantação de um hectare de trigo fica em 27 sacos, com o produtor necessitando de 222,87 dólares para fazer a sua lavoura.

Não estão incluídos no estudo as despesas financeiras - juros. Para chegar ao cálculo dos sacos necessários para cobrir os custos de formação da lavoura, o Juliani usou como referência o preço médio recebido pelo produtor em 1992, que ficou em 8,27 dólares.

Produtividade começa com "B."



A opção lógica.

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

XIII REUNIÃO SULBRASILEIRA DE PESQUISA DA AVEIA

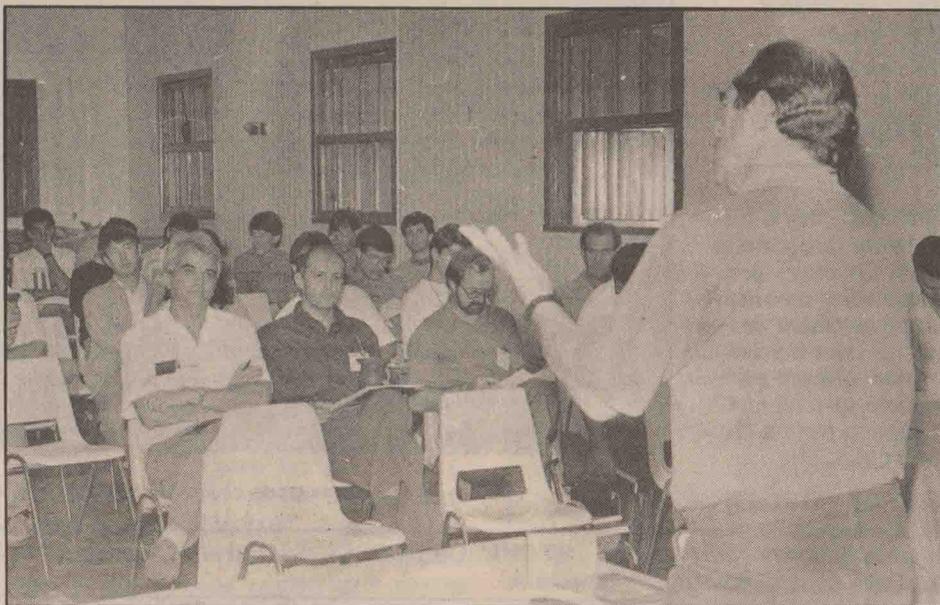
Ocupando espaços

Em meio ao lançamento de três variedades, os participantes da 13ª Reunião Sulbrasileira de Pesquisa da Aveia, avaliam o espaço comercial de uma cultura que começou a se expandir como cobertura de solo, servindo a alimentação animal e agora ganha mais força com a industrialização

A exemplo da importância que já vem comprovando ao longo dos anos como cobertura do solo e como forrageiras, a aveia é uma das principais culturas alternativas de inverno devido a sua viabilidade econômica obtida através da industrialização do grão de qualidade. Essa é a conclusão geral da 13ª Reunião Sulbrasileira de Pesquisa da Aveia, realizada em Ijuí, nos dias seis, sete e oito de abril, e que reuniu pesquisadores do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A Reunião teve coordenação do gerente de pesquisas da Cotrijuí, Luis Volnei de Matos Viau e culminou com o lançamento de três novas variedades: UFRGS-14, UPF-16 e CTC-3.

O suporte comercial dado a cultura e a necessidade de incremento tecnológico foi ressaltado pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva. Ele apontou a horizontalização do processo tecnológico como forma de se alcançar melhores produtividades e em consequência, viabilizar a propriedade e a permanência do homem na terra. "A aveia tem muito a ver com isso, disse o presidente, lembrando que a sua inclusão no sistema produtivo foi o primeiro grande passo dado pela região para cobrir o solo no inverno".

Vários anos depois, o cultivo dessa gramínea se justifica ainda mais pelo perfil agroindustrial tomado pela cooperativa, dentro de um projeto que até o final do ano deve entrar em funcionamento. Usando a melhor tecnologia para transformar 10 mil toneladas de aveia e outros cereais e 44 mil toneladas de milho por ano, a agroindús-



Reunião da Pesquisa
Pesquisadores do Sul discutiram as novas tendências da cultura

tria da Cotrijuí vai oportunizar a comercialização de um grão de qualidade e o estabelecimento de uma alternativa econômica na produção das culturas anuais.

ESPAÇO - Esse mercado buscado pela Cotrijuí foi mais detalhado pelos pesquisadores Luiz Carlos Federizzi e Fernando Carvalho da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Elmar Luiz Floss, da Universidade de Passo Fundo. Os três são unânimes em apostar na potencialidade de mercado da cultura, mas diante de um aumento da produtividade e qualidade

da lavoura. Federizzi, por exemplo, diz que a situação atual de produção e demanda garante espaço para o produto. Dependendo da força da pesquisa e de uma remuneração adequada ao produtor, a aveia brasileira pode inclusive ocupar um espaço deixado pela Argentina, suprimindo as necessidades da América Latina, considerou o pesquisador, avaliando uma cultura que somente a nível interno conta com uma produção de 200 mil toneladas e cobre apenas 50 por cento da demanda.

Para o pesquisador Fernando Carvalho, a aveia pode até conseguir um maior retorno econômico do que

o trigo, mas para aquele produtor que não dispensa o uso de tecnologia. Essa condução adequada inclui variedades novas mais resistentes e de melhor qualidade de grão, além do plantio na época certa, boa adubação e controle de ferrugem. Fazendo isso, o produtor incrementa a produtividade da lavoura e transforma a cultura num bom negócio, disse Federizzi.

O uso de variedades mais produtivas e adequação do manejo também foi assinalada pelo pesquisador Elmar Floss. "Para estabelecermos definitivamente a cultura precisamos implementar algumas tecnologias de manejo fundamentais que correspondam ao potencial genético das novas variedades", ressaltou, juntando aos cuidados citados pelos outros pesquisadores a utilização do nitrogênio e o controle de invasoras e de pragas.

Com um grão mais produtivo e de qualidade, o produtor pode fazer da cultura uma opção econômica real, disse Floss avaliando também o quadro de consumo do produto. Segundo ele, nos últimos cinco anos o consumo de aveia pela população tem aumentado na ordem de cinco por cento. Considerando o período recessivo, "isso é muito bom", afirma o pesquisador, justificando a estatística pelo surgimento de novas indústrias como a da Cotrijuí e outras em Passo Fundo e no Paraná. Um outro dado que reforça a avaliação do pesquisador é o fato de que, apesar da cultura ter batido recorde de produção nos últimos anos, não há sobra de grão, ou seja, ninguém que planta aveia de qualidade teve dificuldade em vender o produto.

A produção mundial

O mundo está cada vez mais valorizando a aveia como produto altamente importante na dieta alimentar humana. Essa afirmação é comprovada pelo pesquisador Luis Carlos Federizzi, da UFRGS, que participou do 4º Congresso Internacional de Aveia, realizado em Adelaide, na Austrália, onde além de inúmeros trabalhos na área de fitopatologia, biotecnologia, melhoramento genético, fisiologia vegetal e forrageiras, também foram apresentados nada menos do que 50 pesquisas médicas mostrando uma redução de até 40 por cento na taxa de colesterol pelo uso da aveia durante vinte dias.

Todas essas pesquisas apresentam o interesse de muitos países em buscar maior qualidade e maior número de derivados da cultura. "A tendência de consumo tem aumentado justamente por causa das suas propriedades dietéticas", afirma Federizzi, salientando, entretanto, que a essa valorização do consumo não tem acompanhado um aumento na produção. Pelo contrário, com exceção do Brasil e do Canadá, os demais países produtores tem reduzido a área de aveia. "Isso nos leva a acreditar que o Brasil tem um mercado potencial muito bom para produtos semi-acabados, especialmente na América Latina, onde a Argentina não está conse-

guindo suprir a necessidade dos países vizinhos.

PRODUÇÃO EM QUEDA - A produção argentina - apenas 20 mil toneladas atualmente - representa muito bem a queda na produção mundial, hoje registrada em 35 milhões de toneladas ao ano. Um volume 30 por cento menor do que os 50 milhões de toneladas produzidos nos anos 72/73 e causado em boa parte pelo preço interno do produto na maioria dos países. Toda essa produção é repartida por vários países, sendo que poucos deles produzem o suficiente para a sua demanda. Os Estados Unidos, por exemplo, produzem três milhões de toneladas de aveia e importam mais de um milhão e meio de toneladas e junto com a Rússia, Comunidade Econômica Européia e o Japão são os principais importadores mundiais.

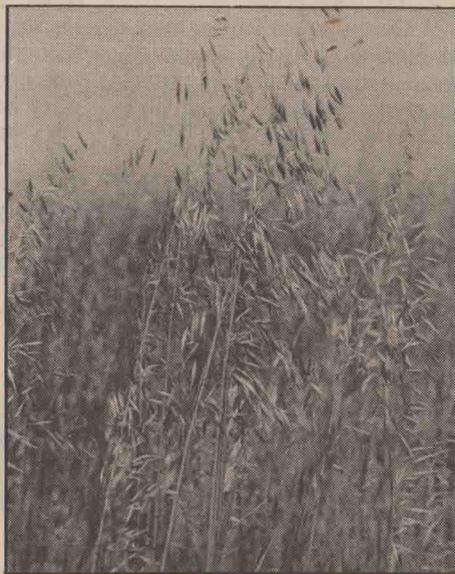
Na ponta da produção, o principal exportador é o Canadá, onde a aveia aparece como a terceira principal cultura e forma 30 por cento da produção mundial. Em seguida vem a Finlândia, outro grande exportador, que produz hoje 400 mil toneladas por ano, mas já atingiu 600 mil toneladas, e tem mercado cativo devido a qualidade do grão produzido.

A Suécia é outro importante ex-

portador e tem na aveia a sua principal cultura. Tanto é assim que o produtor sueco tem a garantia de um preço mínimo em torno de 180 dólares a tonelada, enquanto no mercado internacional essa mesma tonelada está cotada em 110 dólares. Em razão desse estímulo, os suecos produzem em média quatro toneladas por hectare e ainda obtém um produto em que o conteúdo da casca representa menos de 26 por cento.

A Austrália, por sua vez, embora produza pouco mais do que a metade da Suécia - 220 mil toneladas ao ano -, já é a principal exportadora para o Japão. O produto exportado para o Japão não é especialmente o grão, mas sim o feno da aveia, utilizado principalmente na pecuária leiteira.

MELHORAMENTO - Cobertura do solo, forrageira, grão, fibra ou até mesmo óleo. Todas essas modalidades de aproveitamento da aveia envolvem diversos centros de pesquisa mundiais, comentou ainda o pesquisador da UFRGS, demonstrando a amplitude de trabalhos realizados com a cultura. Na área de biotecnologia, por exemplo, destacou a busca dos países nórdicos por materiais de aveia com alto teor de óleo. Na parte de melhoramento, citou vários trabalhos que visam a obten-



Produção mundial
35 milhões de toneladas ao ano

ção de materiais com genes de resistência às doenças mais comuns da aveia.

Essas e outras tendências apresentadas pelo Congresso Internacional, "devem ser consideradas por nós", disse por fim Federizzi, lembrando o interesse da pesquisa em conseguir variedades competitivas para o mercado internacional.

As novas variedades

CTC-3 JM, UPF-16 e UFRGS-14, os três lançamentos de aveia para o Sul do Brasil



Aveia

Cultura com grande potencial de mercado

Há 19 anos o Centro de Treinamento da Cotrijuf começou a trabalhar com a cultura da aveia na região, através da introdução de duas variedades, a Coronado e a Surecrain. Estas cultivares se mostraram produtivas num primeiro momento, mas logo, foram afetadas pelo ataque intenso da ferrugem da folha e do colmo, reduzindo o seu potencial produtivo na lavoura.

Seis anos mais tarde, da Cotrijuf integrou-se ao grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade de Passo Fundo, e juntas passaram a desenvolver um programa recomendado para a cultura visando a obtenção de variedades superiores adaptadas ao ambiente do Sul do Brasil e o aprimoramento tecnológico de manejo que viabilize um bom desempenho da aveia.

"Dos esforços dessas entidades chegou-se a progressos significativos na obtenção de novas variedades e tecnologias de cultivo", afirma o gerente de pesquisa da Cotrijuf, Luiz Volney Matos Viau que coordenou a apresentação de 89 trabalhos durante a edição da 13ª Reunião Sulbrasileira de Pesquisa de Aveia. Todos estes trabalhos envolveram as diversas áreas da pesquisa como o melhoramento genético, práticas culturais, qualidade industrial e nutrição animal, "evidenciando avanços, especialmente na criação de novas variedades", acentua Volney, destacando o lançamento das cultivares CTC-3 JM, UPF-16 e UFRGS-14.

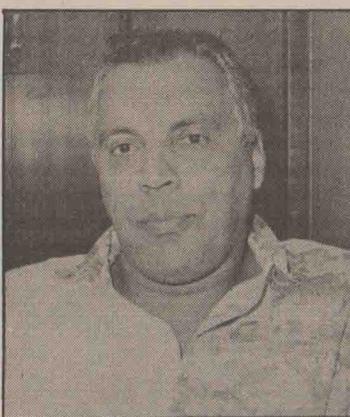
Estas novas variedades comprovam que o produtor da região tem ao seu alcance cultivares com alto potencial de rendimento de grãos, de Peso do Hectolitro e rendimento industrial, diz ainda o pesquisador, lembrando que

as novas cultivares estarão disponíveis em grande escala, já a partir de 1994. "E juntamente com elas, as tecnologias geradas darão suporte para que o produtor conduza sua lavoura dentro de um padrão tecnológico".

CARACTERIZAÇÃO - Com um rendimento de grãos de 2.781 quilos por hectare, a variedade CTC 3 JM - que leva essa denominação em homenagem ao diretor agrotécnico e pesquisador da Cotrijuf João Miguel de Souza, falecido em fevereiro passado - completou três anos de experimento em sete locais de ensaio no Sul do Brasil, mostrando ser 4 por cento superior a sua melhor testemunha.

Esse rendimento da CTC-3 JM se deve em grande parte as características agrônomicas como a sua resistência a ferrugem da folha e do colmo, salienta Volney, apresentando a nova variedade como uma planta de estatura baixa e de ciclo médio, sendo o seu florescimento realizado em 91 dias.

Em qualidade industrial, a nova variedade obtida pelo CTC mostrou também um bom desempenho. O Peso Hectolitro, por exemplo, que é um item de grande importância para a comercialização do grão, fechou com média de 58, o que comprova sua superioridade sobre a melhor testemunha, apresentada na tabela ao lado. No item de peso de mil grãos, a variedade registrou uma média de 30 gramas, em comprimento médio



Volney Viau

Coordenador da 13ª Reunião Sulbrasileira de Pesquisa de Aveia

do grão, 7,35 milímetros, largura média do grão, 2,49 milímetros e totalizou um rendimento industrial de 76 por cento.

RESISTÊNCIA A DOENÇAS - A mais nova variedade lançada pela Universidade de Passo Fundo também demonstrou resultados significativos. De ciclo precoce, estatura baixa e resistente a ferrugem da folha e do colmo, a UPF-16 conseguiu um rendimento de grãos de 3.237 quilos por hectare, sendo por isso 22 por cento superior a UFRGS-10, 25 por cento a UFRGS-7 e 27 por cento a UPF-7, como pode se observar na tabela 2.

Como média do PH a UPF-16 ficou com 57,5 e como média do peso de mil grãos, 34 gramas, ou seja 17 por cento a mais do que a melhor testemunha para esta característica, a UPF-7. O rendimento industrial da variedade

(1)
PESO DO HECTOLITRO (kg/100 l) DA CULTIVAR CTC 3-JM AVALIADO EM SEIS LOCAIS NO SUL DO BRASIL

Local	Peso do hectolitro (kg/100 l)	
	CTC 3-JM	Melhor testemunha
Passo Fundo	60	54
Vacaria	60	60
Eldorado do Sul	56	39
Augusto Pestana	57	44
Campos Novos	58	60
Guarapuava	56	45
Média	58	50

(2)
RENDIMENTO DE GRÃOS OBTIDOS PELA CULTIVAR UPF 16 EM DIFERENTES REGIÕES FISIOGRAFICAS DO SUL DO BRASIL, 1990/92

Cultivares	Ano			Média *
	1990	1991	1992	
Kg/ha				
UPF 16	3424	2671	3616	3237 (122)
UFRGS 10 (T)	2740	2455	2786	2660 (100)
UFRGS 7 (T)	2869	2406	2477	2584 (97)
UPF 7 (T)	2833	-	2242	2537 (95)

(3)
RENDIMENTO DE GRÃOS - UFRGS-14

Região	E. Regional (90)		ESB (91)		ESB (92)		Média Geral	
	Rend	% M.T.	Rend	% M.T.	Rend	% M.T.	Rend	% M.T.
RS	2966	114	2352	101	3718	132	3012	116
SC/PR	3170	99	2844	101	2794	105	2936	102
Média	3068	106,5	2598	101	3256	118,5	2974	109

de foi de 75,5 por cento.

O terceiro lançamento da aveia realizado em Ijuí, a UFRGS-14, lançada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é a cultivar que se destacou em rendimento de grãos. Na média geral dos três ensaios realizados, como demonstra a tabela 3, a cultivar chegou a uma média de rendimento de grãos de 2.974

quilos por hectare, ou seja, 9 por cento superior a melhor testemunha dos ensaios.

De hábito semi-rasteiro, ciclo curto, estatura baixa, a cultivar se caracteriza ainda como moderadamente resistente a ferrugem da folha e do colmo. Obteve um peso médio do hectolitro de 50, e peso médio de mil grãos de 32 gramas.

Produtividade começa com "B."

Qualquer dúvida ligue para: São Paulo - (011) 234.5446.

Agroquímicos

BASF

Assistência técnica ajudando você alcançar os melhores índices de produtividade.

BASF

BARRA DO GUARITA

Parceria com os agricultores

A constatação de que o solo merece um melhor tratamento levou a Prefeitura de Barra do Guarita e um grupo de produtores a formar uma parceria para comprar um trator

Barra do Guarita, um município de pouco mais de 6 mil habitantes, localizado às margens do rio Uruguai e em frente a cidade catarinense de Itapiranga, está dando mostras, apesar da sua pouca idade - Barra do Guarita foi emancipada há pouco mais de um ano - de como uma administração municipal e alguns agricultores podem tocar um projeto de parceria em frente. É o caso de um trator pesado, Caterpillar - D-5, adquirido conjuntamente por um grupo de agricultores e a Prefeitura Municipal para ser usado no trabalho de microbacias hidrográficas, de abertura de novos açudes, terracimento de lavouras e melhorias nas estradas.

A idéia de aquisição de um trator pesado nasceu a partir da constatação, por parte de um grupo de agricultores, de que o solo, fisicamente degradado e mal tratado, merecia melhores cuidados, "até para poder oferecer melhores retornos à agricultura do município", justifica o produtor Mário Paier, presidente da Associação dos Produtores de Barra do Guarita e proprietário de 32 hectares de terra localizados em Capoeira Grande, interior do município.

PIONEIRO - O exemplo que vem de Barra do Guarita é pioneira a nível de Rio Grande do Sul, mas bastante comum em municípios de Santa Catarina e Paraná, de onde os produtores foram buscar informações e trocar idéias. O grupo, que era pequeno de início, duplicou com a formação da Associação "e mesmo assim, muitos agricultores ficaram de fora", conta seu Mário, lembrando que, no começo, logo que foi levantada a proposta de parceria, alguns agricultores não acreditaram na idéia. Hoje a maioria deles está querendo entrar para a Associação", diz ele. Mas novos associados só poderão ser aceitos com o aval de uma nova assembléia geral.

A Associação dos Produtores de Barra do Guarita reúne 93 agricultores. Só pode fazer parte da associação o produtor que for proprietário de terras. Em caso contrário, ele não é aceito", explica o presidente dizendo que esta é uma norma estatutária. Os 93 associados são proprietários de 74 cotas do trator. Cada uma das cotas dá direito a 20 horas/ano de trabalho do trator na sua propriedade, mas alguns possuem duas cotas e outros meia cota, dependendo do interesse de cada um em utilizar o trator na propriedade", diz.

O trator, equipado com lâminas para açude e enleiradora e com escarificador, já se encontra no município. Mas por enquanto, "resultado de um acordo feito com os agricultores, ele está sendo utilizado em trabalhos de melhorias nas estradas", explica o vice-prefeito e também vice-presidente da Associação de Desenvolvimento Municipal de Barra do Guarita, Stanislaw Jaguszevski. 30 por cento do total da dívida do trator foi pago pela Prefeitura Municipal como sinal no negócio. O restante da dívida foi financiado via Finame Rural/Banco do Brasil, para ser pago num prazo de seis anos, com um de carência. "Nós vamos ainda pagar mais 30 por cento da dívida



Stanislaw Jaguszevski e Alceu Borges dos Santos
O trator comprado em parceria com os agricultores

contraída, promete o prefeito Alceu Borges dos Santos. Apenas 40 por cento da dívida ficarão na responsabilidade dos agricultores.

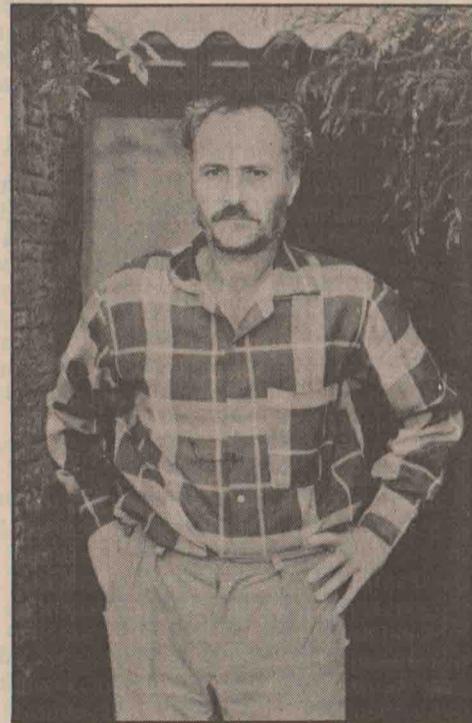
COMUNIDADE - Para operacionalizar custos e tempo, o trabalho com o trator será feito em comunidade. "Ou seja, explica Mário Paier, primeiro ele vai atender as necessidades de uma comunidade, para depois ser repassado a outra". A ordem das comunidades a serem atendidas será feita por sorteio "e dentro da comunidade, o trabalho sempre vai começar pelo associado que morar mais distante", observa seu Mário. Estão envolvidas no projeto de parceria, com agricultores integrando a Associação, as comunidades de Jabotical, Jaboriti, Cotovelo do Parizinho, Esquina Jaboticabal, Flor da Serra, Capoeira Grande e a sede do município.

Pelo uso do trator em trabalhos na sua propriedade, o associado vai pagar o equivalente a um saco e meio de soja, "o que consideramos um preço bem acessível, já que no mercado estão cobrando quase Cr\$ 2 milhões pela hora de trabalho", afirma. Esse dinheiro terá como destino o pagamen-

to da dívida contraída, já que a Prefeitura Municipal vai ainda subsidiar o combustível usado, ceder um operador e se responsabilizar pela manutenção do trator. A Prefeitura Municipal, pelo acordo de parceria, terá direito em utilizar o trator na melhoria ou abertura de estradas, durante 530 horas/ano.

O sucesso da Associação dos Produtores levou a criação da Associação de Desenvolvimento Municipal, da qual seu Mário Paier é também o presidente. "Dentro desta grande associação queremos trabalhar no sentido de fomentar a criação de condomínios de suínos e de aves, estimular a piscicultura, a apicultura e o trabalho de microbacias hidrográficas", aposta o vice-prefeito Stanislaw, contando seguramente com o apoio "parceiro" da Cotrijuí, da Emater e da Secretaria Municipal de Agricultura.

Para o prefeito Alceu, o sucesso das duas associações vão levar o município a novos desafios, "pois não queremos ficar só na compra de um trator", diz o prefeito projetando para o futuro, a construção de um hospital em Barra do Guarita.



Mário Paier:
o presidente da Associação



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE

INCÊNDIO, VEÍCULOS, VIDA, ACIDENTES
PESSOAIS, RESIDENCIAIS E OUTROS

Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-3765 - Fax: (055) 332-5161 - Ijuí

TRIGO

As recomendações da pesquisa

25ª Reunião Sul-brasileira de Pesquisa do Trigo lança nova cultivar e estabelece as recomendações para a próxima safra

Embrapa-24. Esta é a mais nova cultivar de trigo, lançada durante a 25ª Reunião Sul-brasileira de Pesquisa do Trigo, realizada em Passo Fundo de 23 a 25 de março. Contando com um bom número de participantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o encontro de pesquisa coordenado pela Universidade de Passo Fundo, serviu ainda para estabelecer as recomendações de uso dos novos fungicidas, herbicidas e controle de insetos, para divulgar as cultivares preferenciais da próxima safra e também do sistema de classificação dos trigos em relação à sua qualidade industrial, conforme relata o pesquisador da Cotrijuí, Roberto Carbonera.

NOVA CULTIVAR - Originada por alguns dos materiais que formaram a BR-14, a nova cultivar possui ciclo curto e estatura alta - registrou uma média de 135 dias da fase de emergência a maturação e obteve uma média de 94 centímetros. A Embrapa-24 se caracteriza ainda como aristada, com comprimento de espiga curto, densa, tem coloração clara e apresenta uma média de 16 espiguetas por espiga.

Como características agrônomicas, o novo trigo comprovou nestes três anos de experimentos, ser resistente ao crestamento, ao acamamento e a debilidade. Em relação as doenças, mostrou-se resistente à ferrugem do colmo, ao oídio e a Septoriose das glumas, moderadamente resistente a giberela e apenas suscetível ao mosaico do trigo.

Por todas estas suas características a Embrapa-24 conseguiu se destacar em 53 experimentos, como demonstram a média em peso hectolítro - 78,6 e a média em peso de mil grãos - 32,3 gramas. A produtividade média foi de dois mil 822 quilos por hectare, o que representa um rendimento quatro por cento superior sobre a melhor testemunha de cada local dos experimentos. Na 4ª região de pesquisa do trigo, que abrange a região da Cotrijuí, a Embrapa-24 teve resultados ainda melhores, ficando com uma média de dois mil 918 quilos por hectare, ou seja, um rendimento 20 por cento superior às suas testemunhas em 15 experimentos, e mostrando grande adaptação a esta região.

AS PREFERENCIAIS - Junto a outras variedades recomendadas pela pesquisa, a nova cultivar da Embrapa forma o grupo das cultivares preferenciais para a safra de inverno. Além do lançamento, estão incluídas neste grupo a BR-15, 23, 32, 34, 35, 37, 38, 43, CEP-24, Industrial, Embrapa-15, Embrapa-16, RS-1, Fênix e RS-8 Westphalen.

Como variedades toleradas para a próxima safra, a pesquisa enumera a BR-14, CEP-11, CEP-14, CEP-17, CEP-19, CEP-21, Minuano e Peladinho. Depois delas, estão as variedades que serão retiradas de recomendação a partir de 1994, ou seja, aquelas que somente poderão ser cultivadas neste inverno para a comercialização industrial e não para semente. São elas a BR-14, CEP-17 e CEP-19.

Além da avaliação agrônômica, todas estas variedades são enquadradas

das ainda em uma outra classificação da pesquisa, da qualidade industrial, medido pela força do glúten - que provoca o crescimento das massas - e que indica o seu uso preferencial no consumo. Esse sistema de classificação foi proposto por dois centros de pesquisa, o Centro Nacional de Pesquisa do Trigo-Embrapa de Passo Fundo e o Centro de Experimentação e Pesquisa da Fecotrigo, de Cruz Alta, assinala Carbonera, dizendo que o sistema deve contribuir para uma nova organização no recebimento e comercialização do produto.

De acordo com a classificação industrial, o trigo tem hoje três categorias: de uso comum, de uso intermediário e de qualidade superior. No primeiro caso, se encontram os trigos destinados fundamentalmente a fabricação de biscoitos, massas, confeitos e afins, como o BR-23, BR-34, BR-37, BR-43, CEP-17, CEP-21 e o RS-1 Fênix. Os trigos de uso intermediário são aqueles destinados a panificação de uso doméstico, para massas e biscoitos, e onde se incluem o BR-14, BR-15, BR-32, BR-35, BR-38, Embrapa-15, Embrapa-24 e RS-8 Westphalen, CEP-11, CEP-14, CEP-19 e Maringá. Por fim, os trigos de qualidade superior, destinados a panificação industrial, que abrangem atualmente duas variedades: Embrapa-16 e CEP-24 Industrial.

REAÇÃO A DOENÇAS, ALTURA E ACAMAMENTO DE CULTIVARES DE TRIGO RECOMENDADAS PARA A SAFRA 93						
Cultivar	OI	FFO	FCO	Mosaico	Altura	Aca.
BR-23	S	MR	R	S	Baixa	R
BR-34	R	AS	MS	S	Média	MR
CEP-21	R	AS	MR	S	Alta	MS
BR-35	R	MR	R	MS	Média	MS
EMB-15	R	R	R	MR	Média	MS
EMB-16	R	MR	R	R	Média	MS
EMB-24	R	R	R	S	Alta	R
BR-15	S	AS	MS	S	Baixa	S
CEP-14	R	AS	S	S	Média	MS
CEP-24	R	R	S	MS	Alta	
BR-32	S	MR	R	MR	Alta	S
BR-37	MS	AS	R	S	Média	MR
BR-38	R	MR	R	S	Média	MR
BR-43	MS	S	R	MR	Média	MR
RS-8	R	R	R	MR	Alta	MS/S

OI - Oídio
FFO - Ferrugem da Folha
FCO - Ferrugem do colmo
MOSAICO -
ALTURA -
ACAMAMENTO -

S - Suscetível
MS - Moderadamente suscetível
MR - Moderadamente resistente
AS - Altamente suscetível

RECOMENDAÇÕES - A 25ª Reunião Sul-brasileira de Pesquisa do Trigo divulgou ainda as cultivares preferenciais, conforme a sua resistência às principais doenças da cultura, como mostra a tabela abaixo e outras recomendações gerais. A Comissão de Fitopatologia recomendou o uso de um novo fungicida, o Opus; e um novo herbicida, o Alai, pós-emergen-

te, para o controle de nabo, gorga e língua-de-vaca.

Outra recomendação apontada pelo Carbonera diz respeito às áreas infectadas pelo coró. Segundo a pesquisa, os locais que apresentarem mais de quatro corós por metro quadrado não devem ser cultivados com trigo, para evitar maiores danos econômicos.

LOJAS COTRIJUÍ

Sr. associado

As Lojas Cotrijuí continuam a seu lado, agora com toda a linha de peças para reforma de seu trator. Também dispõem de produtos veterinários agropecuários e ferragens em geral. Arames, pregos, eletrificadores para cerca, classificadores de cereais, esparramadores de calcário, moenda para cana de açúcar, serras fitas, mangas para pulverizadores e discos para grades e arados estão sendo colocados à venda com preços especiais.

COTRIJUÍ

VISITE-NOS E COMPROVE. TEMOS O MELHOR PREÇO E O MELHOR ATENDIMENTO



Propostas para crescer

Cerca de 200 representantes dos setores da produção, da pesquisa, da assistência técnica, dos insumos e máquinas agrícolas, da comercialização e da industrialização fizeram do 4º Fórum Nacional da Soja um marco em busca da maior competitividade agrícola

O Rio Grande do Sul vive atualmente um momento histórico muito importante, em que a prática da parceria vem substituindo as discussões setoriais e aglutinando interesses na busca de soluções para todos os problemas que dizem respeito a cadeia alimentar. A marca, a da parceria, ganha agora contornos mais amplos e até oficiais, pois se sabe que hoje, mais do que nunca, buscar uma maior competitividade agrícola é a saída para a cadeia poder fazer frente a concorrência que ameaça tornar-se ainda mais forte a partir do Mercosul.

Realizado em Porto Alegre, no dia 13 de abril, nas dependências do Hotel Continental, o 4º Fórum Nacional da Soja teve a organização da Fecotriigo/Funcoop, com o apoio da Associação Brasileira de Agribusiness/RS. Coordenado pelo presidente da Fecotriigo, Rui Polidoro Pinto, o evento reuniu mais de 200 participantes que, ao final elaboraram um documento contendo as conclusões e recomendações dessa grande cadeia alimentar, representada pelos setores de produção, da pesquisa e assistência técnica, da fabricação de insumos e máquinas agrícolas, da comercialização e industrialização, da área de crédito e dos poderes

público Federal e Estadual e que sozinho, é responsável pelas maior concentração econômica do país - mais de 40 por cento do PIB nacional.

O evento só encerrou à noite, durante o lançamento do "Programa de Prevenção Ambiental e Aumento de Competitividade Agrícola no RS", que contou com a presença do governador Alceu Collares, do secretário de Agricultura, Carlos Cardinal, do diretor de Crédito Geral do Banco do Brasil, Synval Guazzelli, do representante da ministra Yeda Crusius, Carlos Alberto Calegari e de representantes de todo o segmento agroindustrial gaúcho. O governador Collares recebeu das mãos do presidente da Fecotriigo o documento com as conclusões do Fórum.

DOCUMENTO - Para as entidades e segmentos agroindustriais dos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o complexo agroindustrial, além de representar 40 por cento do PIB nacional tem na cadeia produtiva da soja um de seus maiores sustentáculos, atingindo um valor bruto de produção de US\$ 4,5 bilhões na safra 92/93, estimada em 22 milhões de toneladas. Lem-



O 4º Fórum Nacional da Soja
Rui Polidoro Pinto, da Fecotriigo, coordenou o evento que teve a participação de vários segmentos da cadeia

bram ainda que foi a cultura da soja o "instrumento maior da modernização da agricultura brasileira", responsável pela montagem do parque agroindustrial antes e depois da porteira e da geração de milhares de empregos. Consideram o acesso da população brasileira carente e pobre à alimentação - tanto em quantidade como em preços - como uma questão estratégica e dizem ainda que a soja, consorciada com as lavouras de inverno, se constitui na principal fonte de renda de mais de 200 mil produtores.

Diante de todas estas considerações, o documento recomenda que todas as entidades envolvidas no processo de agribusiness aprofundem, "de forma acelerada", a integração da cadeia produtiva, "mediante ações de parcerias na defesa e consolidação do complexo", pois entendem que a viabilização de cada setor só será possível partir da rentabilidade de todos e acelerem o trabalho de profissionalização do produtor, "condição indispensável na aplicação de tecnologia e gerenciamento dos fatores de produção. Como último item, recomendam a retomada da auto-suficiência na produção trítica nacional, devido a sua importância estratégica como alimento básico,

por ser a principal alternativa de inverno e ainda por ser considerada um fator de redução nos custos da soja.

PROPOSTAS - Diante destas considerações e recomendações, o documento levanta seis propostas para o setor da soja nacional. Propõe revisão da carga tributária incidente sobre o complexo soja; modernização do complexo agro-portuário, "dotando-o de condições de competitividade aos similares internacionais; políticas creditícias de custeio à propriedade e investimentos, especialmente para a recuperação e conservação de máquinas e equipamentos, com taxas de juros adequadas e levando em consideração o princípio de equivalência produto para pagamento; apoio à pesquisa estatal e estadual, no âmbito nacional e estadual, buscando incrementos de produtividade visando dar competitividade à produção nacional e nova orientação aos transportes nacionais, com ênfase ao sistema hidro-ferroviário. Propõem ainda a parceria com o poder público, na intenção de implementar ações e programas visando a reconversão agrícola, pois acreditam que esta é uma das formas de dotar a agricultura de instrumentos capazes de fazer frente à concorrência crescente.

Coragem para propor

"Nada é mais importante para nós neste país, do que restabelecermos o nosso orgulho de agricultores. De nada vale a química fina, a energia atômica, aviões e bombas de hidrogênio, se um povo não tem comida". Quem fez este alerta foi o presidente da Cotrijul, Ruben Ilgenfritz da Silva, um dos painelistas do 4º Fórum Nacional da Soja, representando o segmento que fica pelo lado de dentro da porteira. Ao destacar a importância do evento, "o primeiro grande encontro dos segmentos do agribusiness", aproveitou para chamar a atenção para a necessidade, tanto do agricultor como da sociedade como um todo, para que deixem de lado suas posturas meramente reivindicatórias e assumam propostas concretas e corajosas.

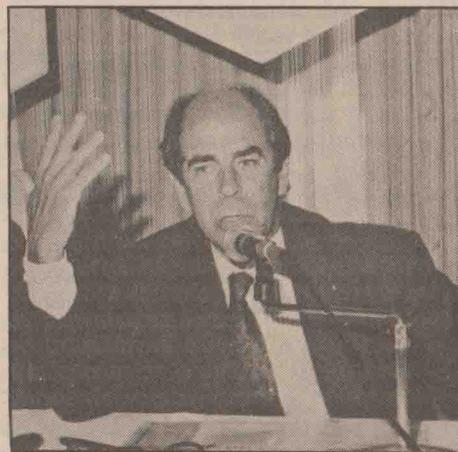
Ao colocar a agricultura dentro de um novo contexto, mais desafiador, onde muitos conceitos foram reformulados, "especialmente no que diz respeito a forma de conduzirmos nossas atividades", Ruben Ilgenfritz criticou o paternalismo e o assistencialismo praticados pelo sistema durante tanto anos. "Felizmente abandonamos esta postura", observou, considerando tanto o paternalismo como o assistencialismo como atos de desrespeito à pessoa humana.

PROFISSIONAL - Assim como repudiou o paternalismo praticado em outros tempos, o presidente da Cotrijul defendeu a necessidade do produtor,

dentro de uma agricultura moderna, transformar-se num profissional como qualquer outro. Acredita que a busca de novos níveis de produtividade passa obrigatoriamente pela questão da profissionalização e como exemplo, citou a receita obtida com a lavoura de soja. Para os sojicultores existem duas maneiras de alcançar uma receita de 500 dólares por hectare. Uma delas é produzir 30 sacos por hectare e ficar na torcida para que o preço se eleve a 16 dólares. Outra forma é elevar a produção a 50 sacos por hectare e conviver tranquilamente com os 10 dólares que historicamente têm feito o preço da soja nestes últimos anos. "É em cima de questões como esta - da produtividade -, que o produtor precisa começar a raciocinar", alertou.

Evidentemente, reconheceu Ruben Ilgenfritz, que produzir mais é uma opção que precisa ser assumida pelo próprio agricultor. "Nós precisamos querer que as coisas aconteçam", insistiu. Postura semelhante defendeu para a prática de rotação de culturas, especialmente na lavoura de soja. Disse que se os agricultores não entrarem no processo de rotação de culturas "é fundamentalmente de milho", o Estado não vai mais ter soja daqui alguns anos. "Esse é um problema nosso e que não depende da vontade das autoridades".

A forma como vem sendo dado o crédito agrícola, "sempre levando



Ruben Ilgenfritz

em consideração a garantia e não a produtividade", também foi criticada por Ruben Ilgenfritz. Ele sugeriu a liberação dos produtores do VBC e disse não acreditar no casamento tecnologia com recursos financiados. "Não podemos viver eternamente na dependência do crédito", voltou a insistir defendendo a substituição do crédito dado por produto pelo crédito para a propriedade. Numa postura que considera própria disse que o produtor precisa, na verdade, é de crédito para investimentos na sua propriedade. "Nós precisamos de recursos para não precisar de mais recursos".

DESAFIO - Reconhecendo que o produtor rural está vivendo uma revolução no seu dia-a-dia, o presidente da Coagri, Nedy Rodrigues Borges, de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, também um dos painelistas do segmento produção, observou que o importante é o produtor ter mais acesso a tecnologia para poder evoluir em direção a competitividade. Apontou, no en-



Nedy Borges

tanto, como grande desafio para os próximos anos, a criação de alternativas para o pequeno produtor. "É preciso que não só as cooperativas, mas o próprio governo, seja ele estadual ou federal, se conscientize desta realidade para que possam, juntos, somar esforços na busca de solução para este problema", observou sem deixar de fazer um alerta: se nenhuma atitude for tomada, os produtores de hoje podem estar amanhã nas cidades. Acredita que transformar a pequena propriedade em alternativa de rendimento é o caminho para fixar o homem à terra, "pois só nestas condições vai poder produzir como empresário. Aposto no uso da tecnologia como uma das formas de inserir esse produtor no elo da cadeia e levá-lo a ter uma vida mais digna.

Edilberto Alves, da Cocamar, de Maringá, no Paraná, também foi outro painalista do mesmo segmento. Para Edilberto, a função da pesquisa, assistência técnica e seguro agrícola, vai levar o produtor em direção a modernização da agricultura brasileira.

AGRIBUSINESS

O maior negócio

O Brasil tem um grande desafio: o de alimentar seus 31 milhões de habitantes. Com a 6ª população subdesenvolvida do planeta, o Brasil só perde para Índia, Paquistão, Bangladesh, Filipinas e Indonésia, países que apresentam renda per capita 1/4 da brasileira. Este é um problema que tem a ver com outros quatro desafios: o do desenvolvimento econômico sustentado; o da qualidade de renda; o da integração econômica internacional e o da proteção do meio ambiente. A grande estratégia para vencer estes desafios passa pelo maior negócio do Brasil que é o agríbussiness, responsável por mais de 35 por cento do Produto Interno Bruto.

A afirmação é do presidente da Associação Brasileira de Agribusiness, Ney Bittencourt esteve em Belo Horizonte participando do encerramento do 4º Fórum Nacional da Soja, onde falou sobre o "Desafio da Competitividade e a Integração do Agribusiness". Embora aponte o agríbussiness como grande caminho para o Brasil vencer os desafios, Ney Bittencourt lamenta tanto a população urbana, como o governo e os políticos tenham tanta dificuldade de enxergar a cadeia sistêmica que forma o agríbussiness. "O agríbussiness não é só uma idéia, mas uma demanda de análise econômica", expli-

COMPLEXO - O agríbussiness, segundo o presidente da Abag, é um dos mais complexos que existem dentro da economia, muito diferente, por exemplo, da estrutura automobilística. O que a modernidade da competitividade reside cada vez menos em recursos naturais e baixos custos de mão-de-obra e cada vez mais em disponibilidade de tecnologia e técnicas de gestão", afirmou reforçando que não foi simplesmente a tecnologia que revolucionou o setor, mas as técnicas de gestão. Ao discutir a competitividade, colocou a questão da produtividade, que precisa ser resolvida com eficiência.

GARGALOS - A produtividade, segundo ele, exige coordenação, mas não vem esbarrando em alguns gargalos. O primeiro lugar aparece o do desafio tecnológico, situado antes da porteira. Do outro lado de dentro da porteira, aparecem os problemas com as práticas agrícolas, com a mecanização, a informá-



Ney Bittencourt

tica e a gestão. No depois da porteira, Ney Bittencourt levantou o desafio dos novos produtos de processamento e embalagens. "O mundo está voltando a consumir embalagens de matéria inorgânica", disse lembrando dos investimentos feitos pelos Estados Unidos no sentido de usar o amido de milho na fabricação de um plástico totalmente biodegradável.

Ainda neste mesmo gargalo colocou a questão da infra-estrutura de colheita e armazenagens. A capacidade de armazenagem nas propriedades brasileiras chega a apenas 5 por cento, enquanto nos Estados Unidos, ela chega a 80 e na Argentina a 35 por cento. Essa situação, na sua opinião, se traduz em má padronização dos grãos colhidos e fluxos de fretes, "representando encarecimento do produto".

Outro gargalo identificado diz respeito a pequena propriedade, considerada pelo palestrante, em algumas condições, como obstáculo à modernização do agríbussiness. "Certas atividades agrícolas exigem economia de escala. Então, num sistema de pequenas propriedades, é preciso organizar a produção", observou, sem deixar de elogiar o sistema de condomínios rurais de suínos, "que precisam, inclusive, de uma melhor divulgação".

A pressão de organizações ecológi-

cas não-governamentais e o protecionismo foram os dois últimos gargalos levantados pelo palestrante. No primeiro caso, mostrou-se preocupado com as barreiras que serão levantadas pelas Ongs e citou como exemplo um movimento que vem sendo feito pela Europa, no sentido de não comprar produtos lácteos dos Estados Unidos, porque estes estão usando hormônio de crescimento nos animais. Disse que é esse tipo de competitividade que a sociedade precisa entender, "pois acabou a época em que se exportava o que sobrava. Hoje é preciso planejar inclusive as exportações segundo as necessidades do cliente".

Ney Bittencourt também concorda com a idéia de recursos para serem aplicados na propriedade sugerida pelo presidente da Cotrijuí, "até porque, sempre que se muda o nível tecnológico, algumas conseqüências sérias aparecem nas camadas mais pobres da população. Essas conseqüências são resultantes da mão-de-obra e dos altos preços praticados para atender às necessidades iniciais de investimentos e tecnologias mais produtivas. Por essa razão acredita que é preciso promover o bem-estar a curto prazo e o crescimento econômico a médio prazo, principalmente do segmento agrícola. Só que não vê como possa acontecer uma rápida modernização sem

uma política de segurança alimentar. São dois pontos a serem atacados: o da modernização e o da alimentação".

Na área urbana, o problema da alimentação pode ser resolvido através da distribuição de cestas básicas, merenda escolar, entre outras alternativas. É um processo custoso para a sociedade, "mas o pior é ficar criando subtrações. Já na área rural, a saída é não deixar o homem sair da terra, "mesmo que seja num processo de subsistência", disse.

PARCERIA - "A parceria com o Estado é importante", observou Ney Bittencourt, só lamentando o divórcio que ocorreu entre o Estado e a Nação, o qual responsabiliza pela desintegração da economia, da solidariedade social, dos valores éticos e da estrutura da comunidade. "Da pena que tinha de si mesmo, o brasileiro passou a ter vergonha e com razão", observou. Esta vergonha fica por conta de alguns dados que colocam o país numa situação tão delicada. Entre os 124 países levantados pelo Banco Mundial, o Brasil ocupa o 85º lugar pelo critério de estágio social.

Além de 1/4 da população brasileira ser classificada como indigente, o Brasil ainda tem 22 por cento de analfabetos e menos de 10 por cento da população com o primeiro grau completo. Outros números, no entanto, o fazem apostar na reversão do quadro. Disse que o Brasil ocupa hoje a posição de 4º país do mundo em superavit comercial; 5º em território e o de 6º em população; 9º lugar em valores de exportação; o 10º em PIB e o 12º lugar em reservas cambiais.

Para Ney Bittencourt, o país tem tudo para sair da crise. Defendeu a parceria porque entende que os problemas que inviabilizam o agríbussiness precisam ser atacados e também porque é preciso aproveitar a organização que já existe. "Nós temos que ter um projeto comum de agríbussiness e de país. Temos responsabilidade pelo maior negócio do país", disse ainda, reconhecendo as dificuldades de aglutinação em função das distâncias, mas acreditando ser possível, aos poucos, dissolver os gargalos que vêm emperrando o crescimento do próprio sistema agroindustrial.

Soja: mercado perigoso

Definindo o mercado de perigoso, porque quem comanda os preços são investidores econômicos que especulam e não a oferta e procura do produto", o diretor da Editora Safra e Mercado, Edgar Müller abriu o segundo painel do Fórum - Análise da Comercialização da Safra 92 e Tendências Internas. A promessa de aumento de preços para o final do primeiro semestre levado pela expectativa de seca nos Estados Unidos e de importações poderão ser feitas pela Comunidade Econômica Européia e ex-União Soviética, na sua opinião, podem não acontecer, "embora essa situação criada esfacelando com que os sojicultores possam estejam retendo suas vendas". Müller disse que, no momento, as soja são vistas como um ativo financeiri-

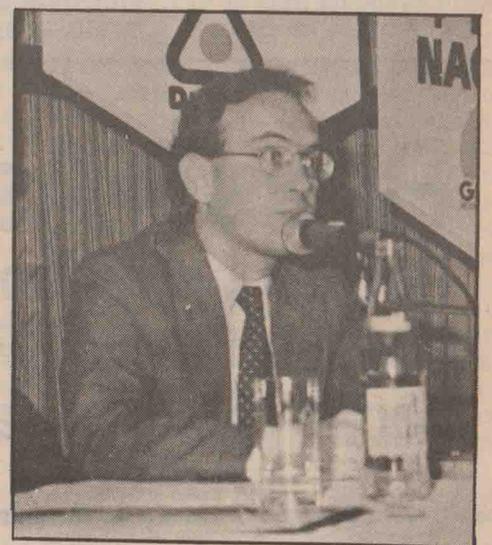
ro melhor do que o mercado financeiro..

O diretor da Brasoja, Antônio Sartori, mais cauteloso em função das especulações que vêm sendo feitas, preferiu não traçar nenhuma tendência a respeito do comportamento dos preços. Argemiro Luís Brum alertou para as modificações que estão ocorrendo nas negociações internacionais de política agrícola, "que de qualquer forma vão atingir o mercado da soja". Mas disse que, mesmo que a Rússia importe 2,5 milhões de grãos, esse volume não vai representar grande diferença, pois o Brasil terá 22 milhões de toneladas, a Argentina 12 milhões e os Estados Unidos 59,8 milhões de toneladas.

Para Argemiro, o protecionismo global das comunidades tem favorecido da soja e a retirada dos subsídios,

resultante da Reforma Agrícola Comum que começa a ser promovida pela Comunidade Econômica Européia, deverá provocar uma redução nas importações, em função do consumo de ração. "Essa redução no consumo de ração significa menos soja". Há necessidade, portanto, que a soja seja competitiva não apenas em termos de preços, mas também de qualidade para poder concorrer com outros consumidores.

Segundo Argemiro, duas tendências podem ser analisadas atualmente. A primeira delas é a de que o produtor europeu volte a acentuar a fabricação de ração própria, abrindo, portanto, maior espaço para a soja". Outra tendência apontada é a de que os produtores de ração industrial se adaptem rapidamente a essa nova estrutura de polí-



Argemiro Brum

tica agrícola e passem, conseqüentemente, a buscar alternativas que viabilizem em termos financeiros uma ração competitiva.

CONSERVAÇÃO DE SOLOS

Programa inovador

Programa foi lançado em Porto Alegre durante ato de encerramento do 4º Fórum Nacional da Soja, pelo secretário de Agricultura, Carlos Cardinal. Presentes o governador do Estado e lideranças empresariais que formam o agribusiness, durante jantar no Galpão Crioulo do Parque Harmonia

A constatação de que o Rio Grande do Sul perde a cada ano em torno de 140 milhões de toneladas de solo, cujo destino final são os rios, lagos e pantanais, é motivo que cada vez preocupa mais, autoridades e técnicos envolvidos com esse recurso fundamental à vida no planeta. Trata-se realmente de um quadro assustador, que precisa ser contido a tempo, já que a reversão é impossível.

Para conter esse desastre ecológico, o governo do estado está lançando o Programa de Preservação Ambiental, paralelo a uma campanha de aumento da produtividade agrícola. Trata-se de projeto previsto de duração de cinco anos, com alocação de recursos da ordem de 736 milhões de dólares. O programa foi apresentado no dia 13 de abril pelo secretário de Agricultura, Carlos Cardinal, durante o jantar de encerramento do 4º Fórum Nacional da Soja, no Galpão Crioulo do Parque da Harmonia, em Porto Alegre, presentes também o governador Alceu Collares, painelistas do Fórum e segmentos da economia vinculados ao "Agribusiness", e prefeitos de vários municípios.

CORREÇÃO DE SOLOS - O objetivo principal é recuperar solos desgastados pela ausência de correção e com elevado grau de acidez, que não respondem mais em termos de produtividade com as técnicas convencionais de cultivos. Os técnicos calculam que os prejuízos com a perda de solos em ordem direta, e a mais baixa produtividade das lavouras, somam prejuízos de mais de 300 milhões de dólares por ano, apenas no Rio Grande do Sul.

Os recursos necessários

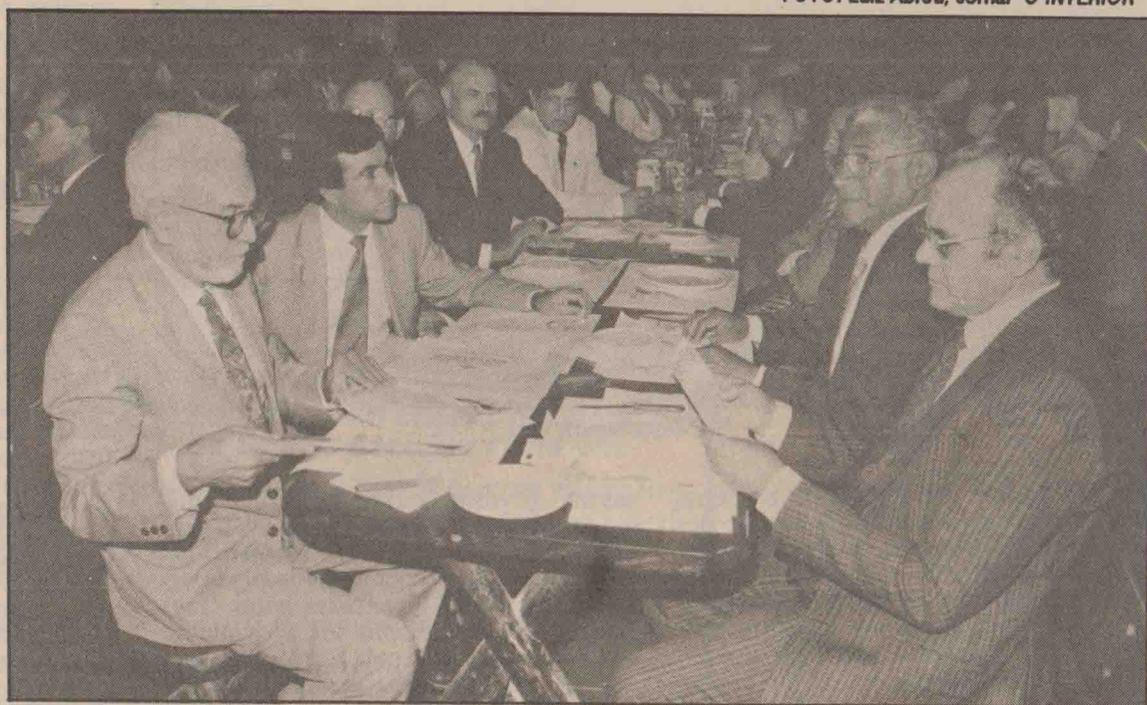


FOTO: Luiz Abreu, Jornal "O INTERIOR"

Lançamento do Programa de Recuperação do Solo
Rui Polidoro Pinto e Carlos Cardinal (à esquerda), em frente ao governador Alceu Collares e Synval Guazzelli

à execução do programa, que são de grande monta, serão repassados pelo Banco do estado do Rio Grande do Sul, Banco do Brasil, Banco Meridional e BRDE, formando uma espécie de "mutirão econômico", segundo as palavras do secretário Carlos Cardinal.

COOPERATIVAS - As cooperativas serão elementos de fundamental importância para a execução do programa, por serem as contratantes junto aos bancos, repassando os recursos aos agricultores, que se comprometerão a entregar parte da produção à cooperativa avalista do recurso alocado.

Os itens a serem financiados, são descompactação de solos, introdução de culturas protetoras de solos, terraceamento, calagem, adubação de

correção, estrumeiras, implementos para sistemas conservacionistas e de manejo e obras comunitárias para controle da poluição ambiental.

TROCA-TROCA DE CALCÁRIO - Sendo um dos itens importantes do programa a correção da acidez dos solos, vai haver participação ativa das indústrias do setor de calcário, que já concordam em receber o pagamento do produto a ser aplicado, em um sistema de estilo parecido com o sistema troca-troca. A primeira parcela, equivalente a 80 por cento do valor será quitada no ato da compra do produto, e os restantes 20 por cento, passado um ano da data de compra.

35 MILHÕES DE TONELADAS - Segundo dados levantados por técnicos da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a carência de calcário nos solos agrícolas do estado é de 35 milhões de toneladas. Esse volume deve ser aplicado ao longo de cinco anos, o que equivale uma média anual de sete milhões de toneladas. Em 1992, segundo os mesmos técnicos da UFRGS, apenas dois milhões de toneladas de calcário foram aplicadas, ficando bem abaixo das necessidades médias de recuperação do solo.

Dado o grande volume de calcário a ser transportado, a Rede Ferroviária Federal também entrou no processo. Comprometeu-se a receber 70 por cento do frete, no ato, e os restantes 30 por cento após um ano. O governo do estado, por sua vez, concordou em isentar do ICMS

o frete do calcário.

Quanto ao financiamento bancário, os agricultores terão prazo de três anos para a quitação, com um ano de carência. E a moeda indexadora a ser utilizada será a soja, com a adoção de uma tonelada de calcário por três sacas de soja, esclareceu o secretário Carlos Cardinal.

FORÇA DA PARCERIA - O presidente da Fecotrijo, Rui Polidoro Pinto, entende que o programa é inovador em vários aspectos, não se limitando apenas à correção dos solos. Em primeiro lugar, pela soma de entidades envolvidas e pela variedade de itens englobados no programa, ele reforça a parceria entre as pessoas e entidades econômicas, caracterizando o verdadeiro espírito do "Agribusiness". Há também uma nítida preocupação com a preservação do meio ambiente, evidenciando o lado educativo das pessoas no próprio meio ambiente rural.

UNIÃO DE PODERES - O governador Alceu Collares, apesar de extremamente sucinto ao fazer um discurso de dois breves minutos, aludiu a importância do fortalecimento da união entre os setores públicos estaduais com a economia privada, num segmento da maior importância para o desenvolvimento do estado, que é a agroindústria. E o ex-governador e atual diretor do Banco do Brasil, Synval Guazzelli, presente ao ato, acha que a parceria deixa de ser mera palavra de retórica para se constituir em uma realidade que renderá valiosos frutos a nossa economia, precisamente num momento importante e decisivo para nosso futuro econômico, com o advento do Mercosul.

Poast®+Assist®=Sucesso.

Passe hoje mesmo na sua cooperativa ou revenda BASF e compre já o seu Poast® para a próxima safra.



O graminicida de confiança.

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO



ARGEMIRO LUÍS BRUM

TRIGO

A realidade do mercado

A produção mundial de trigo para 1993 deverá chegar a 561 milhões de toneladas para um consumo em queda de 560 milhões de toneladas

A produção mundial de trigo, para 1992/93, está sendo prevista em 561 milhões de toneladas contra 545 milhões de toneladas produzidas no ano anterior. Por sua vez, o comércio mundial deverá recuar para 104 milhões de toneladas ante as 107 milhões negociadas no ano anterior. Ao mesmo tempo, o consumo mundial registra uma queda para 560 milhões de toneladas contra 564 milhões de toneladas consumidas em 1991/92. Assim, não é surpresa o fato dos estoques estarem sendo previstos em 129 milhões de toneladas contra 126 milhões de toneladas anteriormente.

Temos, portanto, um quadro de crescimento na oferta frente a um recuo no comércio e na demanda mundiais. Este quadro é confirmado pelo comportamento do mercado nestes últimos anos. Assim, enquanto a produção mundial atingia 443,6 milhões de toneladas em 1980, o comércio mundial se situava em 89,9 milhões de toneladas. Isto significa dizer que nestes últimos 12 anos, enquanto a produção crescia em mais de 100 milhões de toneladas, ou exatos 26,5 por cento, o comércio mundial aumentava em apenas 15,7 por cento. Mesmo tendo crescido o consumo no interior dos principais países produtores, isto não impediu que a oferta levasse estes países a uma guerra comercial internacional, através de fortes subsídios, na busca de um melhor escoamento de suas produções.

No que diz respeito aos países do Mercosul, apenas Argentina e Brasil se destacam como importantes produtores. A Argentina registra uma colheita de 8,6 milhões de toneladas para este ano, contra 9,87 milhões de toneladas do ano anterior. Sua produção está em relativo recuo nestes últimos anos na medida em que ela já chegou a 14,8 milhões de toneladas em 1982. Na verdade, a sua área de produção caiu de 7,2 milhões de hectares em 1982 para algo em torno de 4,7 milhões de hectares em 1992. Sua produtividade média também caiu, passando de 2.040 quilos por hectare há 10 anos para 1.830 quilos por hectare no ano passado. Enfim, suas exportações permanecem estacionadas entre cinco e seis milhões de toneladas - em 1983 o vizinho país chegou a exportar 10,2 milhões de toneladas. Das mesmas, o mercado brasileiro representa hoje entre 33 por cento a 40 por cento. Isto dá uma idéia da importância que o nosso mercado consumidor de trigo tem para os argentinos, na medida em que a Argentina enfrenta, hoje, grandes dificuldades ante os subsídios de seus concorrentes de outras partes do mundo, fato que a levou a perder por completo o mercado da ex-URSS.

Assim, a Argentina, graças ao Mercosul, vende hoje ao Brasil 2,0 milhões de toneladas de trigo. Sua maior vantagem é oferecer um produto de qualidade superior, segundo os industriais, com prazos de pagamento que chegam a 180 dias, enquanto o

produto nacional é negociado à vista.

Ora, como a produção brasileira ronda, hoje, a casa das 2,9 milhões de toneladas e o nosso consumo fica entre 6 e 7 milhões de toneladas, precisamos importar cerca de 4,0 milhões de toneladas anuais. Em outras palavras, o trigo argentino supre em 50 por cento as nossas necessidades com o chamado "cereal rei". Como a nossa dependência para o exterior é muito grande e, particularmente, com a Argentina, a mesma ganha contornos perigosos, o Brasil, nestes últimos meses, sob pressão industrial, passou a abrir ainda mais as suas fronteiras ao trigo externo.

Neste quadro, o Brasil retirou a alíquota adicional de 27,9 por cento existente sobre o produto procedente dos Estados Unidos e, no final de fevereiro passado, baixou a alíquota de importação geral. Antes, a mesma levava a uma taxa de 4,8 por cento sobre o trigo argentino - o mesmo tem uma margem de preferência de 68 por cento - enquanto o trigo norte-americano e o canadense sofriam uma taxa de 15 por cento. Agora, o imposto de importação do trigo em grão, descascado de qualquer origem, baixou para 5 por cento. Isto levou o trigo argentino a sofrer uma tarifação de apenas 1,6 por cento, graças a sua margem de preferência, enquanto os demais passam a sofrer uma taxa de 5 por cento. Em outras palavras, a diferença caiu aumentando a competitividade dos outros fornecedores. Quem perdeu, em todos os pontos, foi o trigo nacional. De tal maneira, que esta medida provocou uma redução nos preços internos do trigo entre US\$ 2,00 a US\$ 3,00 - fob cooperativas do Paraná.

Assim, no início de fevereiro de 1993 a tonelada de trigo nacional estava em US\$ 200,00 - cif moinho paulista - enquanto o trigo importado oscilava entre US\$ 220 e US\$ 280,00 a tonelada. Com a isenção, esta cai para US\$ 213 e US\$ 235,00 - cif moinho paulista. Já no início de março/93, o trigo nacional, posto moinho paulista, chegava a US\$ 210,00 a tonelada - pagamento imediato e qualidade inferior - enquanto o trigo argentino chegava igualmente a US\$ 210,00 a tonelada, porém, com pagamento em 90 dias. O trigo norte-americano era internalizado a US\$ 240,00 a tonelada e o canadense entre US\$ 215 e US\$ 220,00 a tonelada.

A título de comparação, a França vendeu trigo a ex-URSS, na primeira quinzena de março/93, a US\$ 159,50 a tonelada cif - graças a fortes subsídios na exportação.

Enfim, na segunda quinzena de março, enquanto os preços do trigo nacional pagos ao produtor continuavam parados em torno de US\$ 147 a US\$ 153,00 a tonelada - pelo quinto mês consecutivo - diante de um preço mínimo estabelecido em US\$ 143,00 a tonelada - as cooperativas estariam se recusando a vender o produto abaixo deste valor -, o trigo da Argentina

estaria chegando a US\$ 122,00 a tonelada após ter atingido US\$ 132,00 a tonelada.

Dentre outros fatores, este explica, praticamente sozinho, o porquê do setor privado desejar manter o atual volume de importação de trigo argentino. Afinal, segundo o referido setor, mesmo quando o trigo nacional é mais barato, não compensa, pois não possui a qualidade do trigo importado, além de não oferecer prazos para pagamento.

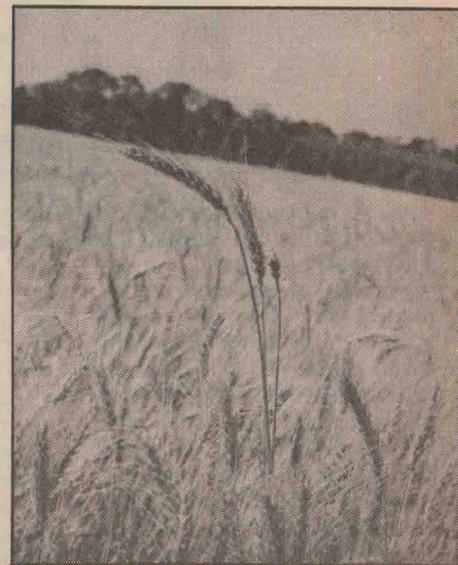
Mas a realidade atual do mercado do trigo no Brasil não termina aí. De fato, visando equilibrar a balança comercial entre o Brasil e a Argentina, nosso país vem aumentando suas importações de farinha de trigo argentina. A cota, que era de 200 mil toneladas em 1992, passou a 320 mil em 1993 e deverá ser maior ainda em 1994. A cota - prevista para este ano representa entre 15 e 17 por cento do consumo anual da região Centro-Sul do Brasil. Ocorre que, somando as duas medidas - isenção da alíquota na importação do grão e a importação de farinha -, não houve queda no preço da farinha de trigo ao consumidor de forma compensadora. Em outras palavras, o trigo nacional vem sendo prejudicado sem que o consumidor brasileiro tire vantagem através de preços finais mais baixos.

Neste contexto, cabe aqui algumas considerações que nos parecem chaves na atual conjuntura do mercado do trigo. Em primeiro lugar, nos parece evidente que a produção de trigo no Brasil não é mais prioritária para o governo brasileiro. No quadro do Mercosul, e sob o ângulo da macroeconomia nacional, vale mais a pena importar o trigo da Argentina neste momento.

Dentro desta lógica, nos interessam preços externos baixos. Nos interessam os subsídios dados pelos exportadores. Nestas condições, como manter preços compensadores aos produtores nacionais haja vista o nosso custo de produção - em 1992, o custo médio no Brasil foi de US\$ 197,31 por tonelada.

Assim, sem subsídio oficial e/ou um significativo aumento da produtividade e qualidade do produto, sem um consequente aumento dos custos, torna-se praticamente inviável produzir trigo no país, salvo para consumo direto das propriedades rurais. Entretanto, cabe salientar que o Brasil teria condições de aumentar a qualidade de seu trigo, pois investiu em pesquisa, enquanto a Argentina não o fez nestes últimos anos.

Em segundo lugar, ficarmos dependentes do mercado externo pode ser um grande risco no médio prazo. As cotações internacionais do produto podem se elevar enquanto os subsídios diminuiriam. No primeiro caso, temos a liberação de crédito norte-americano a ex-URSS - da ordem de US\$ 1,62 bilhão - para, dentre outras coisas, a compra de grãos. O trigo tende a ser privilegiado nestes negócios, fato que pode levar a um aquecimen-



Trigo

A oferta mundial continua crescendo, mas o comércio e a demanda estão em queda

do mercado. De fato, os Estados Unidos tentam recuperar o mercado da ex-URSS já que o mesmo vem acusando um sensível recuo nas suas compras de grãos em geral e de trigo em particular. Neste último caso, de 20,5 milhões de toneladas importadas em 1991/92, a hoje CEI importará 17,9 milhões de toneladas em 1992/93, sendo que 11,5 milhões de toneladas se destinam unicamente à república da Rússia.

Nesta mesma linha de raciocínio, um segundo fator a ser observado no que tange aos perigos de uma dependência acentuada pelo trigo do exterior, é o recuo na participação da CEE no mercado em função da reforma de sua Política Agrícola Comum - PAC - e dos acordos do GATT.

De fato, a CEE deverá reduzir em 21 por cento o volume produzido dos produtos subvencionados, dentre eles o trigo - com pousio obrigatório de 15 por cento da área plantada. As exportações de cereais ficam limitadas a 24 milhões de toneladas - a nova PAC prevê mesmo 18 milhões de toneladas. Isto significa 32 por cento a menos do que atualmente vem sendo exportado. E, a CEE se compromete a deixar entrar livremente - importar sem taxas - 3 por cento hoje, e até 1999, 5 por cento de seu consumo de cereais - entre 5 a 7 milhões de toneladas, dentre elas sobretudo o trigo.

Como consequência imediata de tais acordos, a França diminui sua produção de trigo de 34,4 milhões de toneladas em 1991 para 32,6 milhões de toneladas em 1992, prevendo-se, para 1993, uma forte redução nas áreas plantadas: trigo macio = 4,45 milhões de hectares - menos 4,2 por cento de área -; trigo duro = 243 mil hectares - menos 40,6 por cento de área.

Com o tempo, a Argentina pode muito bem vir a ser chamada novamente a suprir os mercados que por ventura serão deixados pelos europeus na esteira destas negociações. O Brasil, mesmo com o Mercosul, poderá, para não ficar sem o produto, ter que pagar caro pelo mesmo para poder abastecer o seu mercado. Um ponto que merece profunda reflexão e, sem dúvida, uma análise econômica bem mais avançada, antes de condenarmos a nossa triticultura ao sabor da concorrência internacional, hoje desleal pelo fato de incorporarmos os subsídios alheios sem protegermos aos nossos produtores.

Argemiro Luís Brum é professor pela Universidade de Ijuí, doutor pela EHESS de Paris-França, coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA

PECUÁRIA DE LEITE

Terneiras bem criadas

Terneiras criadas na propriedade possibilitam ao produtor o controle da sanidade da futura vaca bem como do potencial genético do animal

A evolução qualitativa e quantitativa do rebanho tem sido apontada como um dos problemas entraves para a expansão da pecuária nas propriedades. A forma mais rápida de promover o crescimento do rebanho é ainda via aquisição de animais. Mas este procedimento, no entanto, também tem as suas desvantagens. Ao adquirir um animal, com custo elevado, o produtor, além de não conhecer o seu potencial genético, está correndo o risco de trazer para dentro de sua propriedade algumas doenças.

A saída, embora um pouco mais lenta, passa indispensavelmente pelo uso de inseminação artificial. "É uma das formas do produtor promover, aos poucos, o melhoramento do padrão zootécnico do rebanho", prega o Supervisor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, Jair da Silva Mello, sugerindo ainda que o produtor faça o descarte das vacas menos produtivas. Garante que este é um procedimento que vai ajudar a elevar a produtividade diária e a produção mensal de leite. Evidentemente, deixa claro, que alguns cuidados, principalmente de manejo, precisam ser adotados, "a começar pela criação de terneiras".

OS CUIDADOS - Desobstruir as narinas e a boca do animal recém nascido, é um dos primeiros cuidados a ser adotado. Em seguida, sugere amarrar, cortar e desinfetar o umbigo e fazer com que a terneira tome o primeiro colostro. Tomados estes procedimentos iniciais, levar a terneira para uma cabana individual de madeira, instalada em local seco, com cocho para ração, um fenil e um suporte para o balde, onde será fornecido água e leite.

O fornecimento do colostro ao animal recém nascido é de fundamental importância, "pois este é rico em imunoglobulinas, uma substância que proporciona as defesas

do organismo da terneira, proteínas, sais minerais e vitaminas", explica. Na tabela 1, é possível observar os níveis de qualidade do colostro na 1ª e 4ª ordenha, comparado com o leite normal. "Por isso a importância da terneira ingerir, logo após o nascimento, no mínimo dois litros de colostro nas primeiras 12 horas de vida", insiste Jair referindo-se a importância da qualidade do alimento nas primeiras ordenhas.

O ideal é que a terneira permaneça as primeiras 48 horas junto da mãe. Vários trabalhos têm demonstrado que animais que tomam colostro diretamente da mãe apresentam níveis mais elevados de imunoglobulinas, menos incidência de diarreias, menores taxas de mortalidade e melhores ganhos de peso, do que aqueles alimentados com leite colocado em baldes durante estes dois primeiros dias. "Porém, nada impede que o produtor separe a terneira da vaca logo após o parto", explica o Jair sem deixar de insistir no cuidado de fornecer o colostro várias vezes ao dia, "sempre na temperatura de 35 a 37°C.

Além do leite ou algum substituto deste, o animal deve receber feno de alta qualidade já a partir dos 8-10 dias de idade. O desmame deve ocorrer aos 50-70 dias, "quando a terneira estiver consumindo de 500 a 600 gramas/dia de ração". "Os cuidados com alimentação e manejo devem ser acompanhados por correto manejo sanitário", alerta destacando a importância das vacinas e everminações.

SUBSTITUTO - O uso do substituto do leite - Terneleite - deve iniciar após o 7º dia de vida da terneira, na proporção de 100 gramas para 1,0 litro de água, fornecido a uma temperatura ao redor dos 37°C. "Como estamos no período de formação de cota e o Terneleite é mais barato, torna-se mais vantajoso

para o produtor vender o leite ordenhado", aconselha Jair incentivando o uso, neste caso, de um substituto do leite na alimentação do animal. Após o desmame, as terneiras devem ser agrupadas em lotes e colocadas em pastagens de boa qualidade para que apresentem um bom desempenho corporal. Até os oito meses de vida, devem receber de 1,5 a 2,0 quilos de ração/dia, além de silagem de feno de boa qualidade.

"O objetivo final de todo o cuidado preconizado é fazer com que a novilha atinja os 320-350 quilos de peso vivo ao completar 15-17 meses de vida - caso da raça holandesa, quando então poderá ser inseminada", explica. O animal inseminado nesta idade e peso, vai ter seu primeiro parto aos 24-26 meses de idade, "proporcionando, por outro lado, maior produção de leite durante sua vida útil". A ocorrência do primeiro parto antes dos 24 meses não deve ser buscado pelo produtor, pois haverá uma redução na produção de leite dessa primeira lactação.

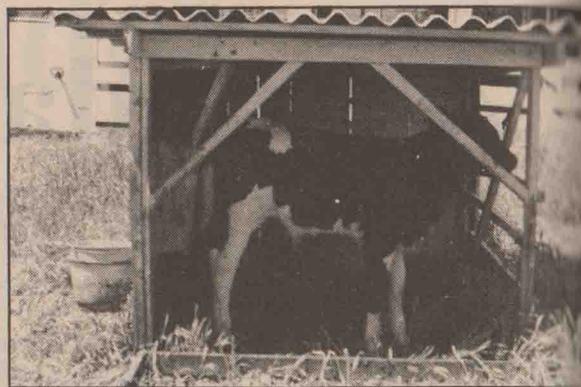
RISCOS - Consideran-

do as questões custos de aquisição de animais de fora, aliado ao risco de sanidade, o Jair aconselha a criação da terneira na propriedade, embora reconheça ser um pro-

cesso bem mais lento de evolução do rebanho. "Mas o importante é que nestas condições o produtor tem controle da sanidade da futura vaca que está criando e irá incorporar ao plantel, bem como do potencial genético do animal".

A Cotrijuí, na sua proposta de melhorar a qualida-

Criação de terneiras na propriedade. Nas cabanas, as terneiras recebem ração, feno e leite



do do rebanho da região e, através deste levar o produtor a atingir novos níveis de produtividade e, consequentemente melhores rendimentos, dispõe de um programa de financiamento para a criação de terneiras, desde o seu nascimento até os seis meses de idade. Este financiamento envolve repasse de Terneleite, ração, desinfetante, vermífugo

e vacinas. O financiamento pode ser pago em leite, num prazo de 18 meses. Ou em seis parcelas a cada três meses ou três parcelas a cada seis meses. Maiores informações sobre o programa e sobre os aspectos técnicos da criação, poderão ser obtidas com os departamentos técnicos das Unidades da Cotrijuí.

TABELA 1 - OS NÍVEIS DE QUALIDADE DO COLOSTRO NA 1ª E 4ª ORDENHA, COMPARADO COM O LEITE NORMAL

Principais constituintes	Colostro		Leite normal
	Ordenha pós parto 1ª	Ordenha pós parto 4ª	
Gordura (%)	6,7	4,4	3,5
Proteínas (%)	14,0	4,2	3,1
Imunoglobulina (%)	6,0	-	0,09
Vitamina A (g/100ml)	295	76	34

Fonte: Adaptado Manual Pecuária Leite - CCGL - 1992

TABELA 2 - ALIMENTAÇÃO DA TERNEIRA DO NASCIMENTO ATÉ OS 70 DIAS (raça Holandesa)

Idade (dias)	Leite		Ração (1)	Feno	Água
	manhã	tarde			
Até 2	colostro	colostro	-	-	-
3 a 14	2	2	à vontade	à vontade	à vontade
15 a 49	2,5	2,5	à vontade	à vontade	à vontade
50 a 70	-	4,0	até 2,0 quilos/dia	à vontade	à vontade

Obs.: (1) Fornecer ração balanceada para terneiras com 18 por cento de proteína bruta

TABELA 3 - CUSTO DE CRIAÇÃO DA TERNEIRA

Idade	Leite (lt)	Soja (sc)	US\$
60 dias	546	11	120
240 dias	851	17	187
365 dias	914	18	201

Fonte: Juliani, 1992

* Preços médios últimos 12 anos

Use Dimilin
A Natureza agradece.



ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc).

Consulte um Engenheiro Agrônomo

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

DIA DE CAMPO

Rendimento integrado

Suinocultura ao ar livre e adubação orgânica, entre outros assuntos reuniram um grande número de produtores em Tenente Portela

A integração da suinocultura com demais atividades da propriedade e o uso de práticas e equipamentos que proporcionem maior eficiência à produção com menores custos, foi a chamada geral de um dia de campo realizado na propriedade do produtor Euclides Rosseti, da localidade de Braço Forte, Tenente Portela, no dia 29 de abril. Mais de 100 pessoas, entre produtores e técnicos, participaram do encontro promovido em conjunto pela Cotrijuí e equipes da Emater de Tenente Portela e de Vista Gaúcha. Divididos em grupos, os participantes do dia de campo passaram por quatro estações de debate: a suinocultura ao ar livre, o secador de leite fixo, instalações e o uso de adubação orgânica.

Apoiado no exemplo da propriedade demonstrativa e na experiência do Condomínio Rural de Xadrez de Carazinho, o chefe do escritório da Emater daquele município, o agrônomo Nildo Formigheri falou sobre a eficiência do sistema de criação de suínos ao ar livre, que resumidamente consiste em dissolver as fases de gestação, maternidade e creche em piquetes. Este sistema, historiado pelo agrônomo, começou a ser utilizado na Inglaterra em 1978, devido a falta de recursos dos produtores, e em pouco tempo se expandiu chegando a representar 29 por cento das criações em 1989. Tanto na experiência européia

como a regional, o sistema "plain air", tem comprovado ser tão eficiente quanto o sistema de confinamento, assinalou o agrônomo, caracterizando o primeiro como um sistema simples, porque acompanha a reprodução natural dos animais e por exigir menores investimentos por parte do produtor. Para sua implantação é necessário apenas 30 por cento do gasto investido no sistema de confinamento, disse Formigheri, salientando que no "plain air" a instalação de uma matriz sai em torno de 254 dólares, enquanto no outro esse valor sobe para mil dólares.

Caracterizado ainda pela ausência de medicamentos mais tradicionais e pelo fornecimento maior de ração, o sistema de criação de suínos ao ar livre também tem suas exigências. O terreno, por exemplo, tem que contar com uma declividade de até oito por cento, áreas sombreadas e cobertura de solo permanente que evite machucaduras nos cascos dos animais e a sujeira dos bebedouros.

Estas exigências e mais algumas como maior disponibilidade do produtor para manejar os animais, são compensadas pelos resultados obtidos, acredita o agrônomo, preocupado em apresentar o "plain air", não como um método de criação indispensável, mas como uma grande alternativa para as épocas mais difíceis, já que ele proporciona a mesma produtividade das granjas,



Dia de campo
Debate dividido
em quatro
grupos

mas com custos menores.

ALIMENTAÇÃO - Qualquer sistema de criação, entretanto, somente vai conseguir manter lucratividade caso o suinocultor não esqueça um ponto fundamental: o de produzir a maior quantidade possível de alimentos para o rebanho, onde o milho ocupa um lugar importante. Para complementar esta advertência de Formigheri, o engenheiro agrônomo Carlos J. Petersen, da Emater de Ijuí, apresentou as vantagens práticas e econômicas do secador múltiplo de grão, modelo desenvolvido pela entidade. Servindo a secagem do milho, tostagem da soja e vários outros grãos, o secador pode ser feito com material e mão-de-obra caseira e servir ao uso coletivo.

Em relação às instalações, o médico veterinário da unidade da Cotrijuí de Santo Augusto, Paulo Basso, deixou bem claro que não existem regras fixas para o modelo das instalações. Elas devem ser feitas conforme as condições de cada um, mas obedecendo sempre às necessidades de conforto exigidas pelo animal para que ele tenha condições de se desenvolver bem e com isso garantir lucratividade ao rebanho.

Na última estação, o técnico agrícola da Emater de Vista Gaúcha, Valdir Sangaletti, mostrou que o manejo dos resíduos da suinocultura podem aumentar os rendimentos da produtividade e evitar ainda a poluição ambiental. Baseado no exemplo de Rosseti, o técnico falou sobre a necessidade de construção de uma bio-esterqueira na propriedade, e o uso do esterco como adubo orgânico, enumerando diversas razões como a grande concentração de nutrientes no esterco, a redução da contaminação da água, a melhoria do solo e em consequência da produtividade e ainda a redução dos custos com adubação.

Para destacar ainda mais a importância da adubação orgânica, disse, por fim, que uma porca equivale a 12 toneladas de esterco por ano, e este a 150 quilos de uréia, 142, 50 quilos de supertríplo e 39 quilos de cloreto de potássio, nutrientes necessários à adubação de um hectare.

Após as palestras, os participantes do encontro assistiram a uma demonstração do distribuidor Ipacol, de Veranópolis que espalha esterco seco, líquido e calcário.

Atividade controlada



Rosseti
E a cabana da
maternidade
feita por ele
mesmo

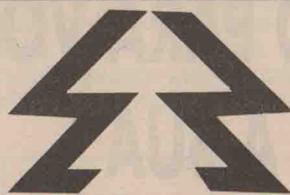
Proprietário de 22 hectares, o seu Euclides Rosseti é uma prova de como o sistema "plain air" se ajusta às pequenas propriedades com poucos recursos de investimento. Ele começou a adotar o sistema há um ano, como forma de reforçar uma atividade que já trabalhada também através da Apsat Nossa Senhora da Saúde, da qual o produtor é um dos integrantes.

Aproveitando as instalações de um aviário desativado há dois anos pela falta de mercado, o produtor transformou o local em instalações de terminação e em duas pequenas áreas instalou os piquetes de gestação e de maternidade. Optei por este sistema porque queria fazer uma atividade com controle", diz o produtor, explicando que o sistema de confinamento, no seu caso, sairia muito caro e poderia inviabilizar a produção.

Trabalhando atualmente com seis

Trabalhando atualmente com seis matrizes, o produtor de Braço Forte também estruturou bem a parte de alimentação dos suínos. A minha idéia é tornar a propriedade auto-suficiente em alimento", salienta Rosseti que já conta com o secador múltiplo de grãos que serve tanto a uma produção de cinco hectares de milho, uma parte de soja, entre outros alimentos destinados ao suíno. "O porco tem que ser meu", justifica ainda o produtor dizendo que "com preço ruim e pagando juro, a suinocultura não se sustenta". Gastando muito pouco na parte do rebanho criado ao ar livre, o produtor espera aumentar a receita da suinocultura, através da adubação orgânica. Os 200 suínos que devem ser terminados por ano vão render ao produtor nada menos do que 100 metros cúbicos de esterco líquidos, utilizados primeiramente no pomar e em seguida na lavoura.

Trabalhando atualmente com seis



UNIMED-IJUÍ

SOCIEDADE COOPERATIVA DE SERVIÇOS MÉDICOS LTDA.

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE UNIMED

Os associados da Cotrijuí, ainda não beneficiados e que desejarem participar do PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE UNIMED, poderão inscrever-se no referido Plano no período de 01.04.93 a 31.05.93, na SECREDI de sua cidade.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar, com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta com 333 médicos, 39 hospitais e 44 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

- 1 - Consultas em horário normal de consultório, fora-de-hora, em plantão hospitalar com todos os médicos da área de ação da UNIMED, num total de 333 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área de ação;
- 2 - Exames de laboratório: atendimento por 44 laboratórios;
- 3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anátomo-patológicos, retossigmoidoscopia, esofagogastroduodenoscopia, etc.;
- 4 - Fisioterapia;
- 5 - Exames de Raio X;
- 6 - Atendimento de urgência diretamente nos pronto-socorros;
- 7 - Hospitalizações em quarto semi-privativo ou privativo mediante acoplamento com o INSS, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesarianas).

Maiores informações sobre o Plano, como participações nas consultas, complementação de honorários em acomodação hospitalar superior, carência, etc., encontram-se no Folheto UNIMED à disposição na SECREDI de seu município.

LEMBRE-SE, SAÚDE É O MELHOR INVESTIMENTO.
DEIXE SUA SAÚDE AOS CUIDADOS DE QUEM ENTENDE: O SEU MÉDICO DE CONFIANÇA

OCERGS

Mais dinâmica e mais democrática

A prioridade para o novo presidente é tornar a Ocergs uma entidade mais dinâmica em suas ações.

Em assembléia realizada no dia 30 de abril, no auditório do Incra, em Porto Alegre, a Organização Central das Cooperativas do Rio Grande do Sul, Ocergs, elegeu a nova diretoria para o triênio 1993/1996. A assembléia de eleição confirmou o nome de Raul Bigarella, veterano líder cooperativista, há anos presidente da Fecovinho, um nome que promete muito, agora responsável pela orientação política da entidade.

Raul Bigarella assume uma Ocergs renovada em seus princípios, já que teve reformulado seu estatuto, cuja intenção foi torná-la mais dinâmica e mais democrática.

O programa de ação a ser implementado pela nova diretoria só será completado nos próximos dias. Mas sabe-

DIA DE CAMPO

Melhoria na qualidade dos animais

No dia 24 de abril as cabanhas reunidas, Recreio e Quero-Quero, propriedade de Milton José da Silva e Silva e Mário Ricardo da Silva Seabra, com o apoio da Associação Brasileira de Criadores de Shorthorn e da Emater, promoveram um concorrido Dia de Campo em Dom Pedrito. Foi mostrado o sistema moderno de criação, que tem resultado na melhor qualidade dos animais, com rápido ganho de peso na terminação da raça, o que justifica a elevada procura do Shorthorn, principalmente para os cruzamentos com animais mais rústicos.

O evento aconteceu na sede das referidas cabanhas, no 2º subdistrito, na BR-293, quilômetro 262, no sentido Dom Pedrito-Santana do Livramento.

Estiveram presentes o prefeito municipal pedritense, Lídio Bastos, o diretor-técnico da Associação Nacional de Criadores, diretor do Herd Book Collares, o diretor do Promébo, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Shorthorn, presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, Valter José Pötter, técnicos da Secretaria da Agricultura e Abastecimento e criadores de vários municípios das regiões da Campanha e Campos de Cima da Serra, num total de 92 produtores rurais.

se desde já, que algumas questões estão colocadas como prioritárias. A principal delas é a defesa da liberação de cotas-partes para as cooperativas. Bigarella lembrou, durante o pronunciamento feito no ato de posse, que as cooperativas são fiéis cumpridoras de suas obrigações fiscais. Precisam do retorno de parte dos recursos que carregam para os cofres públicos. E principalmente se considerar que estamos num país onde alguns seg-

mentos da economia sonegam bilhões de dólares todos os anos.

A NOVA DIRETORIA

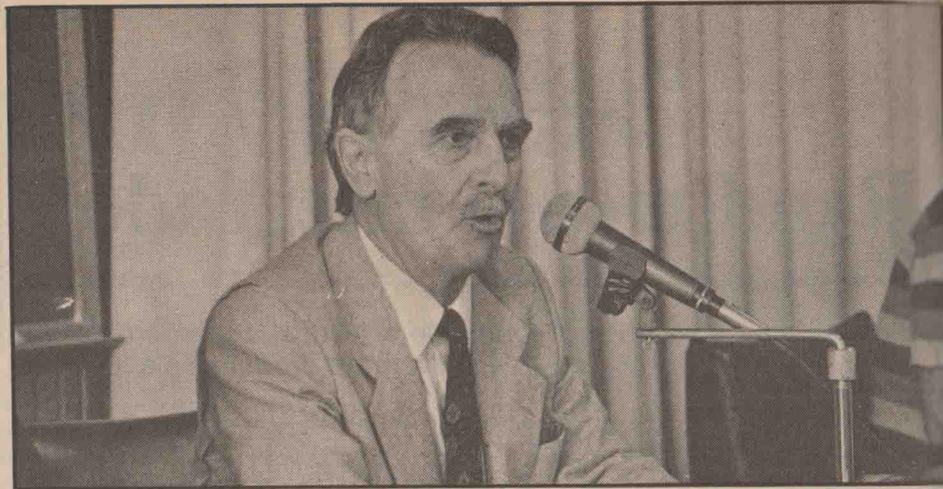
- Raul Bigarella assumiu contando com oito vices, de oito federações e mais cinco centrais cooperativas. Há também seis vices representantes de segmentos não alinhados ao cooperativismo, que são: trabalho, consumo, escolar, odontológi-

co e créditos mútuo e urbano, segundo estabelece o novo estatuto da entidade.

O conselho fiscal está formado por João Batista Borges de Azevedo, Pedro Ferreira da Silva e Alfredo Monteiro Neto, titulares, tendo por suplentes, Mauro Gilberto Pup-

pe, Edenor Francisco Picolli e Nadir Bragagnolo.

O conselho de ética, que substitui o antigo conselho curador, é constituído por Josemar dos Santos Riesgo, Hélio Marchioro e José Cairolli. E os suplentes, Egon Édio Hoerlle, Altivo Osmar Ruschel e Luiz Antonio Piazzon.



Raul Bigarella
O novo presidente da Ocergs

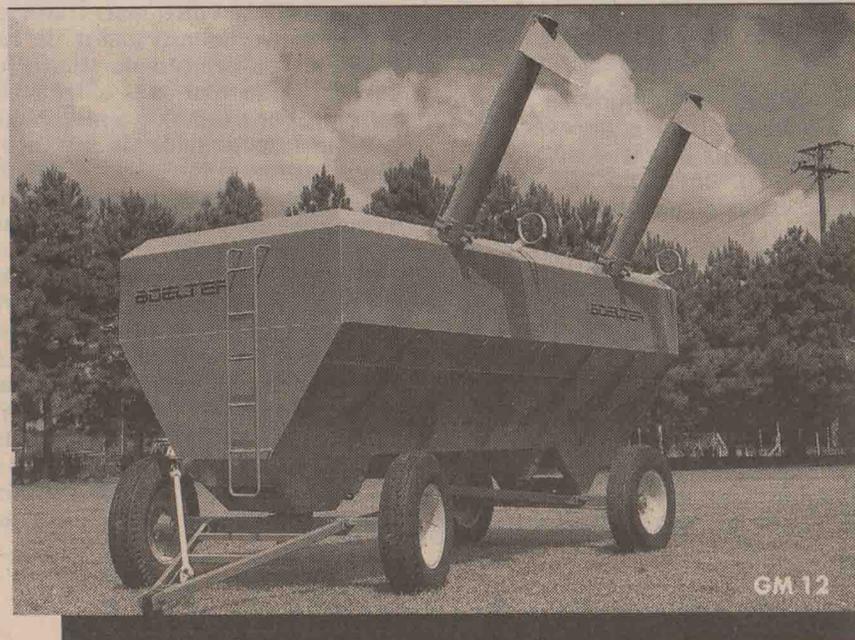
A BOELTER ESTÁ DANDO UM GRANDE MOTIVO PARA VOCÊ VISITAR A SUA REVENDA



GRANELEIROS E SILOS MÓVEIS BOELTER

Você tem agora um grande motivo para visitar a sua revenda: ela está com os Graneleiros e Silos Móveis Boelter a preços muito especiais.

E, quando você adquire um implemento Boelter, está colocando produtos da mais alta qualidade em sua lavoura. Projetados para o transporte de cargas a granel como a soja, os Graneleiros Boelter recebem o cereal diretamente da colheitadeira evitando paradas durante a colheita. Com capacidades de carga de até 32.000 litros, todos eles possuem grande velocidade de descarga e operam em qualquer tipo de terreno. Estes implementos atendem a necessidade de colheita de sua região e, neste momento, estão com preços e condições especiais.



	Capac. (litros)	Capac. (sacos de soja)	Rodas		Altura descarga (m)
			Quant.	Tipo	
GT 6.000	6.000	80	2	15x30	3,40
GT 9.000	9.000	120	2	18x26	3,50
GT 10.000	10.000	130	2	18x26	4,20
GT 12.500	12.500	165	2	18x26	3,50
GM 12	12.500	165	4	900x20	3,45
GM 23	22.500	300	4	1100x22	3,60
SM 23	22.500	300	2	6,50x16	3,40
SM 32	32.000	420	2	6,50x16	3,40

BOELTER

Boelter Agro Industrial Ltda.

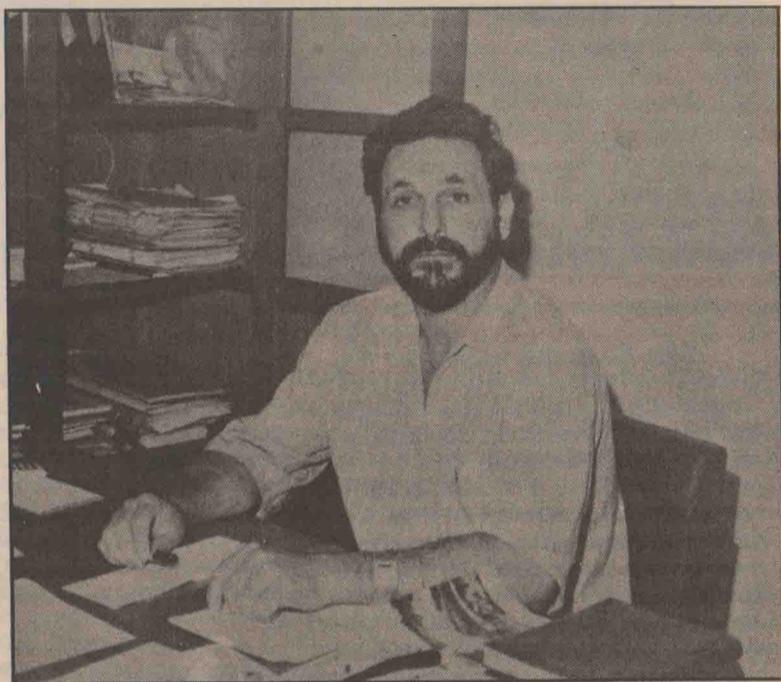
BR-290 - Trevo de Acesso a Gravataí - Gravataí - RS - Brasil

Fone/Fax (051) 488.3522 - Telex 51.2151

USINA DE LIXO

Prefeituras formam consórcio

As prefeituras municipais de Tenente Portela, Miraguaí, Vista Gaúcha, Derrubadas e Barra do Guarita formam consórcio para implantação de uma usina de reciclagem de lixo urbano



César Bolson
A idéia pode servir de exemplo

Uma usina de reciclagem de lixo em Tenente Portela. Esta idéia nasceu ainda por ocasião da elaboração do programa de governo da atual administração e tinha como objetivo resolver o problema do aterro sanitário existente no município, instalado a céu aberto e que vem poluindo os mananciais hídricos existentes ao redor, "provocando muitas reclamações da população", explica o secretário municipal de Agricultura e Meio Ambiente, César Antônio Bolson.

Tão logo assumiu a Prefeitura, a atual administração tratou de levar a discussão adiante. A princípio, a idéia era a de instalação de uma usina de reciclagem de lixo em Tenente Portela, custeada pelo próprio município. Mas os elevados custos de implantação fizeram com que a proposta avançasse para um sistema de consórcio. Foram convidados para participar do projeto, os municípios vizinhos que integram a Grande Tenente Portela, num total de cinco. Além de Tenente Portela, se associaram Miraguaí, Barra do Guarita, Vista Gaúcha e Derrubadas. "Este projeto e a sua forma de implantação, através de consórcio, pode servir de exemplo para outros municípios", destaca Bolson sugerindo o mesmo sistema para aquisição de máquinas pesadas ou para instalação de uma usina de asfalto, por exemplo. Diz que além de trabalharem em parcerias, as prefeituras, "na sua maioria atravessando uma fase difícil nas suas economias", estarão dividindo custos.

A USINA - Com projeto sendo elaborado para ser encaminhado às cinco Câmaras de Vereadores para aprovação e com licitação para compra de terreno por sair, a usina de reciclagem de lixo deverá ficar instalada no município de Tenente Portela. Com capacidade para reciclar 30 toneladas de lixo/dia, a usina deverá consumir recur-

sos, apenas para instalação e colocação em funcionamento, na ordem de 25 mil dólares. A participação de cada prefeitura será proporcional ao volume de lixo gerado. Tenente Portela, por exemplo, que tem uma população urbana situada em torno de 12 mil habitantes, além de sediar o projeto, vai entrar com a maior fatia de recursos: 68 por cento. Derrubadas vai participar com 7 por cento; Miraguaí com 15 por cento; e Barra do Guarita e Vista Gaúcha com 5 por cento cada uma. "Esses municípios novos, como Barra do Guarita e Derrubadas, ainda não têm problemas com o lixo urbano, mas suas administrações estão conscientes de que tudo é uma questão de tempo", diz Bolson.

Além de sediar a usina, "o terreno será escolhido com muito cuidado, pois alguns requisitos como declividade, distância dos mananciais hídricos, distância das rodovias e centros urbanos, precisam ser observados segundo as normas da Fundação Estadual de Proteção ao Meio Ambiente". A administração de Tenente Portela terá sob sua responsabilidade o gerenciamento da usina. Ela assume ainda a responsabilidade de contratar e pagar os funcionários e de fazer a manutenção da usina. Em contrapartida, fica com a receita obtida com a venda do material reciclado.

Os demais municípios participantes do consórcio vão receber, o adubo orgânico, resultante da compostagem, que será dividido na mesma proporção de participação de cada um, "inclusive Tenente Portela", explica o secretário Municipal de Agricultura e Meio Ambiente. Todo o lixo produzido nos demais municípios será recolhido pelas suas respectivas prefeituras e encaminhado para Tenente Portela, onde será, então, reciclado.

Pesquisa & Desenvolvimento AGRÍCOLA

Coordenação do eng. Agr. M. Sc. Luís Volney de Mattos Viau

Cultivos de estação fria

Na safra de 1992 observou-se um decréscimo na área cultivada no inverno, refletindo de forma significativa na redução da produção de grãos. A par dessa diminuição tivemos outro agravante, que foi a redução da cobertura do solo no inverno, não atendendo ao primeiro pressuposto da conservação do solo. Estes fatos são decorrentes da falta de estímulos oficiais para a formação de lavoura dos cereais de inverno. A política governamental, com suporte no Mercosul e com acordos realizados principalmente com a Argentina, colocam em risco a triticultura nacional, bem como a produção de outros cereais. A obtenção de produto com preço inferior ao nacional, torna os grãos de inverno, especialmente trigo e aveia, pouco competitivos a nível de mercado internacional. Entretanto torna-se necessário uma análise do sistema de produção do agricultor, especialmente da que ligado a produção animal, onde grãos produzidos no inverno poderão ser importantes no processo de exploração agropecuária.

A integração das atividades agropecuárias, onde o produto final é o leite, carne suína e bovina, poderá tornar mais viável estas explorações se estiver associada à produção de grãos.

O trabalho publicado sobre "A Verticalização da Produção" evidencia que uma propriedade agrícola, independente do seu tamanho, pode apresentar receita líquida superior nas combinações: leite e grãos; suínos e grãos; bovinos, suínos e grãos e bovinos e grãos quando comparadas ao bonômio trigo/soja, conforme pode ser visualizado na tabela 1.

Portanto, o ajustamento na produção de grãos, tanto no verão como no inverno deve ser objeto de programação eficiente, tendo como meta a análise do provável retorno globalizado nos sistemas adotados pelo produtor.

Analisar de forma isolada a produção de grãos no inverno ou no verão atualmente revela a pequena viabilidade econômica dessas culturas. Dentro desse contexto, culturas como o triticale, cevada forrageira, aveia branca e preta, centeio, poderão ser componentes importantes na alimentação animal, enquanto que ao trigo daremos uma utilização mais nobre, ou seja, o papel que sempre teve na alimentação humana.

POTENCIAL DE RECEITA EM PROPRIEDADES AGRÍCOLAS DE 25 HECTARES E 200 HECTARES

Tipo de Exploração	Em dólares	
	Receita bruta	Receita líquida
Propriedade de 25 ha		
Suínos e grãos	28.487	7.147
Leite e grãos	15.886	4.487
Soja e trigo	12.720	3.405
Propriedade de 200 ha		
Bovinos/suínos e grãos	216.267	51.860
Bovinos e grãos	173.523	48.066
Leite e grãos	154.315	47.232
Trigo e soja	103.560	25.332

Fonte: A verticalização da Produção, 1991.

Em busca de estratégias

A função da agricultura é a transformação da energia química em combustível. Os processos agropecuários têm suporte na produção e com base nos insumos energéticos derivados do petróleo caracterizando-se como altamente dependentes dos insumos modernos, tornando-os cada vez menos rentáveis e competitivos. Isto leva à busca de estratégias para a elaboração de sistemas produtivos alternativos, com o objetivo de tornar as explorações agrícolas sustentáveis agronomicamente e economicamente viáveis e menos poluidoras do ambiente.

Com este enfoque, algumas propostas têm sido analisadas e experimentadas no sentido da validação dos seus resultados. Assim, temos certeza de que a sustentabilidade da produção agrícola está diretamente ligada à correção da acidez e fertilidade do solo, uso da rotação de cultura e adubação verde, emprego do controle biológico de pragas, de doenças e plantas daninhas, o uso do plantio direto e do gerenciamento da propriedade rural com a programação das suas atividades.

Analisando estas tecnologias dentro de um quadro comparativo com o que os produtores da região estão realizando, percebemos que estas práticas não têm sido usadas na intensidade que a agricultura necessita.

Os resultados das safras têm refletindo esta afirmativa, levando a estimativas e previsões que dificilmente poderiam ser alcançadas. Como atingi-lo, é o desafio que temos que enfrentar.

ADMINISTRAÇÃO RURAL

O interesse é do produtor

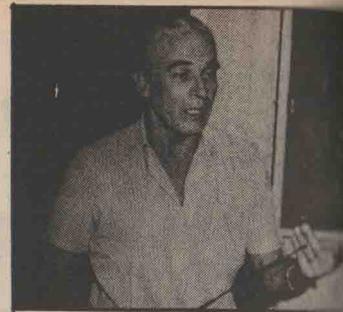
Darci Coelho e Narciso de Castro, ambos da Emater/RS, estiveram em Ijuí, coordenando um curso sobre Gerenciamento e Administração Rural para técnicos da Emater e da Cotrijuí na região

encontrada, como se isso não representasse tempo e dinheiro. Diz que o produtor está trabalhando com custos invisíveis, sem perceber claramente. "Estes aspectos precisam ser considerados, caso o produtor queira permanecer trabalhando e ganhando dinheiro na atividade de que desempenha".

GERENCIAMENTO - Identifica o problema da expulsão, especial-

mente do pequeno produtor, do meio rural como fruto da falta de gerenciamento agrícola na propriedade. "Essa é uma realidade que felizmente começa a mudar", acredita ele, tendo por base, para esta perspectiva o fato de que o próprio produtor começa a solicitar para a Emater e suas cooperativas, cursos de gerenciamento agrícola. Exemplificando sua afirmação, diz que ape-

Darci Coelho



nas na área de citricultura, existem 90 produtores inscritos na região de Harmonia e Montenegro, para fazerem cursos de custos de produção e gerenciamento agrícola. "Esse interesse é fruto da necessidade que o produtor começa a sentir de possuir conhecimento dentro destas áreas".

De que forma um produtor pode determinar seus custos de produção? A pergunta foi feita pelos engenheiros agrônomos Darci Coelho e Narciso de Castro, ligados ao Departamento de Administração Rural da Emater/RS. Darci Coelho e Narciso de Castro estiveram em Ijuí, no início de abril, coordenando um curso sobre Gerenciamento e Administração Rural, promovido pela Cotrijuí e Emater para técnicos da região:

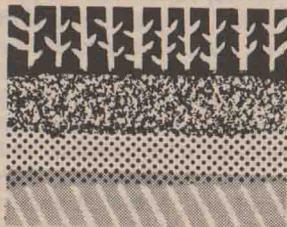
A determinação dos custos de produção, de qualquer atividade agropecuária, deve partir de um sistema de registros, onde o produtor deverá anotar todas as suas despesas e as suas receitas. Num segundo momento, entende Darci Coelho, o produtor deverá confrontar os preços praticados no mercado para aquele determinado produto com os custos levantados e verificar se os mesmos estão dando cobertura aos gastos feitos. "Com este sistema de controle, o produtor tem condições de verificar os pontos de estrangulamento existentes na propriedade, traçar novas metas e buscar uma administração mais eficiente, capaz de reverter a situação", afirma.

TECNOLOGIA ADEQUADA - Para Darci Coelho, mestre em Administração Rural, poupar não significa gastar menos em determinada atividade agropecuária. "Poupar, reforça, significa gastar numa tecnologia adequada, capaz de proporcionar ganhos de produção em custos mais baixos por unidade produzida". Diz que o mais importante é o menor custo por hectare ou por sacco produzido, mas nunca o menor custo desembolsado.

Outra constatação feita pelo engenheiro agrônomo em propriedades analisadas pela Emater mostra que o produtor não tem uma idéia muito clara da distribuição dos recursos dentro da propriedade, seja em matéria de mecanização, de benfeitorias, de construções ou de aquisição de animais. "Temos encontrado muitas propriedades com distorções de investimentos", observou, sugerindo um levantamento da distribuição deste patrimônio.

Outra questão que não tem sido bem analisada pelo produtor diz respeito a aplicação do retorno tirado das suas atividades. Ou seja, Darci Coelho diz que o produtor precisa avaliar melhor esta questão, pois muitas vezes, em lugar de aplicar esse retorno na atividade ou na melhoria da propriedade, prefere as cadernetas de poupança. "Se ele fizer uma análise mais profunda, vai verificar que algumas atividades podem render mais do que as cadernetas de poupança", observa.

Mas segundo Darci Coelho, não são na verdade os problemas com a administração financeira, os grandes gargalos de uma atividade agropecuária. "A maior dificuldade está na administração dos recursos humanos pela ineficiência do uso da administração de pessoal, seja mão-de-obra familiar ou contratada", diz lamentando a ociosidade



SOLOS

Coordenação do eng. agr.

Rivaldo Dhein /CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí

Somente boas chuvas não bastam

Rivaldo Dhein

Terminada a safra de grãos do verão 1992/93 - especialmente de soja e milho - observamos que foi apenas uma safra normal e não uma "supersafra", mais uma vez anunciada e esperada pelos mais afoitos e otimistas. Muitos agricultores, iludidos pela esperança de grandes lucros, saíram frustrados. Esperavam colher de 40 a 50 sacos por hectare, mas tiveram que se satisfazer com 25 a 30 sacos de soja por hectare, uma produtividade sem dúvida antieconômica nos dias de hoje, se considerarmos a remuneração do trabalho e da terra.

Rendimentos de 1.800 a 2.000 quilos por hectare de grãos estão longe de representarem uma supersafra, quando se sabe que o potencial de produtividade destas culturas é muito maior. Mais que o dobro dentro dos padrões normais de uma lavoura bem conduzida da nossa região, isto é, com os cuidados e preocupações mínimas de rotação de culturas e boa fertilização.

Mas afinal, o que foi que aconteceu? As chuvas desta vez foram satisfatórias, tanto em intensidade e volume quanto na distribuição. A resposta a este tipo de pergunta é simples e é do conhecimento dos agricultores. Quem ainda não se deu conta do que aconteceu - aliás, do que vem acontecendo e crescendo acentuadamente nos últimos anos - basta que reflita um pouco que chegará à conclusão inevitável.

Acabou-se o tempo em que simplesmente se plantava e depois se colhia. Ou o tempo em que se jogava um pouco de adubo na terra e se controlava a lagarta. A lavoura de soja de hoje requer planejamento, acompanhamento e cuidados constantes.

Com muita insistência, nos últimos anos temos comentado que a monocultura, principalmente quando intensamente mecanizada - como no caso do binômio trigo/soja - leva à rápida degradação do meio ambiente, principalmente do solo. A deterioração de matéria orgânica leva à desestruturação e compactação do solo e ao esgotamento de sua fertilidade, nos aspectos biológicos físicos e químicos.

Este desequilíbrio, por sua vez, favorece o surgimento de invasoras - inços -, das pragas e das doenças das culturas. É notório nos últimos anos, o rápido aumento do número e na intensidade com que as doenças vem atacando a cultura da soja que, há alguns anos, não apresentavam este tipo de problemas. Nesta safra de soja, danos consideráveis causados por doenças já puderam ser observados. Aliás, o próprio Cotrijornal noticiou o fato.

A safra deste ano deixou muito claro que "da água não saem grãos". Para desenvolver-se de forma sadia e reproduzir-se - produção de grãos ou sementes - as plantas precisam estar bem alimentadas. Mas para que estejam bem alimentadas, antes de mais nada, o solo precisa ser fértil em nutrientes minerais. Se não os contiver naturalmente e em quantidades suficientes, precisam ser aplicados através de adubação. A análise do solo é quem nos dá esta informação.

Isto ainda não é suficiente. Para que esta fertilidade natural ou os fertilizantes aplicados sejam realmente aproveitados pelas plantas, uma série de outros fatores é importante. Se o solo estiver desestruturado e compactado, não permitindo o desenvolvimento normal das raízes, a planta terá dificuldades em "buscar" os seus nutrientes. Se ao solo faltar a umidade, mesmo que os nutrientes minerais estejam já disponíveis no solo, não serão absorvidos, já que a água é o veículo que os transporta para dentro da planta. Se o solo for ácido - necessitando de calagem - os nutrientes - principalmente o fósforo - ficam indispensáveis às plantas, mesmo que presente em quantidades.

Também merecem ser lembrados e destacados:

* a conservação do solo e da água através da cobertura vegetal do solo, do plantio direto - uma forma de cobertura do solo -, do terraceamento de base larga em nível e da escarificação, quando necessária;

* a rotação de culturas planejada com alternância de plantas de características - sistemas radiculares, porte, densidade, cobertura do solo, entre outras - e hábitos - nutricionais por exemplo - diferente.

Os agricultores - associados da Cotrijuí - vêm respondendo neste sentido e, nos últimos anos, progressos significativos foram alcançados. De uma situação de 50 por cento da área agricultada ociosa e descoberta no inverno, em 1973, atualmente mais de 90 por cento vem sendo coberta nesta época, seja produzindo grãos, pastagem ou mesmo adubação verde.

De modo geral, na área de conservação do solo - e também de correção da acidez e fertilidade - houve progressos significativos e muita coisa melhorou. Não podemos, entretanto, "cruzar os braços". Na verdade à medida que as coisas avançam, cada vez mais novas exigências e demandas surgem que permitem aprimorar ainda mais o processo produtivo e o aumento dos rendimentos. Os incrementos tendem a ser cada vez menores mas, seguramente continuarão existindo ainda por muito tempo.

No momento, boas iniciativas estão acontecendo e a preocupação está extrapolando a Cooperativa e a Emater, chegando aos Poderes Públicos Municipais e às forças econômicas dos municípios. Pela primeira vez, está surgindo, de forma ampla e abrangente, a consciência de que a real e grande riqueza da região está na agropecuária. Que o sucesso de qualquer outra atividade na região está na dependência direta da produção primária. Ela é quem comanda a economia regional, e o crescimento passa pelos investimentos na agropecuária.

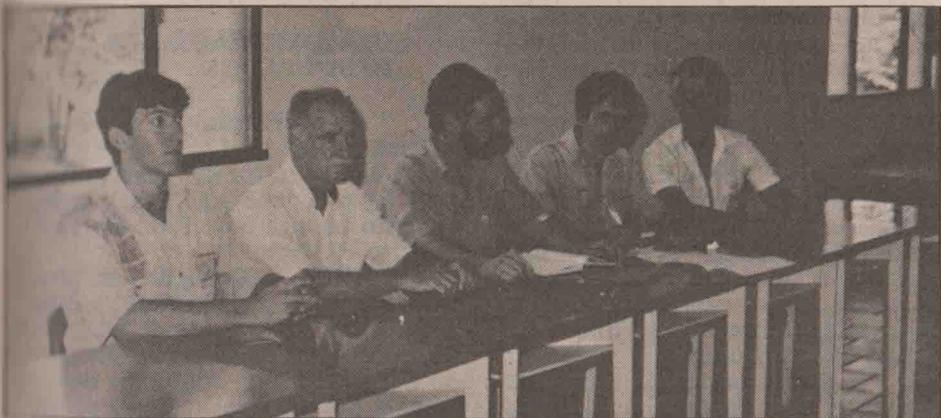
Neste sentido, está sendo lançado - em toda a região de abrangência da Cotrijuí - na forma de parceria entre Cotrijuí, Emater e Poderes Públicos Municipais - ver matéria nas páginas 4 e 5 - uma grande campanha ou programa de correção e conservação do solo ao nível de microbacias hidrográficas como unidades de planejamento. O objetivo final é o aumento da produtividade e, como decorrência, a melhoria da qualidade de vida no meio rural, contemplando com atenção especial o meio ambiente.

* O engenheiro agrônomo Rivaldo Dhein é Supervisor de Solos da Cotrijuí

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Mais uma prefeitura
assina convênio

Agora é a vez de Tenente Portela subsidiar o uso da inseminação artificial



A assinatura do convênio

Da esquerda para a direita: Luiz Fernando Konzen, Celso Sperotto, Cesar Bolson, Ildo Scapini e Albino Scheppa

As parcerias para o incentivo à atividade leiteira na região continuam evoluindo, especialmente no que diz respeito ao subvencionamento da inseminação artificial que vem sendo feito pelas administrações municipais da região de atuação da Cotrijuí. Mais uma prefeitura, desta vez a de Tenente Portela, junta-se às pioneiras de Augusto Pestana, Ajuricaba, Santo Augusto e Vista Gaúcha e as mais recentes de Ijuí, Jóia e Coronel Barros na busca de uma maior estabilidade econômica para o produtor e conseqüentemente para o município, via melhoramento do nível genético dos rebanhos.

O convênio com a prefeitura municipal de Tenente Portela foi assinado no dia 12 de março pelo superintendente da Cotrijuí, Celso Bolívar Sperotto, representando a cooperativa e pelo vice-prefeito, Ildo Scapini. Ainda presentes ao ato, o secretário municipal de Agricultura e Meio Ambiente, Cesar Bolson, o gerente da unidade da Cotrijuí no município, Luiz Fernando Konzen e o vereador Albino Scheppa.

O CONVÊNIO - Pelo convênio assinado, a prefeitura de Tenente Portela vai cobrir 100 por cento do sêmen nacional e 80 por cento do custo do sêmen importado. Como agente importante deste processo de parceria, o produtor fica responsável pelo pagamento da mão-de-obra e do transporte do inseminador. Com três pontos de inseminação artificial em Tenente Portela - sede, São Pedro e Nossa Senhora da Saúde - a Cotrijuí faz a sua parte no convênio fornecendo o inseminador, "que é um funcionário da cooperativa", explica Luiz Fernando Konzen.

Nos municípios de Derrubadas, Barra do Guarita e Miraguai, as prefeituras vão assumir o serviço de inseminação artificial, cobrando dos produtores parte do sêmen ou da quilometragem.

O Funrural está de volta

Extinto em 1991, o Funrural e a contribuição para todos os agricultores sobre a produção comercializada, está de volta. Pela lei 8.540, com data de 22 de dezembro de 1992, regulamentada pelos Decretos 789 e 790, de 31 de março deste ano, já a contar de 1º de abril, todo o produto rural, pessoa física, terá obrigatoriamente que contribuir com 2 por cento sobre a receita bruta da produção comercializada, seja ela vegetal ou animal, a título de Funrural. Também é obrigatória a contribuição de 0,1 por cento sobre a receita bruta da produção comercializada a título de Seguro Acidente de Trabalho e ainda mais 0,1 por cento, nas mesmas condições, a título de Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - Senar. "Estes descontos obrigatórios totalizam 2,2 por cento sobre a receita bruta da produção comercializada", explica o técnico em Tributação da Cotrijuí, Sérgio Luiz Tolotti lembrando que pelo antigo sistema de custeio, a contribuição era de 3 por cento.

O produtor rural, ainda pessoa física, que explora suas atividades agropecuárias sem o auxílio de empregados, contribuirá, para fins de custeio da Previdência Social, e de forma obri-

gatória, somente com estes 2,2 por cento. Mas isso não significa que ele não possa contribuir com carne individual. "Ele só vai contribuir com carne se assim o entender, pois não é obrigado", deixa claro Tolotti.

OUTRA SITUAÇÃO - Já a situação do produtor, pessoa física, e que explorem suas atividades com o auxílio de empregados é um pouco diferente. Este terá de contribuir com os 2,2 por cento sobre a receita bruta da produção comercializada, mais os valores descontados dos empregados sobre a folha de pagamento - 8,9 ou 10 por cento -, mais 2,7 por cento sobre a folha de pagamento dos empregados a título de Salário Educação e Incri. O produtor enquadrado nesta situação terá de contribuir também com carne individual, dentro da tabela do INSS.

O produtor rural, pessoa jurídica - granjas, condomínios -, que possuir Cadastro Geral de Contribuinte do Ministério da Fazenda - CGCMF -, por enquanto não contribui com os 2,2 por cento, a exemplo dos demais. Mas isso não é definitivo. A matéria sobre o assunto ainda está nas mãos do governo que prometeu encaminhar projeto ao Congresso.

COLUNA
DO
LEITE

Coordenação: Engenheiro agrônomo Jair da Silva Mello com a colaboração de Rosenei Jaime Agostini, da Área de Leite da Cotrijuí

Silagem de cereias de inverno

Com a chegada do outono e a época recomendada para a semeadura dos cereais de inverno, é importante que o produtor leve em consideração alguns aspectos que dizem respeito a implantação de áreas para silagem. Nada mais importante do que começar escolhendo corretamente a espécie a ser cultivada. Para estes produtores interessados em silagem, a Cotrijuí dispõe de sementes de aveias branca e de triticale. O triticale apresenta a vantagem de produzir mais grãos e, conseqüentemente uma silagem mais rica em energia. É importante escolher bem a área, priorizando aquelas que não tenham sido usadas com culturas para silagem nos últimos dois anos. Além disso, deve ser realizada uma boa adubação da cultura em função da maior retirada de nutrientes do solo, uma vez que toda a massa verde é retirada e ensilada. A silagem de aveia ou de triticale apresenta uma boa qualidade, além de proporcionar uma melhor utilização do maquinário existente entre os grupos de ensiladeiras, sendo realizado em uma época em que há maior disponibilidade de áreas para o cultivo. A manutenção da estabilidade de produção de leite ao longo de todo o ano depende também da utilização de silagem, especialmente naqueles períodos tradicionais de pouca oferta de pastagens, como ocorre nos meses de março, abril e maio.

Utilização da ração na alimentação animal

Alimentação das vacas em lactação representa de 28 a 34 por cento do custo de produção do leite e a maior parte deste custo refere-se ao uso de rações e concentrados. Esta a razão pela qual é importante o produtor utilizar pastagens, fenos e silagens de qualidade - tanto em proteína como em energia -, para minimizar a quantidade de ração fornecida aos animais. O fornecimento de ração aos animais em lactação deve levar em consideração a produção de leite de cada vaca. O ideal é que o produtor busque orientação junto aos técnicos das Unidades, pois é fundamental o cálculo correto da dieta adequada para o rebanho. Neste caso é preciso considerar a qualidade da pastagem, da silagem e dos grãos utilizados. Para uma maior rapidez e exatidão nas recomendações, as Unidades dispõem de um programa de computador que auxilia nos cálculos das dietas para as vacas em lactação, a partir das informações fornecidas pelo produtor. Mas como regra geral, recomenda-se a seguinte orientação:

Produção de leite por vaca (litros/dia)	Ração (kg/dia)
Até 8 litros	zero
De 8 a 15 litros	1 quilo de ração para cada 3 litros produzidos acima de 8 litros
De 15 a 25 litros	1 quilo de ração para cada 2,5 litros acima de 8 litros

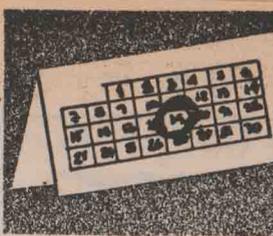
Preços do leite

Desde 1º de maio o leite está com novo preço. A correção foi de 31,35 por cento em relação ao preço praticado em 1º de abril. Os novos preços são os seguintes:

* Leite cota consumo Cr\$ 7.750,00 por litro
Bonificação sobre cota consumo Cr\$ 300,00 por litro
* Leite cota indústria Cr\$ 7.650,00 por litro

COMPORTAMENTO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NA REGIÃO PIONEIRA DA COTRIJUI - MARÇO

Unidades	Produção (litros)	% sobre total produção	Nº produtores	Média Prod/dia
Ijuí	933.077	27,08	1.239	25,1
Santo Augusto	424.453	12,32	425	32,3
Tenente Portela	440.747	12,79	831	17,7
Jóia	181.620	5,27	265	22,8
Coronel Bicaco	94.301	2,73	157	20,0
Chiapetta	106.968	3,10	151	23,6
Ajuricaba	634.120	18,40	731	28,9
Augusto Pestana	630.272	18,31	772	27,2
TOTAL	3.445.558	100,00	4.571	24,7



LANÇAMENTOS

Programa de custos

A cada três meses - isso desde 1980 -, o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves - CNPSA/Embrapa -, de Concórdia, em Santa Catarina, edita um trabalho chamado Cálculo do Custo de Produção de Suínos, onde apresenta uma análise do comportamento do mercado suínocola nacional. Mas a necessidade de agilizar o processo de cálculo do custo de produção levou o CNPSA a lançar um outro programa, de Cálculo de Custo de Produção de Suínos para Abate. Através do Sulcal é possível calcular o custo de produção de suínos, considerando vários níveis tecnológicos baseados no número - de 13 a 25 - terminados/porca/ano. Também podem ser alterados os coeficientes de produtividade, consumo de alimentos, medicamentos, bem como o uso de outros insumos. O programa de dois manuais de utilização e de dois disquetes 5 1/4 para a instalação do mesmo, foi lançado pelo CNPSA no dia 2 de abril, na sede da Associação Paulista de Criadores de Suínos.

Novo herbicida

Ally é o nome do novo herbicida para o trigo que a Du Pont Brasil acaba de lançar para o trigo. O Ally é um herbicida pós-emergente sistêmico que controla as principais plantas daninhas de folhas largas como o nabo, espérgula - gorga -, estelária, picão-branco, picão-preto. Resultado do uso de uma tecnologia inédita no país, o novo herbicida traz como grande novidade o fato de se apresentar como um produto com características de seletividade à cultura do trigo, não causando fitotoxicidade e por permitir um período maior para a sua aplicação na lavoura.

II Mostra da Terneira e Novilha leiteira

Marcada para os dias 16, 17 e 18 de julho próximo, a II Mostra da Terneira e da Novilha Leiteira dos Associados da Cotrijuí, a ser realizado no Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil de Ijuí, espera repetir o sucesso alcançado no ano passado, quando 92 animais estiveram expostos para ser comercializados. As inscrições estarão abertas em fins de maio em todas as Unidades da Cotrijuí na região. As normas de participação, segundo informações do Supervisor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, Jair da Silva Mello, serão as mesmas do ano passado.

Segundo a programação elaborada pela Supervisão de Pecuária Leiteira, dia 16 será feito o recebimento dos animais; dia 17 o julgamento e no dia 18, a comercialização. Otimista e tendo como parâmetro o resultado da Mostra passada, o Jair espera a presença de um bom número de produtores expositores. "A boa aceitação e a qualidade dos animais expostos e comercializados na I Mostra nos levam a apostar neste segundo evento".

Expoleite acontece em maio

Acontece de 18 a 23 de maio, no Parque de Exposições Assis Brasil, de Esteio, a XVI Exposição Estadual do Gado Leiteiro, a Expoleite. A expectativa dos organizadores é de receber em torno de 1.000 animais entre gado holandês, jersey, pardo suíço, normando, suínos, aves, cabras, ovinos suffolk, entre outros. O ponto alto da Feira, dentro da programação de raça, segundo seus organizadores, deverá ficar por conta do leilão programado para o dia 21, às 16,00 horas, na pista G, onde os compradores poderão encontrar o que de melhor existe no Rio Grande do Sul em termos de gado holandês.

ACONTECIMENTOS de maio

CURSOS

* **Atualização em Produção de Grãos de Inverno** - a ser realizado na Afucotri de Santo Augusto nos dias 11 e 12, a partir das 9:00 horas. A coordenação técnica é de Mário Fossati com o apoio do representante Jorge Sperotto.

* **Conservação do Solo e Microbacias** - programado para os dias 11 e 13, na localidade de Pinhal, interior de Ajuricaba. A coordenação técnica é de Jorge Sito e Daniel Gorski, com o apoio dos representantes Luiz Francisconi Filho e Antônio Martin Koller.

* **Conservação do Solo** - na Afucotri de Ajuricaba, nos dias 12 e 14, a partir das 9:00 horas. A coordenação técnica é de Jorge Sito e Daniel Gorski, com apoio do representante Ari Osvaldo Uhde.

* **Alimentação de Bovinos - Leite e Corte** - na Afucotri de Chiapetta, no dia 13, a partir das 8:30 horas. A coordenação técnica é de Enio Scholz com o apoio do representante Nirson Fritzen.

* **Cooperativismo e Diversificação Agropecuária** - destinados a alunos de 8ª série, o curso acontece no Centro de Treinamento da Cotrijuí no período de 17 a 21. A coordenação é de Noemi Huth e Cesar Sartori.

* **Classificação e Embalagens de Hortigranjeiros para a Ceasa** - a ser realizado no Pavilhão da Ceasa, em Ijuí, no dia 19. Poderão participar deste curso que tem a coordenação técnica de João Agostinho Boaro e Edio Korb, todos os produtores de hortigranjeiros.

* **Genética e Reprodução Animal** - dia 20, em Vila Santo Antônio, Ijuí, destinado a associados, produtores de leite e familiares. A coordenação técnica é de Noemi Huth e Francisco Traesel, com o apoio do representante Gilberto Dalla Corte.

* **Criação de Peixes de Açudes** - dia 20, na Afucotri de Tenente Portela, a partir das 9:00 horas. Coordenado por Enio Ganascini, o curso é destinado a piscicultores e associados.

* **Pecuária de Leite** - a ser realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, no período de 24 a 28. Coordenado por Jair Mello, o curso destina-se a produtores ligados ao sistema CCGL.

* **Implantação de Pomar de Citros** - na Afucotri de Augusto Pestana, dia 25, a partir das 14:00 horas. A coordenação técnica é de Alberto Rossetto.

* **Técnicas atualizadas de Cultivo de Erva-Mate** - na Afucotri de Coronel Bicaco, dia 25, das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

* **Terminação de Suínos** - na Afucotri de Santo Augusto, dias 27 e 28, das 9:00 às 17:00 horas. Coordenação técnica de Paulo Basso e Neuri Frozza.

* **Genética e Reprodução Animal** - na localidade de Mauá, interior de Ijuí, no dia 27, destinado a associados, produtores de leite e familiares, a partir das 14:00 horas. Coordenação técnica de Francisco

Traesel e Noemi Huth, com o apoio dos representantes Harri Sochinski e Valmir Kettenhuber.

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

* **Conservação do Solo em Microbacias** - dia 12, na localidade de Paraíso, interior de Augusto Pestana, a partir das 8:30 horas. A coordenação técnica é de Enio Borba e Alberto Rossetto.

* **Citros - Adubação** - na propriedade de Romeu de Jesus, localizada no Salto, interior de Ijuí, dia 18, a partir das 14:30 horas. Destinado a associados e produtores de citros, o evento tem a coordenação técnica de Édio Arno Korb e o apoio dos representantes Euclides Gabbi, Antonio Vilani e Lourenço Francisconi.

* **Níveis de Adubação de Citros** - propriedade de Paulo Rigodanzo, localizada em Esquina Evangélica, interior de Coronel Bicaco, dia 26, a partir das 14:00 horas. A coordenação técnica é de José Ciro com o apoio do representante Erich Breunig.

DEMONSTRAÇÃO TÉCNICA

* **Manejo de Herbicidas e Plantio Direto** - propriedade de Canísio Welter, localizada no interior de São Martinho, dia 18, às 9:00 horas. A coordenação técnica é de Paulo Ceconello e Mário Fossati.

* **Sistema de Criação de Suínos ao Ar Livre - Plan Air** - propriedade de Silvestre Vargas Filho, localizada em Posse Marone, interior de Redentora, dia 20, das 14:00 horas às 17:00 horas. A coordenação técnica é de Ângela Dorneles, com o apoio do representante Irineu Giacomini.

* **Visita a Pomares de Citros** - Pomares demonstrativos do município de Santo Augusto, dia 25, a partir das 13:30 horas. A coordenação técnica é de Ubirajara Nunes com o apoio do representante Osvino Bartsch.

SEMINÁRIO

* **Planio Direto** - na Afucotri de Augusto Pestana, dia 18, a partir das 14:00 horas, sob a coordenação técnica de Alberto Rossetto.

REUNIÃO

* **Manejo Ambiental para Suínos - edificações** - palestrante, Gerson Madruga, da Cotrijuí.

* **Dia 25, a partir das 14:00 horas, na localidade de Salto, interior de Ijuí. Destinada a produtores das Apsats, a reunião técnica tem a coordenação de Luiz C. Ávila, com o apoio do representante Euclides Marino Gabbi.**

* **Dia 26, na localidade de Santa Lúcia, interior de Ijuí, a partir das 14:00 horas. Também destinada a produtores das Apsats, a reunião tem a coordenação de Ivone Suffert, com o apoio do representante Nilton Gottens.**

NEGÓCIO\$

MÁQUINA

* Uma máquina Ideal 875, ano 1977, financiada por dois anos em soja. Interessados, tratar com Reinardo Keller, em Barro Preto, interior de Ajuricaba.

TERRA

* Vendem-se 14 hectares de terra localizados na Linha 26, interior de Ajuricaba. Preço a combinar. Interessados entrar em contato com Edson Wagner.

TERRA

* Vendem-se 24,3 hectares de terra localizados na Linha Seca, próxima à Escola Henrique Dias, interior de Ajuricaba. O valor da terra é de 5 mil sacos de soja a serem pagos em quatro anos nas seguintes condições: 1.300 sacos de entrada; mais 1.300 sacos em 1994; 1.300 sacos em 1995 e 1.100 sacos em 1996. Interessados no negócio deverão procurar Ereni Luiz Bandeira, na Linha 23, em Ajuricaba.

ESPARRAMADOR

* Vende-se um esparramador de calcário Sem Rival, com capacidade para 1.500 quilos, em bom estado de conservação. Tratar com Eldevir Krampe, na Linha 30, em Ajuricaba.

TRATOR

* Vende-se um trator Valmet 85, ano 77. Valor do negócio é de 800 sacos de soja. Interessados poderão entrar em contato com Adalto Betollo, na Linha 23, interior de Ajuricaba.

CARRO

* Vende-se um carro Passat, ano 80, em bom estado de conservação. O carro está sendo colocado à venda pelo valor de 290 sacos de soja. Interessados poderão entrar em contato com Geraldo Dolvitsch, em Ajuricaba.

CAMINHÃO

* Compra-se um caminhão Scania 111. Quem tiver um à venda, poderá entrar em contato com Cláudio, no Escritório Ajuricaba.



LUÍS JULIANI
Economia Rural
Divisão Agrotécnica

O poder de compra do produtor em relação a outros produtos e também em relação aos principais insumos usados na lavoura, e os preços médios obtidos pelo feijão, soja, trigo, milho, leite e suínos podem ser avaliados nas tabelas abaixo

Quanto vale o seu produto

Produto	Base de Comparação	Média dos últimos 11 anos	Jan.	Fev.	Março	Abril	
Feijão	Quantos sacos são necessários para adquirir:						
	* 1 tonelada de calcário	0,4	0,9	0,9	0,8		
	* 1 ton de Super Fosfato Simples	4,7	—	—	6,5		
	* 1 t de adubo (1)	12,6	10,0	10,0	8,3		
	* 1 t de uréia (1)	15,1	12,3	11,15	9,7		
Milho	Quantos sacos são necessários para adquirir:						
	* 1 automotriz	7.354,0	9.500	9.964	10.478		
	* 1 trator médio	3.740,0	5.978	6.864	7.101		
	* 1 ton de uréia	45,9	35,0	36,7	35,3		
	* 1 ton Super Fosfato Triplo	26,8	33,5	35,0	35,2		
	* 1 ton de calcário	2,9	2,5	2,8	3,0		
	* 1 saca de soja	1,7	1,7	1,9	1,6		
	* 1 ton de adubo	32,4	28,5	30,1	29,9		
	* 100 litros de óleo diesel	4,1	4,5	5,0	5,3		
	* 20 Kg de semente (1)	6,7	—	—	—		
	* 01 litro herbicida	—	0,9	1,0	1,1		
	Soja	Quantos sacos são necessários para adquirir:					
		* 1 automotriz	4.364,0	5.397	5.289	6.195	
* 1 trator médio		2.292,0	3.397	3.633	4.199		
* 1 t de calcário		1,4	1,4	1,5	1,8		
* 1 ton Super Fosfato Triplo (1)		24,1	19,0	18,3	20,6		
* 50 Kg de semente		1,2	—	—	—		
* 100 litros de óleo diesel		2,5	2,6	2,7	3,1		
* 1 ton de adubo		19,4	15,7	15,5	17,0		
* Para adquirir 01 litro de herbicida		—	2,6	2,7	3,1		
Trigo		Quantos sacos são necessários para adquirir:					
	* 1 automotriz	5.149,0	8.473	7.852	7.932		
	* 1 trator médio	2.865,0	5.331	5.393	5.376		
	* 1 ton de uréia	22,0	31,2	27,0	26,7		
	* 1 ton de calcário	1,7	2,2	2,2	2,3		
	* 100 l de diesel	2,5	4,0	4,0	4,0		
	* 1 t de adubo	21,0	25,4	21,3	22,6		
	* 1 l de fungicida	—	5,7	5,5	5,7		
	* 50 kg de semente	—	—	—	1,9		
	Leite	Quantos litros são necessários para adquirir:					
* 1 saca de milho		30,1	37,3	31,7	25,8		
* 1 saca de soja		50,3	63,3	59,3	47,6		
* 1 Kg de bovino		3,1	3,7	3,4	3,0		
* 1 ton de uréia		1.382	1.400	1.211	959		
* 1 t de Super Fosfato Triplo (1)		2.267,0	1.340	1.111	957		
* 100 litros de óleo diesel		119,0	180	171	144		
* 1 Ordenhadeira		8.583,0	—	8.500	8.500		
* 1 Resfriador		4.108	—	4.550	4.550		
* 1 Kg de farelo de soja		1,1	1,4	1,4	1,0		
Suíno	Quanto se adquire c/1 Kg de suíno						
	* Kg de milho	6,8	7,3	7,7	7,9		
	* Kg de soja	4,7	4,3	4,1	4,4		
	* Litros de leite	3,8	4,5	5,3	3,4		
	* Kg de bovinos	1,0	1,2	1,3	1,2		
	* Kg de concentrado	2,7	2,4	2,9	2,8		
	* Kg de ração de crescimento	3,7	3,8	4,6	4,8		
	* Kg de ração terminação	4,0	4,0	4,9	5,2		
* Kg de farelo de soja (1)	2,9	3,5	3,1	3,4			

FONTE: Divisão Agrotécnica - Economia Rural
(1) MÉDIA DE UM ANO

Evolução dos preços agrícolas

1 - SOJA US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	10,71	10,35	10,57	10,68	11,89	10,76	10,53	11,04	11,27	11,37	11,02	11,15
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	10,19	11,58	11,31	10,90	11,58
1993	11,27	11,10	10,01	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

2 - MILHO US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	6,60	6,23	6,16	6,27	6,33	6,18	6,23	6,24	6,50	6,68	6,95	6,71
1992	5,62	4,72	4,23	—	5,43	5,43	5,84	5,95	6,43	6,17	6,70	6,28
1993	6,64	5,94	5,54	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

3 - TRIGO US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	10,80	10,01	—	12,10	12,08	11,85	12,06	10,95	11,54	11,43	11,25	11,11
1992	—	—	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	8,14	8,10	8,13	8,11	8,68
1993	7,98	8,07	8,12	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

4 - SUÍNOS US\$/KG

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	0,70	0,73	0,77	0,72	0,75	0,81	0,73	0,72	0,70	0,71	0,66	0,71
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	0,57	0,60	0,59	0,59	0,82
1993	0,81	0,76	0,73	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

5 - BOVINOS US\$/KG

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	0,66	0,61	0,61	0,59	0,60	0,64	0,70	0,75	0,76	0,75	0,67	0,74
1992	0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	—	0,79	0,66	0,61	0,74
1993	0,66	0,69	0,63	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

6 - LEITE US\$/LITRO (1)

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	0,23	0,22	0,22	0,24	0,27	0,22	0,21	0,22	0,20	0,21	0,19	0,19
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	0,17	0,16	0,18	0,18	0,18
1993	0,18	0,18	0,21	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

(1) Não está incluído o leite extra cota

FONTE: DIVISÃO AGROTÉCNICA/COMERCIALIZAÇÃO
ELABORAÇÃO: ECONOMIA RURAL

Índices econômicos

ÍNDICES %	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
INPC-IBGE	28,77	24,49	27,58									
IPI-M FGV	25,83	28,42	26,25									
IPI-FGV	28,73	26,51	27,81									
TR	26,76	26,40	25,81									
UPIR Cr\$	7.412,55	9.597,03	12.161,36	15.318,45								
POUPANÇA	27,39	30,11	26,43									
DÓLAR Cr\$												
Último/mês	15.721,0	19.858,0	25.121,0									
Média mensal	14.044,7	17.868,5	22.469,1									

FONTE: Suma Econômica e Cotrijuf
Dólar Comercial

Preços mínimos Safrá 1992/1993 - em Cr\$

Produto	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio
Arroz Irrigado	123.397,9	187.703,40	237.257,20	289.492,8	
Sequeiro	90.760,5	138.057,60	174.504,60	219.544,8	
Milho	77.863,8	98.700,60	124.756,80	156.957,0	
Soja	100.183,5	126.993,00	160.518,60	201.498,6	
Feijão	307.591,2	389.902,80	492.837,40	620.038,2	
Trigo	112.121,1	142.125,00	179.645,40	—	
Triticale	—	—	—	—	

Fonte: Conab/Cotrijuf
Elaboração: Divisão Agrotécnica/Economia Rural



FEIJÃO

A produção argentina

Pesquisadores da Cotrijuí e da Embrapa visitam a província de Salta na Argentina, principal região produtora de feijão

Produção voltada ao comércio exterior, tipos comerciais bem definidos e cultivados em solos naturalmente férteis, plantio mecanizado e em escala e colheita feita em clima seco. Essas são algumas das características da produção de feijão argentino, avaliado pelos pesquisadores Roberto Carbonera, da Cotrijuí e Irajá Ferreira Antunes, Centro de Pesquisa Agropecuária de Terras Baixas, Embrapa-Pelotas. Os dois pesquisadores estiveram na Argentina de 12 a 18 de abril, quando visitaram a Estação Experimental de Salta do Centro Regional Salta-Jujuy, ligados ao Instituto nacional de Tecnologia Agropecuária-Inta.

Patrocinada pela Cotrijuí e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul - Fapergs, a viagem a Argentina teve três objetivos definidos: conhecer o programa de pesquisa do feijão, estabelecer intercâmbio de germoplasma e ainda conhecer a produção da cultura, através dos aspectos tecnológicos, geográficos, sócio-econômicos e a sua importância para o Rio Grande do Sul frente ao Mercosul.

PRODUÇÃO - "A Argentina tem ocupado um papel preponderante no mercado internacional do feijão nas últimas décadas", afirma Roberto Carbonera, destacando a colocação do país como oitavo produtor mundial e o ingresso anual de 100 milhões de dólares através da exportação do produto. Para explicar esta posição aparece a expansão da cultura que dos 90 mil



Roberto Carbonera e as pesquisadoras argentinas Viviana Falide e Susana Garcia Medina

hectares ao ano plantados na década de 60 passou para 240 hectares ao ano no final de 70. Nesse mesmo período a produção atingiu 250 mil toneladas por ano, um volume bastante folgado para um consumo interno de apenas 18 mil toneladas anuais, incluindo as sementes utilizadas.

O incremento brusco do feijão na Argentina tem causas e conseqüências conhecidas, relata Carbonera. Segundo apurou o pesquisador, o país que até a década de 50 utilizava o cultivo rudimentar - o sistema que ainda hoje é usado na maioria das propriedades gaúchas - e que inclui lavração com bois, arranquio manual e debulha com pisoteio, passou a ser mecanizado.

O sujeito da produção também foi substituído, diz Carbonera. As operações rudimentares realizadas em propriedades de no máximo 50 hectares deram lugar a uma produção feita por grandes empresas que dispunham de capital, basicamente os grandes produ-

tores e as empresas de exportação. Essa mudança fez com que o cultivo do feijão se caracterize atualmente por unidades de produção que variam de dois mil a cinco mil hectares, com alguns casos de até dez mil hectares.

As grandes propriedades também fizeram da Argentina o único país exportador do tipo Alubia ou Branco para os países europeus.

Além do Alubia, a Argentina produz feijão de cor em especial o preto, cujo destino é a América Latina. A criação do Mercosul, entretanto, trouxe uma expectativa de ampliação de outros tipos comerciais para exportação, como o Carioca, Roxo e Rosinha, especialmente para o Brasil.

OS ENTRAVES - A produção mecanizada trouxe maior retorno econômico para o país, mas se ressentiu ainda de ajustes. "O preparo do terreno, a semeadura e a capina foram resolvidas, mas a colheita ainda é problemática", assinala Carbonera. Os argen-

tinios utilizam até hoje um sistema de colheita feito em quatro operações básicas: o arranquio das plantas - manual ou mecânico, o engavinhado, que consiste em formar fileiras com seis a oito linhas de semeadura, o "acordonado", quando se juntam as fileiras para formar um cordão de 12-16 linhas de semeadura e por último o recolhimento e trilha mecânica.

Todas estas operações são aplicadas com êxito em explorações de até 200 hectares, onde se registram perdas de no máximo cinco por cento. Nas áreas mais extensas é que aparecem os problemas operacionais, elevando as perdas para um percentual que varia entre 10 e 20 por cento. Segundo os técnicos argentinos, os entraves da colheita totalizam uma média de 17 por cento de perdas na produção atual.

Um outro fato que preocupa a pesquisa argentina é o uso maciço de agrotóxicos, principalmente os inseticidas altamente tóxicos usados na produção. O uso foi tão intenso que chegou a provocar um processo migratório da zona da produção.

PRODUTIVIDADE - Mas se a poluição ambiental é um problema assim como a escassez de mão-de-obra, a produção argentina tem a seu favor a fertilidade natural dos solos e um ótimo clima para colheita, além dos fatores tecnológicos já introduzidos nas propriedades. Esses pontos positivos têm proporcionado uma produtividade média entre 900 e mil quilos por hectare. Algumas propriedades, no entanto, - pelo menos cinco por cento do total - obtêm entre dois mil e dois mil e 300 quilos por hectare. São principalmente essas propriedades que reduziram a área de cultivo neste ano - de 240 mil hectares, a área baixou para 120 mil hectares - em razão da redução de preços no mercado internacional no ano passado.

Prioridades da pesquisa

Embora a melhoria de qualidade do produto e a manutenção de baixos custos de produção sejam apresentados como os objetivos principais da pesquisa do feijão argentino, o que melhor define o setor é um programa específico da cultura estabelecido por convênio com a Pioneer Argentina. Por este acordo, a empresa contribui financeiramente com o único órgão gerador de tecnologia para o feijão, a Estação Experimental de Salta do Inta, através do setor de "Leguminosas de Grãos Secos", e este, em contrapartida, concede exclusividade na produção de sementes certificadas de suas cultivares registradas.

TECNOLOGIAS - O convênio com a Pioneer estabelece também as prioridades da pesquisa. No momento, conforme relata Carbonera, os objetivos técnicos do programa incluem o desenvolvimento de tecnologias para a produção de sementes, a implantação da colheita mecânica direta e a diversificação de tipos comerciais mais resis-

tentes às principais doenças.

"A pesquisa argentina busca a viabilização da colheita mecânica através de variedades resistentes e com porte alto, com alta inserção de vagens, sendo estas mais curtas e resistentes a deiscência". Dentro dessas características, algumas das principais variedades recomendadas pelo Inta são a Alubia-sel. Carrillos-Inta. ABA 2-Inta, Navy Bean, Canela-Inta. Tipo Preto G-1753 e XAN 112-Inta, a mais plantada na região de Salta e que apresenta boa qualidade de grãos e adaptação para solos de alta fertilidade. Ainda se destacam a NAG 12-Inta e a BAT 304, a mais precoce delas e que é a mesma Capixaba Precoce recomendada para o RS.

Na área de fitopatologia, a pesquisa do Inta está buscando cultivares e manejos que venham a diminuir os problemas fitossanitários enfrentados pela cultura. Entre estes, Carbonera cita o crescimento bacteriano comum e "mustia hilachosa", que tem grande in-

fluência sobre os tipos Alubia, Preto e Roxo, a Mancha Angular, a Sclerotinia e o Vírus do Mosaico Comum e Dourado, muito incidentes na variedade Alu-

bia e a Antracnose em tipos Preto e Roxo. A ferrugem passou a ser importante com a introdução da cultivar ABA 2, que disseminou a doença nas regiões produtoras.

Em relação ao manejo do feijão, a preocupação da pesquisa está voltada para a rotação de culturas, zoneamento agroecológico, épocas de semeadura, arranjo de plantas e caracterização produtiva de cultivares recomendadas. "A tendência é fazer uma alternância com os cultivos de milho e alfaça, já que a expansão da soja e do algodão junto a região produtora de feijão tem agravado os problemas de insetos e



Feijão atacado pelo Mosaico Comum. Uma das preocupações da pesquisa

em conseqüência, estimulado a aplicação de agrotóxicos".

Para finalizar, o pesquisador da Cotrijuí, comenta ainda o trabalho da pesquisa sobre a adaptação das colheiteiras. Esse setor passa por um conjunto de ajustes e regulagens, em que a principal preocupação é a plataforma, parte responsável por 90 por cento das perdas da colheita. Ajustes do molinete, senfin, da barra de corte, guias separadoras de plantas, entre outras, já estão entrando em teste através das colheitas experimentais, e poderão ser adotados imediatamente pelos produtores.

Cotris L

SUPLEMENTO INFANTIL - ELABORADO NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS
FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE/UNIJUÍ

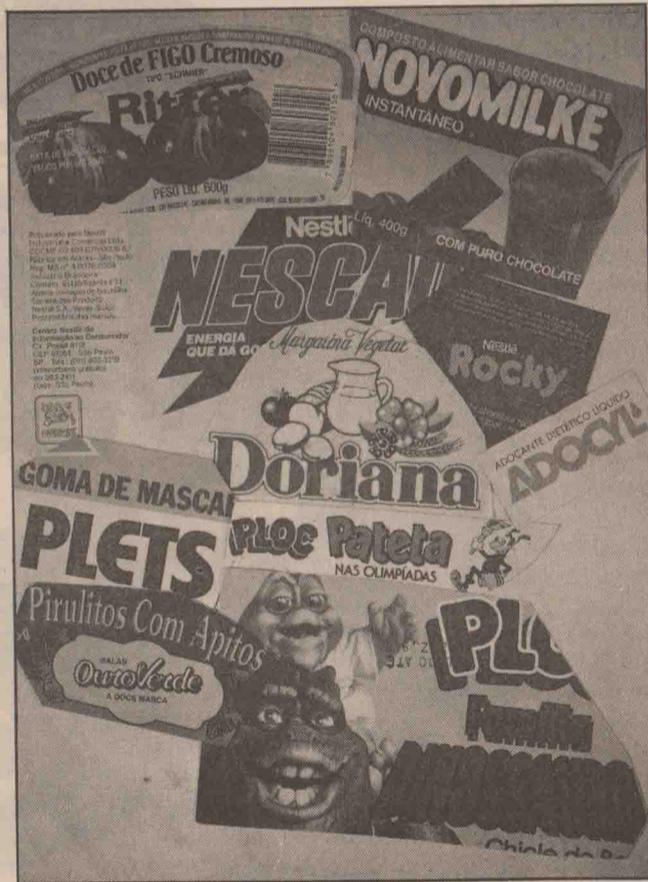
Elaboração:
Rosane Nunes Becker
Montagem:
Z Comunicação

COCA-COLA: PEQUENA HISTÓRIA DE UMA GRANDE MULTINACIONAL

O refrigerante mais vendido em cerca de 150 países e que, em 1984, controlava 50% do mercado total de refrigerantes do Brasil, surgiu em 1886, na farmácia de John Pemberton, em Atlanta, Estados Unidos. Ele inventara um remédio para dor de cabeça e distúrbios do sistema nervoso.

O segredo da Coca-Cola está na fórmula de seu xarope, conhecida por, no máximo, dez pessoas. A matriz norte-americana concede o direito de uso do xarope (importado de Atlanta) e do nome da firma, desde que os engarrafados de todo o mundo respeitem as regras ditadas por ela - inclusive o desenho da garrafa - e pagam à Coca-Cola 15,7% do produto das vendas por atacado. De seus lucros a matriz tira 5%, para gastar em apoio publicitário e promocional nos diversos países. Em 1977, o governo da Índia nacionalizou a Coca-Cola, denunciando que a comercialização do misterioso xarope proporcionava à multinacional lucros de até 400%. Em 25 anos de atividades, a empresa investira apenas 100 mil dólares na Índia e levava para os Estados Unidos lucros no valor de 12 milhões de dólares.

A Coca-Cola chegou ao Brasil em 1939. Examinado o xarope em laboratórios, não se conseguiu descobrir sua fórmula, mas



verificou-se que ele contém aditivos químicos prejudiciais à saúde. O principal é o ácido fosfórico, que se combina com o cálcio existente no organismo humano. Tal combinação faz com que o organismo ponha para fora o cálcio, tão importante à saúde, na forma de fosfato de cálcio. Essa descalcificação produz enfraquecimento nos ossos, especialmente nos dentes em formação.

Pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo em 1968 comprovou que ratos alimentados com Coca-Cola apresentavam deficiência congênita na segunda geração de filhos - seus ossos partiam com facilidade. Apesar das conclusões dos laboratórios em 1939, Getúlio Vargas baixou um decreto facilitando a entrada do produto no país. Apenas o consumidor ficava avisado de que o registro do produto era falso, pois nem o governo conhece sua verdadeira fórmula. Por isso, toda garrafa de Coca-Cola traz sob o nome do refrigerante: marca registrada fantasia. "De fantasia" é um eufemismo para dizer que não é verdadeiro, que o registro é falso.

Revista Exame, 21-3-84 e Retrato do Brasil. Vol I, p. 175 a 177 (adaptados).

CONHEÇA UM POUCO DOS ADITIVOS (parte 1)

Um pão branquinho e fofo, um suco com sabor e um lindo colorido, os produtos que precisam durar meses, gorduras e manteigas que são protegidas para não rancificar a deliciosa salsicha no cachorro quente, o sorvete, o refrigerante... hum! CUIDADO... você pode estar sendo enganado pelo visual. Os aditivos são substâncias que são colocadas dentro dos alimentos para conservar, adocicar e colorir. Quem detém o capital procurará sempre diminuir ao máximo os custos da produção para aumentar o espaço do lucro. Na indústria de alimentos, o capitalista desejará pagar sempre o menor valor pela matéria-prima, ao passo que o proprietário rural desejará vender seu produto pelo maior valor possível. Essa contradição pode ser resolvida, pois existe uma interdependência entre ambos.

O uso de aditivos entra para baixar o preço da mercadoria. Os corantes e os flavorizantes substituem a matéria-prima original, sujeita a variação de preço e a escassez.

Já não bastam os produtos caseiros que conservavam por alguns dias. O alimento é cada vez mais um valor de troca, perde características de valor de uso, pois grande parte das mercadorias produzidas não têm mais valor como alimento.

Os aditivos químicos em alimento não revelam seus efeitos a curto prazo; o efeito surgirá depois de muito tempo.

Conheça alguns destes aditivos:

CONSERVANTES - evitam a deterioração: pães brancos, massas, carnes... A salsicha tem flavorizante (F.I) que provoca alergia, obesidade, lesões cerebrais. Tem conservante (P. VII e PVIII) que ingeridos em excesso são tóxicos.

ANTIOXIDANTES - para não estragar: manteiga, margarina, sucos, maionese... trazem como consequência (A. XII) descalcificações, acréscimo de colesterol sanguíneo, reações alérgicas, além de ser tóxico para o fígado.

CORANTES - para dar pigmentação, cor como as

carnes, goma de mascar e os refrigerantes. Traz anemia hemolítica, suspeita de interferência sobre os fetos (C.I.).

ESTABILIZANTES - tornar estável, parado. São as balas, sorvete, bebidas, margarina, nescau, bombom. Podem aumentar os cálculos renais causando distúrbios gastrointestinais (E.T.I...).

ACIDULANTE - para tornar ácido, azedo. Maionese, laticínios, doces, sorvetes... (H. VII) traz descalcificações dos ossos e dentes, cálculos renais e insuficiência renal. Teoricamente essas substâncias ou misturas de substâncias utilizadas como aditivos não devem ser tóxicos. Somente ingeridos em grande quantidade ou por muito tempo, é que fazem mal à saúde. Infelizmente o uso de aditivos nem sempre tem sido feito para fins benéficos. A adulteração dos alimentos para fazer um produto inferior passar por bom é tão antiga quanto o comércio. As vezes o "bonito" não tem valor nutricional.

Por isso abra o olho e esteja atento. Compre pela qualidade.

OLHE SÓ ANIMAIS MACHOS QUE SÃO VERDADEIRAS MÃES

(folhinha de São Paulo)

O sapo-ferreiro macho constrói a "casa", onde vão nascer os girinos (filhotes de sapo). Durante a cheia, ele faz um buraco perto de uma lagoa ou um rio. O buraco parece uma panelinha que fica cheia de água.

Aí ele "canta" para chamar a atenção de uma fêmea. Quando uma sapa aparece, ela dá uma boa olhada na casa. Se achar que a casa está feia, ela vai embora e o sapo-ferreiro começa outra "cantoria".

Mamãe canário cuida de seus filhotes quando nascem, dá comida, deixa o ninho forradinho e quentinho. Mas o pai é quem ensina os passarinhos a cantar. As fêmeas não cantam. Os canários machos, aprendem a cantar por imitação, igual as crianças.

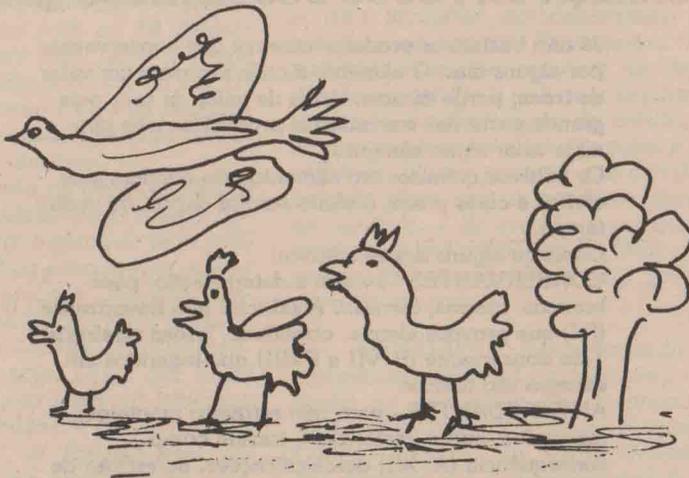
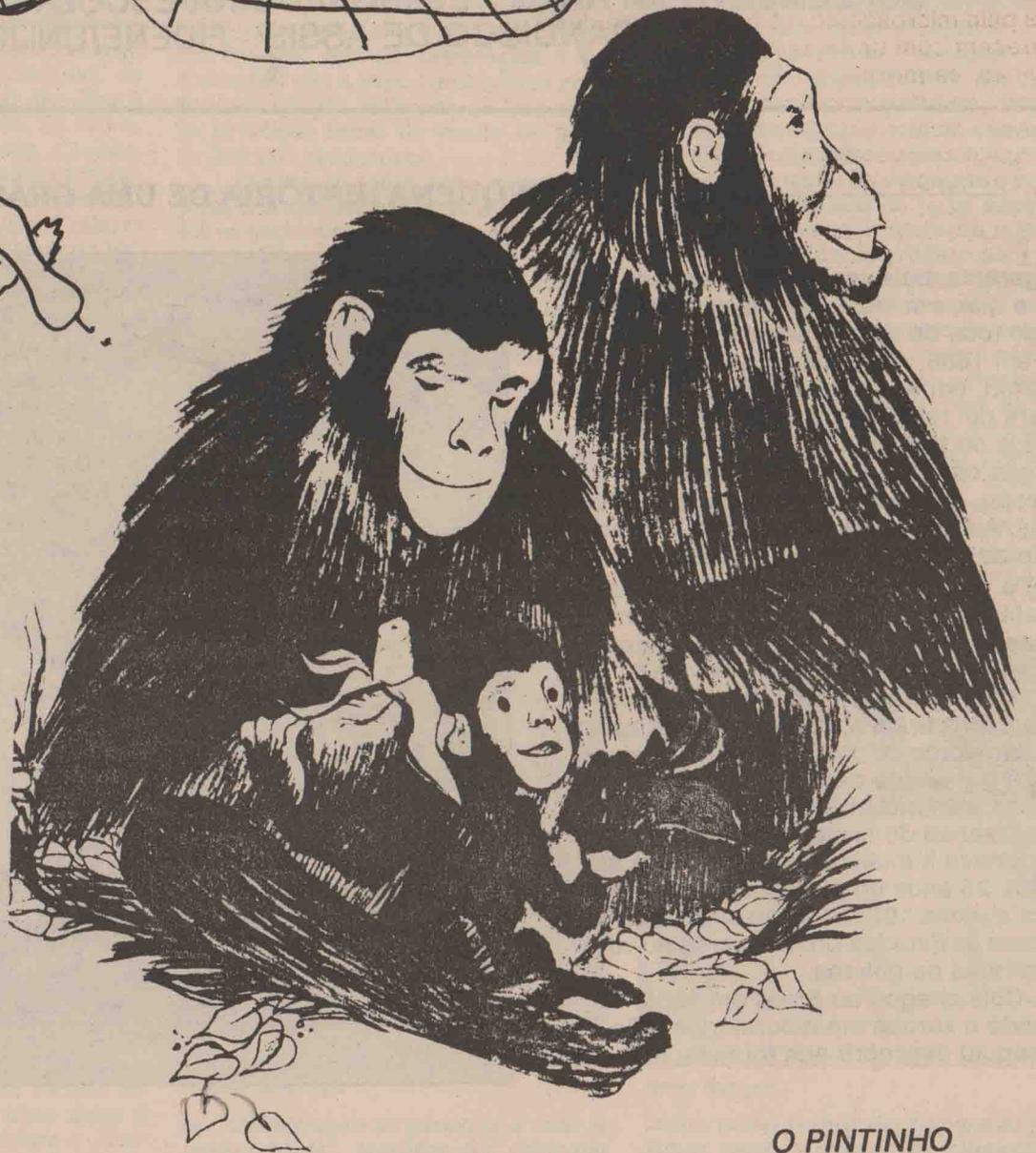
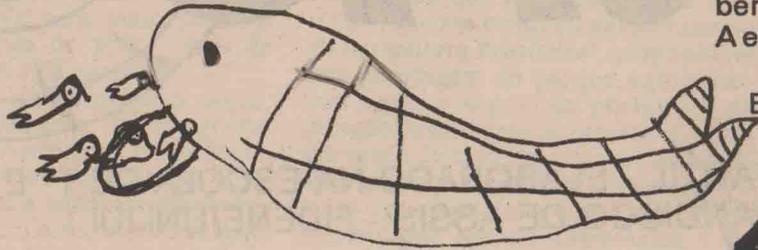
O cavalo-marinho macho é quem fica "grávido". Ele guarda os ovos dentro de uma bolsa. Depois de um gostoso namoro com a fêmea, ela passa de 5 a 8 ovos da sua bolsa para a bolsa dele. Cada ovo é envolvido por uma espécie de esponja de carne que os alimenta. Depois de doze semanas, os filhotes nascem através de um buraquinho da bolsa do pai.

As emas vivem em bandos. Cada bando é formado por um macho e um grupo de 5 a 8 fêmeas. Quando chega a época de desova, o macho constrói um ninho no chão. Ele cava um buraco, forra de folhas e espera todas as fêmeas colocarem seus ovos. O macho choca os ovos durante seis semanas. Cada macho incuba quarenta ou mais ovos. E neste tempo as fêmeas aproveitam para passear. Se no caminho encontrarem algum macho, elas ficam com ele.

Existe um tipo de peixe chamado peixe-de-briga que constrói seu ninho juntando bolhas de ar que ficam juntas na superfície da água. Depois que o ninho está pronto, o macho procura uma fêmea. Corre atrás dela, dá beliscões e bate. E esse tipo de peixe não é um namorado muito gentil. Ele obriga a fêmea a pôr os ovos. Aí os ovos afundam e ficam no fundo. O macho vai até lá, pega os ovos com a boca e os prende no ninho de bolhas.

Curioso é o pombo macho; ele casa com uma só fêmea para o resto da vida, se ela morrer, ele fica sozinho. A alimentação dos filhotes é parecida com a amamentação dos mamíferos. Os filhotes enfiam o bico na garganta da mãe ou do pai para beberem uma substância que parece leite. Esta substância é produzida no papo dos pais.

Algumas espécies de bagres que vivem no mar guardam os ovos dentro da boca. O macho carrega os ovos até se abrirem e nascerem os peixinhos. A incubação leva seis semanas para acontecer. Neste tempo o macho não come.



2

No mês das mães, o que vamos fazer para mostrar o quanto a amamos? Podemos escrever cartas, espalhar bilhetinhos carinhosos no meio das flores ou em corações desenhados com amor. Já pensou deixar mensagens na geladeira? Em baixo da xícara? Ela vai adorar.

E mãe não é só aquela que dá à luz, que gera um nenê. Mãe pode ser a tia, a avó, a madrinha e até o pai. Mãe é quem cuida de nós. É quem faz carinho e nos quer bem.

A esta mãezona um grande e forte abraço.

E na próxima edição: "GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA", MÃE MAIS CEDO...

O PINTINHO

Era uma vez um pintinho que queria passear no bosque mas sua mamãe galinha pediu que ele não fosse, pois havia um gavião faminto que comia pintinhos.

Mas ele resolveu ir assim mesmo, e apareceu o gavião. E a mamãe galinha e o papai galo tiveram que lutar contra o gavião, para salvar o pintinho. Então sua mãe pediu para ele que nunca mais fosse passear sozinho perto do gavião e assim o pintinho o fez.

André Gobbi

6 anos

1ª série

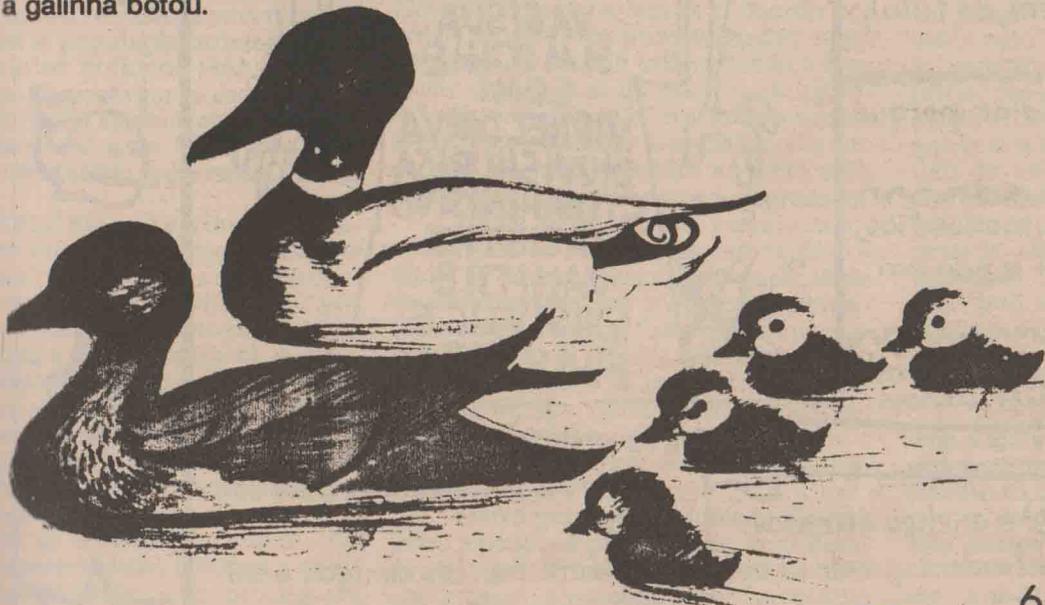
Escola Municipal Francisco Alievi
Município: Coronel Bicaco

O QUE DEVEMOS SABER SOBRE OS BEBÊS

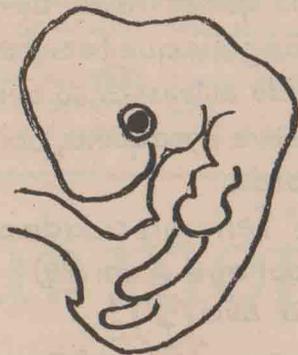
Todos os animais, até os muito grandes, já foram bebês. A vaca já foi bezerro. As galinhas já foram pintinhos. Os gatos grandes já foram gatinho. As mães e os pais e todas as outras pessoas grandes já foram bebês. Todos os filhotes de animais nascem de ovos. Uns nascem de ovos que se pode ver. O filhote de pássaro nasce de um ovo que a mãe bota num ninho. O filhote de tartaruga nasce de um ovo que a mãe esconde no chão. Alguns filhotes nascem de ovos que não se pode ver. O ovo fica dentro do corpo da mãe. Leões, tigres, ursos, macacos e muitos outros animais começam como um ovo dentro da mãe. Os bebês nascem de um ovo dentro da mãe. Você e todas as outras crianças do mundo começaram como um ovinho menor do que um ponto de lápis no papel. O ovo da mãe sozinho não pode fazer um bebê. Ele precisa se juntar a um espermatozóide do pai. Vistos pelo microscópio, os espermatozóides se parecem com umas cobrinhas, bem pequenas, se mexendo. O ovo, cujo nome certo é óvulo, é do tamanho da cabeça de um alfinete. Quando um espermatozóide entra no óvulo, é que um bebê começa a se formar. O óvulo vai se transformando muito, antes do bebê estar pronto para nascer. A figura abaixo mostra um pintinho ainda dentro do ovo que a galinha botou.



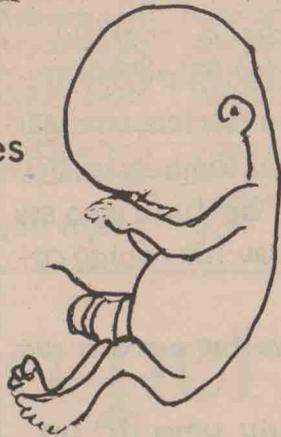
Patos e patas têm patinhos.
Macacas e macacos tem macaquinhos.
Mães e pais humanos sempre têm meninos e meninas.
Todo bebê se parece com os pais em muitas coisas.
Mas cada um é diferente do outro em algumas coisas.
Um bebê pode ter cabelos parecidos com os da mãe e olhos parecidos com os do pai.*
Pode ser que você se pareça com sua mãe, mas pode ser que sua irmã, ou seu irmão, se pareça com o seu pai.
O bebê vai ser menino ou menina?



1 mês



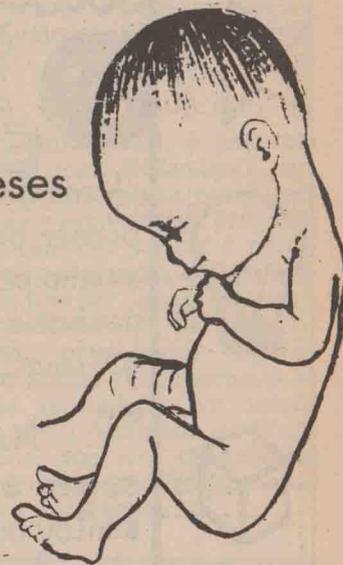
3 meses



6 meses



9 meses



E você era assim, dentro do corpo da sua mãe, enquanto estava ficando pronto para nascer. Leva tempo para um bebê ficar pronto para nascer. Mas nem todos levam o mesmo tempo. Um filhote de rato leva de 20 a 30 dias para ficar pronto. Um cachorrinho leva uns 63 dias. Um porquinho leva 120 dias. Um elefantinho leva uns 600 dias. Uma criança leva mais ou menos 270 dias, 9 meses, para ficar pronto para nascer. Os filhos são sempre do mesmo tipo que os pais.

Vai ser moreno ou loiro?
Quando o bebê crescer, vai ser alto ou baixo, gordo ou magro?
Todas essas coisas dependem do espermatozóide e do óvulo que se juntam. Dentro do espermatozóide do seu pai e do óvulo de sua mãe estavam todas as coisas que formaram VOCÊ.
Todas as mães e pais adoram os bebês e cuidam deles até que tenham idade para fazer tudo sozinhos.

BIBLIOGRAFIA
"O QUE DEVEMOS SABER SOBRE OS BEBÊS"
Luiz Fernando

4



35

divertimentos

por Edson.

Leitor, nesta página há seis divertimentos; as respostas, quando necessárias, estão ao pé da página. Para melhor aproveitá-la sugerimos que você cubra as respostas.

Camiseta enigmática

Descubra o provérbio que Mariana escreveu na sua camiseta, riscando as letras C.H.I.S.V.



1 Descubra qual é a regra da seqüência das figuras.

2 Pegue um dado e convide alguns amigos para jogar. Escolham um objeto pequeno para ser a peça de cada um.

Joga-se o jogo andando-se tantas figuras quantos pontos indicar o dado. Tem mais sorte quem, ao final, parou sobre mais estrelas.

3 O que é o que é?! Fala e não pára de falar porque senão vão achar que foi embora?

4 O que é o que é que tem uma bola dentro, muitos fios, em vez de andar no verde anda no azul e não vai na feira mas tem cesta?!

5 Enquanto você lê a história subscrita os números pelas figuras correspondentes. Depois dê um título a ela.

Era uma vez um (29) que achava que nunca ia conseguir responder perguntas. Ele achava que se uma pergunta fosse um (11), ele acabaria sempre engolido, pois até uma (3) responderia antes que ele.

Mas ele não desanimou! Resolveu estudar, pegou um (33), sentou numa (21) e nem ligou se ele estava sendo como um (2) para aprender.

Em vez de se esconder como um (24), foi viajar num (4) para conhecer outros povos.

Enquanto isso ele ficou

amigo do (14) e encheu diversos cadernos contando o que ele ia vivendo.

Aprendeu a tocar (36).

Andou de (32), (6), (18) e (27). Viu um (23), um (19) na África, uma (22) no Pólo Sul e viu também um (17).

Depois de tudo isso seu pensamento ficou tão rápido como o (31).

Então voltou para a sua terra de (9).

Construiu uma (12) ao lado de uma (8).

Hoje em dia ele traba-

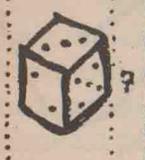
lha em (34), (13) e (16).

Gosta de tomar café com leite.

Tem muitos amigos e só briga com o (26).

Está publicando em (33) os cadernos que escreveu durante as viagens que fez. Está escrevendo outros (33), só que agora escreve à máquina, pois é mais rápido.

Ele é feliz na cidade onde vive, porque é um (29) que fez a sua (7)!



Respostas (18) A cada quatro figuras uma estrela. (38) Veja a figura nº 34 da seqüência (49) Veja a figura nº 6